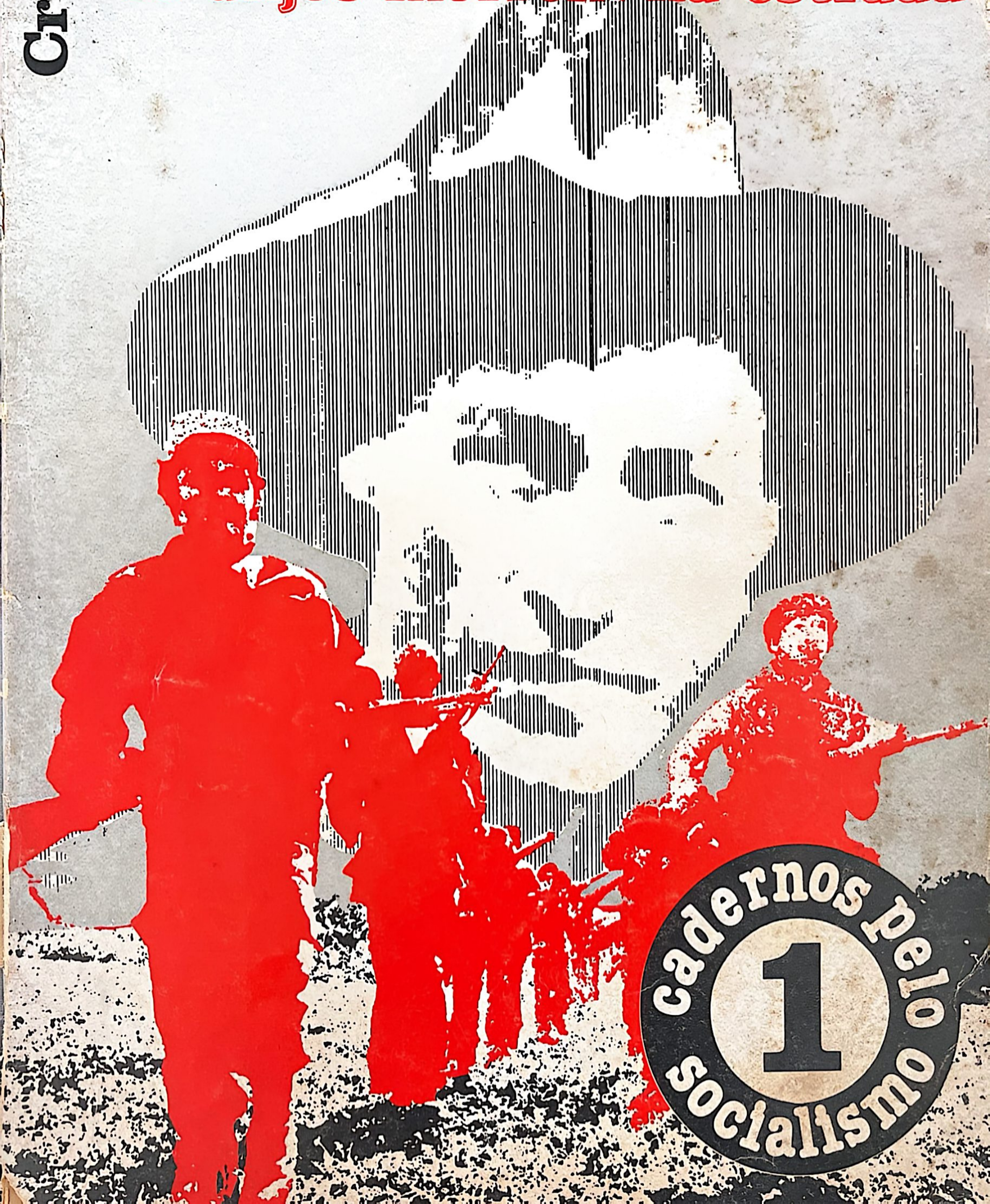
versus

NICARÁGUA GUERRILHEIRA

os anjos morrem na estrada

Cr 55



cadernos pelo socialismo

1

cadernos pelo socialismo

1

versus

NICARÁGUA GUERRILHEIRA

os anjos morrem na estrada

POR HELIO GOLDSZTEJN

Chefe de edição: Omar de Barros Filho
Editores: Enio Buccioni,
Elisabeth Marie, Hélio Goldzstejn
redação: Cristina Ribeiro.
Edição de arte: Sonia Kawa
Administração: Renato Codeço.
Distribuição Versus: Laerte Alberto Júnior, Edson

Cadernos Versus **Pelo Socialismo** *é uma publicação da editora Versus Ltda. Administração e redação à Rua Alfonso Bovero, 815, Pompéia, São Paulo, Capital. Cep 05019*
Composto e impresso
na Editora Jornalística
AFA Ltda.
Av. Liberdade, 704

7	Primeiras palavras	Por que entramos nessa? Nossos motivos.
14	Na trincheira, com os sandinistas	O repórter chaga na Nicarágua conflagrada.
19	O ensaio da dominação	A história da sustentação do regime somozista.
29	Os muchachos de Sandino	Somoza não entrega o poder apenas por palavras.
30	Fala a Tendência Proletária	Um membro da direção dos proletários fala sobre a luta no país.
34	A vez da Guerra Popular Prolongada	A GPP é outra tendência da Frente Sandinista.
38	Encontrei Somoza	Quando vi Somoza, entre sorrisos e metralhadoras, pensei que...
40	E, então, perguntei: señor presidente...	(Uma entrevista exclusiva com o ditador).
42	A OEA condena (mas não resolve)	A OEA fala, condena, fala, condena, fala, condena
44	O torturado	A tortura, a humilhação de um homem nos cárceres da ditadura.
48	Quadrinhos	Uma HQ, que pergunta e responde.
50	Curra. Violência	Ibis é uma militante sandinista. Foi violentada pelos guardas.
56	O coronel que virou a casaca	Um militar na oposição. Será que Somoza resiste?
62	O combatente	Como luta o povo nas ruas contra as armas da Guarda?
66	A festa da morte	Somoza Garcia ria e bebia. Foi quando a arma disparou.
71	Ocotal, a Guernica da Nicarágua	Houve uma Guernica, antes de Guernica.
74	Sandino, Sandino	Uma rápida visita a Sandino e sua lenda.
81	A ilha mágica do poeta da guerrilha	Cardenal é um dos grandes poetas do continente.
85	Poema	Ele viveu no paraíso. Mas Somoza não quer homens felizes.
89	O tempo, a história da história	O tempo parou na Nicarágua? Não!
94	A Nicarágua, a América Latina	Até a próxima!

Compreenda a revolução na Nicarágua. Leve este guia. Avance página por página.

NOTAS DO EDITOR

A presença de nosso repórter na Nicarágua, no momento em que os jornais voltam a noticiar uma nova ofensiva dos guerrilheiros da Frente Sandinista, nos levou a refletir sobre a função do jornalista. A discussão nos levou a real constatação de que a nossa luta para articular as nossas publicações com as grandes forças sociais que estão transformando o mundo, contra uma condição humana indigna, contra a alienação, e contra os dogmas, foi o passaporte que nos levou até as trincheiras da Nicarágua.

A revolução, de modo algum, vai ser uma trégua.

A paisagem da Nicarágua está mudando de cor, foi a primeira afirmação do repórter que voltava, a uma redação ansiosa por notícias.

A paisagem está mudando de cor... a frase era boa. Seu sabor agridoce, e sua economia conceitual, resumiam com precisão os momentos dramáticos que tornam difícil a vida para o povo da Nicarágua, ainda que para os que parasitam em torno do bunker do ditador dinástico, a prova da existência seja uma experiência muito mais cruel. Mas, como diziam Marx e Engels, os trabalhadores só têm as correntes para perder. Mas aqueles que vivem hoje nos jardins da Nicarágua, certamente vão perder muito mais do que um cesto de maçãs.

Alguém comentou ainda sobre a paisagem:
— Há estátuas de barro e estátuas de ferro. Os **muchachos** são rijos, e já fazem parte do panorama que Somoza avista da ponte.

Imagine Somoza quase morto de sede num deserto, arrastando na areia um cofre com sua imensa fortuna pessoal. Alguém teria coragem de lhe oferecer água? Algum partidário mais afeito às delícias do humor negro poderia responder:
— Não, eu lhe jogaria uma nota de um dólar!

Se na Nicarágua fosse costume escrever poemas em muros, há um que mereceria amanhecer nas paredes do bunker que cerca o sono do chacal. É apenas um trecho de César Vallejo, talvez o maior poeta da América Latina, de todos os tempos:

Estáis muertos, no habiendo antes vivido jamás.
Quienquiera diría que, no siendo ahora, en otro tiempo fuísteis.
Pero, en verdad, vosotros sois los cadáveres de una vida que nunca fue.
Triste destino el no haber sido sino muertos siempre.
El ser hoja seca sin haber sido verde jamás. Orfandad de orfandades.
Y sin embargo, los muertos no son, no pueden ser cadáveres de una vida que todavía no han vivido.
Ellos murieron siempre de vida.
Estáis muertos.

(À propósito do poeta, era peruano, e morreu de fome em Paris, onde viveu miseravelmente seus últimos dias. Ano de 1938).

Cem homens armados nas ruas sujas de Esteli mudam o pregão no mercado de escravos. Embora existiam milhões deles no mundo inteiro, é uma mercadoria que às vezes rareia e desobedece às leis da oferta e da procura, desafiando as leis dos senhores, não importando se concordam com a centralização do capital na matriz, ou se não antiquados adeptos do laissez-faire. De qualquer modo, não interessando em que time joguem estes gulosos, cem homens armados guardam Esteli.
Hoje não haverá pregão.
As ações estão em baixa.

O chacal da Nicarágua vive nos pântanos da loucura. É um estranho aos seus, embora como os outros, alimente-se de sua ferocidade.
Gosta de moedas e de caçadores. O ruído da metralha não o assombra.
Imperturbável, sonha com a imortalidade.
Seu nome é ódio, seu nome é Somoza.

A história da literatura não registra a obra **El verdadero Sandino o el Calvario de Segovia**, cujo autor permanece, não entre aqueles que prestaram algum grande serviço à causa das letras, mas sim entre os que, delicadamente, chamamos de "açougueiros dos povos". Anastácio Somoza Garcia, pai do Somoza que hoje frequenta as manchetes dos jornais, escreveu este livro em 1936. Talvez esta tenha sido, afinal, sua principal contribuição à vida: reproduziu fielmente as palavras de Sandino, o general dos homens livres, que vê assim, a essência de seu pensamento revelada pelo homem que foi seu grande inimigo de classe durante toda sua existência e, finalmente, quem lhe tirou a vida.
Disse Sandino:
"... os povos oprimidos romperão as cadeias da humilhação com que os imperialistas da terra nos querem subjugar. As trombetas que ouviremos, serão os clarins da guerra, entoando os hinos de liberdade dos povos oprimidos contra a injustiça dos opressores".
Este era Sandino.

Além de Somoza, na Nicarágua, há uma outra aberração que inquieta os cientistas interessados na vida dos tubarões. Estes animais, não se sabe por que capricho da natureza, acabaram habitando um lago de água doce, nos arredores de Manágua.
Sem dúvida, são grandes os benefícios que o estudo sobre a vida desses tubarões de água doce podem trazer à humanidade. No entanto, dependendo da conjuntura política, o lago tende a ser uma fonte de preocupação para os ministros de Somoza que, num último ato, antes da derrocada, poderiam acabar proibindo o povo de lançar qualquer pessoa aos tubarões, incluindo-se na lei, qualquer membro da família real e da corte. Ou ainda o próprio Somoza.
Dificilmente, alguém levaria a sério semelhante decreto. Tanto é que, nos bares de Manágua, circula uma história sobre o dia em que Somoza resolveu se refrescar no lago.
Escoltado por helicópteros, aviões de combate, anfíbios, e boa parte da Guarda Nacional, nadava ele tranquilamente quando, atrás de si, surge uma enorme aleta de tubarão, que vinha em sua direção. Os guarda-costas deram o alarme, e Somoza passou a buscar a praia. O desespero era total. Mas, à medida que se aproximava da areia, a aleta ia diminuindo.
O general, apavorado, finalmente consegue escapar, sendo logo envolvido em abraços e beijos pelos soldados. Foi aí que um tubarãozinho botou a cabeça para fora da água, e disse:
— Mi general, mi general... mi mamá le dijo para no le tenier miedo de nadar en este lago. Ella dijo que no come mierda!

O SOMBRA

Hoje, dia 13 de fevereiro, não há nada de especial em León. É uma manhã ensolarada, mas amarga e silenciosa. Estou de ressaca porque ontem, depois dos fatos que presenciei, não tive outra alternativa, e bebi alguns goles a mais do rum Flor de Caña, marrom claro, muito popular no país. Caminhando pelas ruas de León tratei, como os outros, de esquecer o episódio de ontem, embora por força de ofício, tivesse me obrigado a voltar ao local dos acontecimentos.

A Igreja do Calvário estava deserta. Olhei para a pesada porta de madeira de lei, ainda manchada de sangue. E vi, outra vez, os corpos dos cinco meninos que, de madrugada, invadiram o templo para protestar contra as demissões dos hospitalários de Manágua, e para apoiar a greve de fome, que alguns dos demitidos estavam fazendo. Eram estudantes, e nenhum deles tinha mais de 19 anos. Mas foram trucidados pela Guarda Nacional.

Ontem, depois das nove horas, quando foram mortos, os sinos das igrejas de León, repicaram em protesto o resto do dia.

Hoje, só poderia ser um dia calmo. Um dia de muitas perplexidades.

— Eles tomaram a igreja por doze horas. Levavam doze laranjas e um balde com água. A Guarda se aproximou disparando suas armas. Os meninos ficaram com medo, e um deles abriu a porta e acenou um lenço branco. A Guarda parou de atirar, e o comandante ordenou que os outros saíssem. Quando eles desciam as escadarias, junto à porta principal, o comandante deu ordem de atirar. Foram fuzilados. (Breve crônica de um dia sangrento para os moradores de León, relatada por um desses cidadãos).

Quem foi o carrasco?

A secretaria de imprensa de Somoza declarou que os meninos estavam armados, e que atiraram contra os soldados. Foi legítima defesa, alegaram os funcionários do governo. Uma defesa eficaz contra doze laranjas, um balde com água, e um lenço branco.

Quem foi o carrasco?

Fui ao Comando Central da Guarda em León, e pedi para falar com o comandante.

Ele está dormindo, me disse um soldado de olhar desconfiado. Insisti, e depois de uns dez minutos, o soldado retornou e disse que o comandante iria me receber.

O Sombra, assim ele é conhecido desde que fuzilou 18 famílias de camponeses, em Rivas. Aceitou conversar desde que o diálogo não fosse gravado. Mas acionei meu gravador, sem que ele percebesse. Registrei uma cena macabra, patrocinada por um descendente de índios que detesta índios, e que quer morrer com um tiro na cabeça. Num furo de reportagem, entrevistei um monstro.

Ele é o verdugo.

Eu quero morrer com um tiro na cabeça! (O Sombra)

P — O senhor estava de serviço durante o que ocorreu aqui em León?
R — Não eu estava em Rivas.
P — Como o senhor vê a situação política atual?
Trata-se de uma guerra ideológica, e não política.
P — Em que sentido?
R — A situação aqui é crítica, pois existem grupos que querem tomar o poder pela força, sem esperar uma eleição popular ordenada. Quem está por trás de tudo isto é o Partido Comunista. Como se sabe, eles nunca atingiram o poder através de eleições, mas, sim, com armas.

P — Mas o que desejam estes grupos?
R — Derrubar o regime estabelecido na Nicarágua. Na América Latina, existem nações democráticas, mas o povo não está preparado para ter uma democracia pura, como a européia.
P — O senhor acredita, realmente, que o povo nicaraguense não está preparado para a democracia?
R — Os países que estão preparados para uma democracia pura, são países como a Suíça, países que possuem um nível cultural bem alto. Estes países estão organizados, e não têm guerrilheiros. Acredito que a democracia é um processo bem complexo, e somente os europeus é que podem concretizar estes projetos.

Quando os espanhóis nos conquistaram, não se preocuparam em acabar com os índios. Se tivessem eliminado o indígena, raça que rejeita a civilização, e não tivessem se misturado a eles, hoje nós teríamos um nível cultural europeu, ou norte-americano. Aí sim, estaríamos preparados para a democracia.

P — Mas a Costa Rica, país vizinho ao seu, vive hoje numa democracia. Como o senhor explica isto, se eles também não possuem uma cultura puramente européia, ou norte americana?
R — Eu não gostaria de falar sobre isto, pois a Costa Rica hoje, está prestando ajuda para uma coisa bem feia. Neste momento, a Costa Rica não está obedecendo nenhum tratado internacional. Eles falam de democracia e liberdade, mas ajudam os guerrilheiros nicaraguenses a derrubar um regime constitucional.
P — Com relação ao regime político, como o senhor caracterizaria a Nicarágua?
R — A Nicarágua sempre teve um caráter democrático, com os seus acertos e seus erros. Mas só os defeitos são realçados. Isto os estrangeiros não entendem. Não se pode analisar a América Latina através de outras raças, costumes e cultura. Se o latinoamericano unir as mãos, como um todo só, não haverá governo, eles derrubariam tudo.
Na América Latina deve haver justiça, mas lavada por uma mão bem enérgica, pois sem autoridade, tudo irá pelos ares.
P — O que passou aqui ontem? Como morreram os rapazes que estavam na igreja?
R — Primeiro, eu gostaria de deixar claro de que tudo que a Guarda Nacional faz é imediatamente criticado. Hoje, nós não temos credibilidade. Se vem uma patrulha, encontra guerrilheiros, e entra em combate, matando-os, todos dizem que Somoza é um tirano. Se a patrulha levar a pior durante o combate, o povo fica alegre. Nós não temos credibilidade.
P — Por que a Guarda não tem credibilidade?
R — Porque o Partido Comunista é o mestre da subversão, e engana o povo. O capitalista pode perceber isto, o povo não. Eles não têm nada a perder.

Eu estive na República Dominicana quando a OEA interveio, para salvar a democracia daquele país, em perigo, ameaçado pelos comunistas. Agora, os atuais governantes da República Dominicana estão dando legalidade para estes grupos. Eu sei o que eless iram fazer. O Irã não é nada, comparando com o que aconteceria aqui, se eles tomassem o poder. Eles são sanguinários. Aqui se arranca os testículos para colocá-los na boca. Eles arrancam a língua dos outros. O nicaraguense é sanguinário. Mesmo Sandino tinha prazer de matar com o seu punhal. Ele tinha um batalhão de meninos que matavam os gringos com seus estiletes e punhais. Os meninos aqui são sanguinários.
P — E como o senhor vê a atual política dos EUA em relação a Nicarágua?
R — Jimmy Carter? O que quer ele? O premio Nobel da Paz? Ser o homem do troféu? Se Carter quer fazer uma cruzada pelos direitos humanos, deveria providenciar uma ajuda substancial para os países subdesenvolvidos. Deveria começar eliminando o rascismo em seu próprio país. Os americanos estão enganados, pois quem ganha com isto é o Partido Comunista.

Carter, para mim, é um inocente político. eles já perderam o Irã. Mas, eu não sou político, sou um coronel, e comandante de tropas. Eu quero morrer em combate com um tiro na cabeça.
P — E a oposição, coronel, como o senhor a vê?
R — Eu compreendo que existe uma forte oposição contra o governo, hoje em dia. Em alguns pontos, eles tem razão mas, o Partido Comunista se infiltra na oposição, provocando raiva do povo contra o governo.
P — O senhor, como comandante de tropa, já combateu muito?
Como caracteriza estes combates? Com que países se poderia fazer uma comparação?
R — Sim, eu sempre combati. Nosso combate é tipicamente antiguerrilheiro, o mesmo que foi no Vietnan, no Laos.
P — Na sua opinião, por que o povo tem tanto medo da Guarda Nacional?
R — Eu vou lhe responder fazendo-lhe outra pergunta. Quem tem mais medo: o povo da Nicarágua,da Guarda Nacional, ou o povo brasileiro ao exército do Brasil?

Durante nossa conversa ele tomou uma garrafa de Whisky importado, que os oficiais podem comprar, a preço de custo, em lojas especiais. Seu Nome? Vicente Sússiga, O Sombra.

NICARÁGUA, YOU WILL LOVE IT!

As luzes de neón vistas a bordo do avião, mostravam a conformação de uma cidade.

As modernas instalações
do vazio aeroporto de La Mercedes,

não indicavam que eu encontraria uma cidade fantasma. Manágua é inatingível. As estradas passam por quarteirões habitados para logo avançar para o nada.

O avião, a conversa interrompida, a Força Aérea Nicaraguense, o chanceler Quintana das relações exteriores, e Manágua revelam a rebelião iminente.

Somoza é um homem acuado. Vive no bunker, e só passeia de helicóptero.

Eu estava ali. Na minha frente, Anastácio Somoza Debayle, o ditador da atual dinastia Somoza, uma das mais velhas do mundo, que há 45 anos domina a ferro e fogo este país. A entrevista é interrompida pelo telefone, que o chamava insistentemente. Era Luis Pallais, sua mão direita. Era o diretor de Novedades, jornal oficial da família Somoza.

O tirano ouvia com atenção o que Pallais lhe dizia do outro lado da linha. Meu gravador continuava ligado, e Somoza começou a responder em inglês para que eu não o entendesse.

Desligou o telefone e continuou a responder minha pergunta sobre a situação dos direitos humanos na Nicarágua, e sobre a conclusão negativa a que havia chegado a Comissão de Direitos Humanos, enviada especialmente pela OEA. Eu não podia desviar minha atenção do poster, que estava atrás de Somoza. A Mafalda, a deliciosa personagem de Quino, bem atrás do ditador. "La situación está que eh!", eram os dizeres do poster. Mafalda estava triste, com uma das mãos sustentando o queixo.

No bunker, não há lugar para sorrisos...

Durante a entrevista, Somoza declara que seu filho Anastácio Somoza Portocarrero, apesar da inconstitucionalidade, pois não terá 35 anos em 1981, poderia vir a ser o próximo presidente da Nicarágua.

– Caso o povo da Nicarágua o escolha.

Ahora bien, perguntei, senhor presidente, durante os acontecimentos de setembro, muitas cidades nicaraguenses foram bombardeadas. Estely, Masaya, Leon e outras. O senhor acredita que isto foi necessário?

Ele fez uma pausa antes de responder. Olhou nos meus olhos, encheu o peito, e disse:

– Eu, como comandante em chefe de Forças Armadas, que constitucionalmente estão neste país, tenho que obedecer as exigências dos cidadãos que estão lutando pelo seu bem estar. Se eles solicitam apoio aéreo sobre as posições tomadas pelos insurgentes, então tenho que dar. E se com esse apoio aéreo, eu vou terminar com uma guerra rapidamente, eu considero necessário.

E de fato, ele considerou necessário assassinar dez mil nicaraguenses durante a semi-insurreição da Frente Sandinista em setembro do ano passado. As cidades que sobraram do terremoto de 72, voaram pelos ares, pois Somoza considerou necessário. A Nicarágua se transformou em mil Guernicas, em setembro. A Força Aérea Nicaraguense (FAN) não procurava alvos militares mas, sim, as casas, o comércio, o mercado, as praças, as escolas e... os jovens, principalmente os jovens. Eles poderiam ser os futuros guerrilheiros. Havia que lutar pelo "bem estar" deles, matando-os. E Somoza mandou matar todos os que aparecessem pela frente da Guarda Nacional – exército privado da família Somoza, ambos produtos diretos da intervenção norteamericana, e assim sempre se comportaram durante mais de 50 anos.

Em 2 de janeiro de 1927, com frases semelhantes pronunciadas décadas depois para justificar a intervenção americana no Vietnã, o sub-secretário de Estado dos EUA, Robert Olds, redigiu um memorando confidencial, no qual sintetizava os objetivos da política dos Estados Unidos na Nicarágua: "A área centroamericana, incluindo o istmo do Panamá, constitui uma legítima esfera de influência dos Estados Unidos, se levarmos em conta nossa própria segurança e proteção".

A ofensiva de setembro foi encabeçada pelos terceiristas, que sem maior planejamento, comunicaram às outras duas tendências, a Guerra Popular Prolongada e a Tendência Proletária, que eles partiriam para a ofensiva, naquele mês, de qualquer maneira. Para as outras tendências, não restou muita alternativa. Era sim ou não.

O ódio das massas nicaraguenses é tão velho quanto a ditadura, e o povo acreditou que los muchachos, desta vez acabariam com o chacal e sua dinastia. Todas as cidades lutaram. Algumas foram "liberadas" por pouco tempo. Um dos bairros mais heróicos foi o de Monimbó, na cidade de Masaya. O povo estava organizado por quarteirões, e resistia violentamente, apoiado pela Frente Sandinista. Nestes dias, que governou Masaya, Estelí, León, Chinandega, foi o povo e a Frente Sandinista.

A Guarda Nacional não entrava mais nestas cidades. Velhas e crianças armadas, à espera dos guardiães da dinastia, que nunca vinham. Foram 15 dias de vitória. Mas eles chegaram. Primeiro com os aviões, e depois pelas estradas, destruindo tudo. O inimigo era o povo, então era necessário exterminá-lo, matando-os em suas casas ou nas ruas. Muitos foram queimados vivos, outros ficaram cegos, feridos e mutilados, enquanto Managua, na segurança do bunker, o chacal vencia mais uma vez, e a Nicarágua ficaria ainda condenada ao sangue e ao lamento.

Senhores passageiros, queiram desculpar o incômodo, mas as autoridades nicaraguenses exigem que seja feita uma dedetização neste avião, antes de aterrissarmos no aeroporto internacional de la Mercedes..'

O Boeing da Sahsa, companhia hondurenha de aviação, aterrissou na pista do aeroporto de Manágua. Antes que o avião se detivesse, retirei minha maleta e avancei para o corredor.

Os turistas que lotavam o avião, me olhavam espantados. Fui o primeiro e único a descer. O avião seguiu para Honduras.

Nicarágua, You Will Love It!

Dizia o quadro luminoso que estava bem atrás do inspetor da alfândega. No quadro, fotos de um povo feliz.

Segui imediatamente para o sindicato de rádio-jornalistas, em busca de informações. Davi, um radialista, se ofereceu para me acompanhar ao bunker. Fomos em busca de uma credencial de jornalista, que iria me autorizar a trabalhar no país de Somoza.

A credencial foi dada pela Casa Presidencial. Paramos o carro em frente ao hotel Internacional. Dali seguimos a pé, em direção ao bunker, uma mistura

O governo gastou os dólares de ajuda às vítimas do terremoto em clubes e palacetes.

monstruosa de palácio presidencial e quartel-general do exército, onde jeeps, tanques, metralhadoras, ministros e embaixadores, se misturam em uma atividade fabril sob a proteção de uma aberração arquiteetônica e histórica, à prova de bombas, ataques aéreos e... sandinistas!

Manágua é uma cidade destruída. O terremoto acabou com o antigo centro. A enorme ajuda internacional recebida para a reconstrução desta cidade, foi utilizada pela administração Somoza em clubes e residências de luxo para os oficiais da Guarda Nacional. Não existem ruas, foram substituídas por duas estradas que interligam o que sobrou da cidade. Na verdade, o cenário me fez recordar de Edgar Allan Poe, Legs e o distinto Hugh Tarpaulin, que corriam nas margens do Tâmisa, pelas ruas de Londres exasperada pela peste.

Manágua é inatingível, pois sempre se estará chegando à cidade sem alcançá-la porque as estradas passam por quarteirões habitados para logo avançar para o nada. Este é o feudo de Somoza. Aqui é o centro nervoso das atividades da Guarda Nacional no país.

O chanceler Quintana, considerado a cabeça pensante do regime daria uma entrevista coletiva no dia de minha chegada. Ele acabava de retornar de Puebla, no México, onde cumprimentou o papa, e entrevistou-se com o chanceler da Costa Rica. Resolvi assistir a "conferência", ainda que pudesse imaginar de antemão o que seria aquilo. É costume que essas entrevistas oficiais terminem sempre dominadas pelos orelhas — espiões travestidos de repórteres, que intervém sempre, e quando o ambiente começa a tornar-se difícil para as autoridades. E foi o que aconteceu.

— Nosso país não pode mais admitir, não pode assistir de braços cruzados, a interferência sistemática do governo da Costa Rica nos assuntos internos de nosso povo. Condenamos o governo do senhor Carazo, por fornecer apoio tático e material, além de possibilitar a instalação de acampamentos guerrilheiros em seu território, para desfrute das brigadas comunistas internacionais.

Este era o tom da entrevista. Esta era a desculpa diplomática para justificar os bombardeios da FAN em território costarriquenho. Os orelhas se esmeravam, o chanceler respondia com verdadeiro prazer às perguntas que apontavam a Costa Rica como causadora da guerrilha nicaraguense, em conluio não se sabe com que objetivos, com o "comunismo internacional". O banquete do tirano e dos seus acólitos estava servido.

Três meses mais tarde, foi assinado um tratado entre os EUA e a Nicarágua, no qual os marines norte americanos que tinham invadido o território nicaraguense já há alguns anos, se retirariam do país somente quando surgisse uma guarda nacional que os substituíssem. Além disso, o acordo estabelecia que esta guarda pretoriana deveria ainda ser treinada pelos mestres americanos. E desta forma, surgiram os guardiães da dinastia.

A TEORIA DA DOMINAÇÃO

Quais são as forças econômicas que sustentam o regime de Somoza? Como foi construído o seu império financeiro?

Respondemos: é inegável que, através da história, a dinâmica de acumulação do capital esteve sempre ligada a situação internacional.

No entanto, as condições do país, com uma burguesia dependente, e o campesinato e o proletariado superexplorados...

(Bem, vamos entrar nos detalhes da operação nas próximas cinco páginas).

Como o sistema somozista se mantém? Quem ou o quê o sustenta? Qual a sua história econômica?

É inegável que, historicamente, a dinâmica da acumulação de capital da Nicarágua esteve sempre ligada às condições internacionais. Dentro da clássica divisão internacional do trabalho, o país se inseriu nela, inicialmente, com a cultura do café, e mais tarde, a partir dos anos 50, com o algodão, o que marca uma nova etapa em sua história política e econômica. Hoje, com base nos avanços tecnológicos-financeiros dos centros hegemônicos da economia mundial, a Nicarágua, como ocorre nos países coloniais e semi-coloniais, busca se adaptar a esta nova situação.

As modificações de caráter interno, alteraram as relações sociais de produção, assim como oo grau de desigualdade no desenvolvimento capitalista da Nicarágua. Entre estas modificações, poderíamos destacar três processos bem diferentes:

1. — O maior grau de desenvolvimento do capitalismo na agricultura, alcançado com o processo do cultivo de algodão, o que repercutiu intensamente no crescimento mais acelerado de um numeroso grupo social, composto pelos trabalhadores do campo.

2. — A criação do Mercado Comum de Integração Econômica Centro-americana, que deu lugar ao crescimento do setor industrial, e a consolidação do proletariado industrial, como grupo mais compacto.

3. — A consolidação do poder econômico do Estado.

Termina a paz

A década de 50 marca um período de franca recuperação da economia nicaraguense, em relação à anterior estagnação dos anos 30. O algodão consolidou, definitivamente, o caráter exportador dos produtos primários, e acelerou o processo de desenvolvimento das relações de produção capitalistas na agricultura.

Também permitiu a acumulação de excedentes substanciais, que serviriam, mais tarde, para a formação de uma parte do sistema financeiro privado, além da consolidação do Estado, e de suas atividades econômicas. Esse fato provocou o crescimento das principais cidades do litoral do País, no Pacífico.

O cultivo de algodão apoiou-se, fundamentalmente, na superexploração da força de trabalho, e na existência de terras virgens, que puderam ser incorporadas à produção ,algodoeira, além da expropriação de terras utilizadas, anteriormente, na atrasada cultura de subsistência. O efeito imediato desta medida é a redistribuição social da propriedade, em benefício dos capitalistas agrícolas.

É interessante ressaltar que a plantação de algodão requer somente 25 mil trabalhadores permanentes, e 200 mil trabalhadores temporários.

Estes últimos terão que se ocupar, durante os períodos mortos, em outras atividades rurais, ligadas à pequena propriedade, para sobreviver.

A bonança do setor externo termina no ano de 1956, com o justiçamento do ditador Somoza Garcia, pai do atual presidente. Ou seja, as medidas econômicas repressivas que, habitualmente, os capitalistas impõem nestas épocas, combinaram-se com medidas repressivas de carácter político. Foi um ano conturbado na Nicarágua, com levantamentos armados, dirigidos pela burguesia, na tentativa de empalmar o poder dos Somoza. Era uma fração descontente com os rumos do país. Os Somoza representavam ainda, tudo aquilo que o próprio capitalismo já superara anteriormente. No entanto, também eles buscariam desesperadamente sua própria modernização.

Mercado Comum X Reforma Agrária

A década de 60, inicia o projeto de implementação do Mercado Comum, influenciado pelo projeto desenvolvimentista dos Estados Unidos para a América Latina, como resposta à revolução cubana. A reforma agrária, como fruto do projeto burguês, foi excluída destes planos, orientando-se o país mais para a indústria e o comércio. A burguesia nicaraguense não estava, e não está, em condições de levar adiante um projeto de reforma agrária, de redistribuição de terra, ou alterar, com profundidade, a forma de organização predominante no campo — o latifúndio.

Nos países atrasados, a principal fonte de renda do sistema capitalista, esteja ele com uma roupagem ditatorial ou não, será a exportação dos excedentes agrícolas para o mercado mundial. O Mercado Comum joga, neste período, um papel importante, criando condições favoráveis a uma reorientação do capital local e estrangeiro para o setor industrial, sem gerar conflitos entre burgueses e latifundiários.

Assim, grupos burgueses flutuam, indistintamente, entre suas atividades comerciais, industriais, financeiras, e agro-exportadoras, obscurecendo, desta forma, a linha de demarcação entre as distintas formas de capital.

A cara nova de Somoza

O Mercado Comum favorece o crescimento e a expansão da indústria ligeira e moderna, intimamente ligada ao capital estrangeiro. Manágua é um exemplo desta política, pois lá estão as principais fábricas, de alta produtividade. Nos anos 60, surge o embrião da classe operária industrial nicaraguense, cujos membros, antes, faziam parte das camadas de trabalhadores artesanais. Ao mesmo tempo, se dá um processo de rápida urbanização.

Anastacio Somoza Debayle assume o poder num momento de transição, de um auge econômico a uma situação de crise e depressão, em 1967.

O ano seguinte, o primeiro deste Somoza, foi ainda de estagnação das exportações e do investimento privado. Este período se estende até 1972. A dívida crescia descontroladamente, o Mercado Comum entrava em decadência, e a crise se estendia até o latifúndio. O que salva a situação, paradoxo, é o terremoto de 1972, que retira a economia da falência em que estava mergulhada: a destruição quase completa de Manágua e de seu comércio provoca, contraditoriamente, a necessária reposição de todos estes artigos de consumo. A rentabilidade quase assegurada destas atividades comerciais é determinante para dar um impulso considerável ao setor privado e público, além de reaquecer a economia em seu conjunto.

Marco Zero

Tudo destruído, havia que levantar a indústria e o comércio, e foi ali que a atividade econômica se concentrou. Novos centros comerciais, indústrias, habitações, empréstimos externos. Reflexo decorrente desta política: o processo irreversível de proletarização da classe média, cada vez mais endividada e empobrecida, uma maior concentração dos monopólios na estrutura produtiva, inflação desenfreada, e a agressão direta à classe trabalhadora no campo e nas cidades, via congelamento de salários.

— Trabalhadores, apertem os cintos. É hora de austeridade...

A partir de 1973, e nos próximos meses, o movimento operário entraria em ascenso, e reivindicaria melhores condições de vida e salário. As greves e paralisações passariam a fazer parte do dia a dia da patronal nicaraguense.

No entanto, a burguesia ainda impõe suas condições, e adota medidas repressivas para manter suas altas taxas de lucro. O movimento operário, no ano seguinte, entraria em refluxo. O desemprego atingiria níveis altíssimos, e a inflação romperia todos os índices anteriores, provocando um empobrecimento geral. O governo decreta a lei marcial, o estado de sítio. A censura à imprensa é total. As tropas estão nas ruas, e os guerrilheiros também.

Mas, somente no ano de 1977, há um revigoramento das lutas populares, e as mobilizações são cada vez mais frequentes. O movimento é mais forte em Manágua, onde a concentração das atividades nervosas do país é maior.

No início do século, a Nicarágua converteu-se em uma espécie de protetorado norteamericano na América Central. Os interesses dos banqueiros de Wall Street eram guardados com a presença de tropas do exército norteamericano em todo o país.

Nessa época, no período de 1909 até 1926, os Estados Unidos dão todo seu apoio à oligarquia rural nicaraguense, até então o setor dominante da economia do país, representado fundamentalmente na cultura cafeeira.

Já a partir de 1926, esse apoio vai tomando-se mais fraco, principalmente a partir do momento em que o setor burguês agro-exportador se fortalece e torna-se uma "carta-de-relevo" para seus interesses tanto econômicos quanto políticos e militares.

Na década de 60, por exemplo, a Nicarágua serviu de base de apoio para a invasão americana na Baía dos Porcos, em Cuba e participou ativamente, anos depois, da invasão da República Dominicana.

A importância estratégica da Nicarágua, ultrapassa o grau de envolvimento econômico dos Estados Unidos nesse país. Atualmente, essa situação é evidente, e os investimentos diretos norte americanos no país descresceram, sendo que trata-se muito mais de defender o que já existe do que procurar novas fontes de lucro.

Na verdade, o pequeno mercado interno nicaraguense, a ausência de fontes minerais, e a extensão do império econômico da família Somoza, tornaram o país, menos atrativo aos capitais norteamericanos, embora nenhum outro país latinoamericano seja aberto e receptivo aos investimentos estrangeiros.

Porém, o capital privado norteamericano domina alguns dos mais importantes setores da economia: gêneros alimentícios, agroquímica, madeira e turismo. Entre os maiores investidores estão incluídos a Exxon, a United Brands, a U.S. Steel e a Adela, uma multinacional com sede em Luxemburgo. A dívida externa de US$ 1,1 bilhão representa 55% do produto nacional bruto, e cerca de um terço dela, são empréstimos feitos aos bancos norteamericanos.

Na década de 60, esses investimentos cresceram, com a criação do Mercado Comum Centro Americano, dominado pelos Estados Unidos. Na verdade, uma junta estrangeira, que elabora formas de conseguir vantagens para expandir e proteger seus mercados, adotar fortes incentivos fiscais e conseguir mão-de-obra barata. Para ajudá-los, Somoza institui, recentemente, "zonas-francas", para fornecer às companhias norteamericanas, facilidades para sua produção, transporte e poder.

Somente a partir da II Guerra Mundial, uma base infraestrutural mais sólida (incluindo eletrificação, estradas e meios de comunicação, portos, atividades financeiras) foi criada na Nicarágua. E, a partir daí, pode se desenvolver a cultura intensiva do algodão, transformando-se a agricultura tradicional. Sob a produção algodoeira, a propriedade da terra foi centralizada gradativamente, pondo fim à velha dicotomia Conservadores — Liberais, que marcou a história da Nicarágua por mais de 100 anos, e o desenvolvimento de uma moderna burguesia foi estimulado. Paralelamente, a expropriação da terra dos camponeses, acelerou o processo de formação de um proletariado rural no país.

A partir do final da década de 40, as estruturas e práticas fiscais que haviam enriquecido os bolsos de Somoza, tornaram-se conflitantes com a necessidade de modernizar a produção e criar novas oportunidades de investimento. Sob pressão dos Estados Unidos, a política fiscal e de crédito foi liberalizada. Planos de investimento a longo prazo foram elaborados, e o sistema bancário foi reorganizado, tudo tendo como meta o crescimento da produção agrícola da Nicarágua.

A nível das classes dominantes distinguem-se, então, a tradicional oligarquia agrária, a moderna burguesia e, por último, o imperialismo norteamericano, que militarmente apoiou, a princípio, Somoza, e economicamente mantém laços com a burguesia local.

No início dos anos 50, a espetacular elevação da produção algodoeira, acompanhada da elevação dos preços do produto no mercado mundial, abranda a oposição do setor burguês ao governo Somoza.

O sentimento nacionalista burguês é cada vez mais fortalecido e, fundamentalmente, a partir dos anos 60, a burguesia como um todo faz oposição ao regime somozista. Aliada ao imperialismo que, gradativamente, vai modificando sua política exterior com relação Nicarágua, busca encontrar uma alternativa de governo à ditadura, mantendo, é claro, a ordem capitalista.

Não é difícil explicar essa posição, assumida tanto pelo imperialismo, como pela burguesia nicaraguense. Com a verdadeira "instabilidade" interna do país, que depende em grande parte do mercado internacional, também em crise, os ciclos de depressão econômica da Nicarágua se acentuam, e tornam-se cada vez mais frequente. As mobilizações populares, os ataques guerrilheiros, a formação de organizações operárias e classistas, e o desafio de setores da pequena burguesia, fazem com que o regime perca a credibilidade dos setores dominantes dos investidores estrangeiros, preocupados com possíveis rebeliões das massas exploradas do país, que possam se tornar incontroláveis.

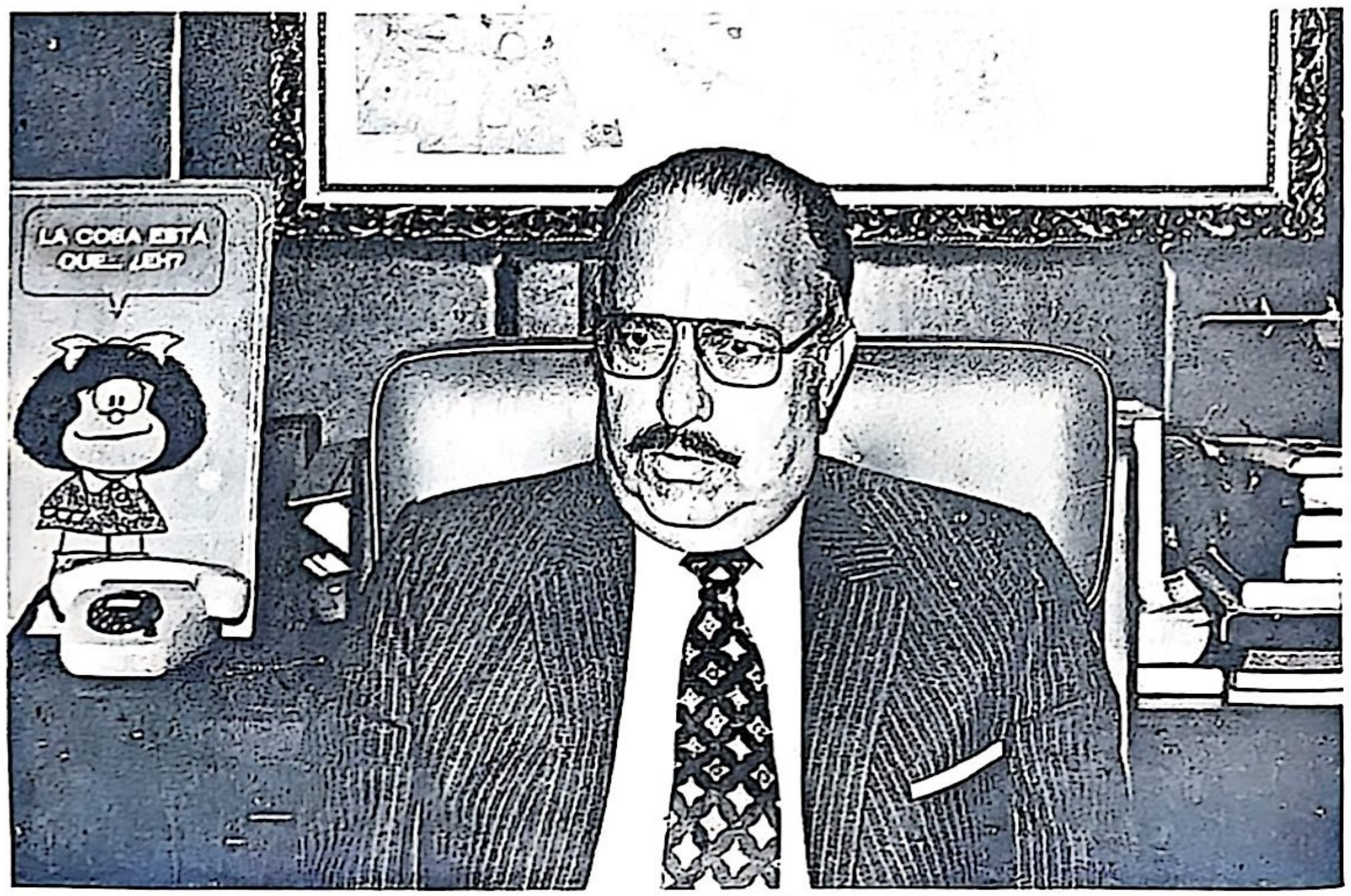
Atualmente, os movimentos políticos da burguesia, como a FAO (Frente Ampla de Oposição) e o MDN (Movimento Democrático Nicaraguense), tentam colocar alternativas que possam receber o apoio tanto do imperialismo, quanto da Frente Sandinista.

Dentro da estrutura social da Nicarágua, surge ainda uma outra camada, grupos de médios e pequenos capitalistas, o pólo mais fraco de resistência. Nas cidades, onde se radica a maioria deles, são fracos política e economicamente. A cada terremoto que sacode o solo nicaraguense de tempos em tempos, e a cada bombardeio, esse setor é praticamente destruído.

A cada dia que passa, cresce a proletarização dessas camadas médias. Outra opção, surge na especulação comercial, no contrabando, ambos incentivados por Somoza. E, dessa maneira parasitária, vão enfrentando a crise econômica. Isso faz com que esses setores pequeno burgueses, transformem-se, na maioria das vezes, no pólo mais reacionário da sociedade, apoiando o regime. É o que, comumente chamamos de "lumpem-proletariado", que comporta também os setores médios do campesinato, desapropriados pela família Somoza.

Porém, surge, também, o lamento e a fúria por parte de alguns. Radicalizam-se e lançam-se na oposição feroz ao somozismo, procurando muitas vezes organizarem-se politicamente, de forma independente. Por exemplo, no Partido Liberal Independente.

Vacilantes, e indefinidos politicamente, hoje



estão sendo ganhos pela oposição nicaraguense, e jogam um papel importante na luta antiditatorial, podendo vir a levantar as mesmas palavras de ordem da classe trabalhadora nicaraguense.

Na Nicarágua, alguém planta o algodão, o café, a cana de açúcar. Alguém produz, e reproduz o valor dessas atividades. Muitos conseguem trabalhar o ano todo, outros, a exemplo dos nossos bóias-frias, ficam grande parte do tempo sem trabalho, sendo obrigados a procurar outra forma de subsistência. Geralmente, vão para as cidades, e lá engrossam o lumpem-proletariado, aumentam ainda mais a população sub-empregada, ou então permanecem na mais completa marginalização social.

Esta, na verdade, a situação do proletariado agro-industrial nicaraguense, que devido a toda sua situação miserável, é portadora de um grande potencial revolucionário.

O campesinato nicaraguense foi a fonte de quadros do exército de Sandino e, atualmente, são os que constituem a grande maioria dos homens da Frente (Sandinista) de Libertação Nacional. Sua palavras de ordem, expressa-se, fundamentalmente, na luta pela reforma agrária, expropriação das terras, invasões das fazendas.

Esses homens foram os que sentiram toda a violência da Guarda Nacional, e formam o maior contingente populacional do país, sendo que sua consciência anti-somozista, faz-se sentir desde o início deste século.

Já o proletariado urbano, muito embora não seja o mais importante numericamente, é um dos mais combativo e organizado do país. A concentração do proletariado urbano nicaraguense ocorre especialmente, em Manágua, León, Chinandega e Carazo, cidades da costa pacífica.

É um proletariado jovem, que tem suas origens no lento processo de desenvolvimento industrial da Nicarágua, a partir dos anos 50.

Mas, num país onde as cidades renascem de suas cinzas, para serem novamente destruídas pelos bombardeios somozistas, seu centro nervoso não funciona. Não funciona o comércio, não funcionam as indústrias.

O operariado, encontra em sua frente, a curva ascendente e assustadora do desemprego, da inoperância dos serviços sociais públicos, da corrupção, da violência e da exploração.

Hoje, alguns lutam na FSLN, outros, a grande maioria, lutam através de seus organismos de classe, como a Confederação Geral do Trabalho, a Central de Trabalhadores da Nicarágua, e o Partido Socialista (leia-se Partido Comunista).

O regime somozista resistiu aos tremendos lock-outs organizados massivamente pela burguesia, a uma sucessão de ações violentas das massas, ações guerrilheiras que se situam entre as mais espetaculares da história e, praticamente, a todo tipo de ofensiva militar. Se apesar de tudo isso, Somoza se manteve no governo, isto se explica pela função especial que desempenha o somozismo na estrutura de poder da Nicarágua. Somoza não é um simples ditador latinoamericano, e sua dinastia hereditária não significa simplesmente uma outra forma de governo, mais ou menos estável, ou transitória.

A formação do estado burguês na Nicarágua, a partir da independência a frente à Espanha, foi lenta e difícil. as camadas sociais dominantes viram seus projetos políticos alterados, vez ou outra, pelas intervenções dos norteamericanos, e pelas mobilizações camponesas. A guerra civil efetiva, ou latente, foi a expressão constante das divisões originadas no interior da oligarquia, devido aos choques sociais, e às dificuldades de constituição de um estado, com o monopólio do exercício da violência.

A guerra sandinista destruiu, por fim, nos anos 30, toda a débil estrutura anterior do estado. Este teve que ser reconstruído, sob a proteção do exército norteamericano de ocupação. O produto dessa intervenção foi o regime e de Somoza, onde forma e conteúdo se confundem; a primeira estrutura de poder estatal burguês nicaraguense, que se mantém estável por um longo período, desde a independência do país.

Quando Tacho Somoza tomou o poder em 1936, ele não possuía mais do que uma propriedade quase falida de café. Quando foi assassinado em 1956, as estatísticas mais conservadoras estimavam sua fortuna por volta dos US$ 60 milhões de dólares. Seu ativo incluía 10 por cento da terra arável do país, 51 fazendas de gado, 46 plantações de café, e várias propriedades em Manágua, bem como ações em várias companhias industriais.

A fortuna dos Somoza, cresceu a medida que um membro sucedia o outro no poder. Atualmente, ela está calculada em torno de US$ 400 ou US$ 500 milhões de dólares, e possui inclusive conglomerados internacionais. Aproximadamente, um sexto do território nicaraguense, e 30 por cento das terras produtivas do país, pertencem ao

clã Somoza, bem como as maiores 26 companhias industriais da Nicarágua. Basta observarmos uma lista parcial das propriedades sob o controle dos Somoza:

setor agrícola: tabaco, açucar café e arroz.

indústrias: sal, pesca, refinarias e destilarias, laticínios, frigoríficos.

Setor de distribuição: veículos motorizados.

Setor de comunicações: jornais, estações de rádio, e a única estação de televisão existente no país.

Setor de transportes: companhias aéreas, marítimas, e portos.

Bancos e seguros: companhias financeiras (empréstimos e seguros), e financiamento industrial, e para construção.

Não bastando tudo isso, o império somozista estende-se a outros países da Améca Central, embora não seja conhecido seu valor real. Sabe-se sim, que Somoza possui ainda ações da U. S. Steel, da Pan American, do Intercontinental Hotel, e propriedades na Califórnia, Southwest e Flórida.

A cada ano que passa essa fortuna tende a aumentar. Atualmente, devido à instabilidade da situação interna do país, suas propriedades materiais, que não foram trocadas por dólares, e mandadas para um banco suíço, estão hipotecadas no Banco Nacional, do qual a família Somoza é o maior acionista.

Crise da dominação burguesa

Quando a partir dos anos 70, o enorme ascenso do desenvolvimento de massas precipita a crise política na Nicarágua, e o regime de Somoza começa a ver desmoronar sua base social, na verdade, isso significou que toda a estrutura do poder burguês viu-se ameaçada de morte.

A crise do somozismo é a crise do estado e suas instituições, em toda sua dimensão. É uma crise agudíssima da dominação de classe da burguesia, que havia encontrado em Somoza, a primeira forma de estruturação sólida e segura. Se Somoza, apesar de sua debilidade, não cai, é porque seu regime ocupou todo o espaço político. Ainda não existe uma alternativa burguesa que possa substituí-lo.

Desde o assassinato de Pedro Joaquim Chamorro, em 10 de janeiro de 1977, e mais particularmente a partir do primeiro lock-out geral contra Somoza, a Nicarágua vive vários processos simultâneos e interconectados. Por um lado, um extraordinário ascenso de massas, que se traduz em manifestações de ruas, greves estudantis e operárias, levantamentos urbanos espontâneos. Do outro, a formação em todo o país, estimulada de certa forma pela FSLN, de pequenos comandos militares onde participam todos os setores da sociedade. E em terceiro, a estruturação de todas as forças políticas de oposição em um bloco denominado FAO (Frente Ampla de Oposição), que não consegue ocultar a heterogeneidade de seus componentes.

Quando em 12 de agosto de 1978, um comando da FSLN tomou o Palácio Nacional, o movimento de massas apoiou-o, e encontrava-se em pleno ascenso. Havia greve geral nos hospitais, acompanhada de outra, chamada pelo sindicato mais combativo do país, SCAAS (Sindicato de Carpinteiros, Armadores e Similares), e também os funcionários e estudantes das universidades param suas atividades. No dia 24, a FAO chama um lock out geral, e a 4 desetembro, 80 por cento das atividades econômicas do país encontravam-se interrompidas. Essa situação se mantém, até que a FSLN lança sua ofensiva: tomar várias cidades simultaneamente, com o objetivo de distrair o máximo possível os efetivos militares somozistas, e assim, permitir a ação de colunas militares fortemente armadas, da mesma FSLN, a partir da Costa Rica, com o objetivo de "liberar" algumas zonas militares e politicamente importantes.

Segundo o projeto original, na zona tomada, seria proclamado um governo provisório, que teria a ajuda militar imediata de alguns países latinoamericanos, entre eles, o Panamá, Venezuela, Colômbia e México.

Infelizmente, as ações armadas não conseguiram nenhum desses objetivos. Os levantamentos urbanos de apoio, realizam-se desorganizadamente, e o exército somozista realiza um dos maiores massacres já ocorridos na história.

Masaya, León, Jinotepe, Diriamba e Estelí, experimentaram esse fogo e esse massacre. Restaram cerca de 10 mil mortos, e um número de feridos que se aproximava dos 50 mil.

Mas o ânimo e disposição das massas para a luta não sofreu um revés definitivo. Houve um período de refluxo. Uma espécie de pausa para a reacomodação de forças. A barbárie foi tanta, o ódio cresceu tanto, que as massas nicaraguenses voltaram a explodir. E em intervalo cada vez menores de tempo, com muita força.

O ascenso do movimento de massas, precipita a decomposição do regime. O imperialismo e a burguesia querem abandonar o somozismo e encontrar uma forma mais estável de poder, antes do povo, mas não encontram alternativas ou substituições, mesmo que temporariamente, capazes de não ameaçarem a derrubada de todo o edifício do poder. A crise econômica ameaça chegar ao seu ponto mais grave, pois setores fundamentais da economia encontram-se em total decomposição, além do corte da ajuda econômica norteamericana do país.

A burguesia, fraca, sem uma proposta viável, desunida, acelera ainda mais essa crise estrutural nicaraguense.

E com todos esses elementos, não é difícil, caracterizarmos a atual etapa vivida na Nicarágua. Sem dúvidas, a Nicarágua é hoje pré-revolucionária, e um outro elemento fundamental a essa caracterização faz-se presente: desmantelamento no interior da Guarda Nacional, que Somoza tenta evitar a todo custo, onde um setor, representado pelos coronéis Bernardino Lário e Mendietá, organiza-se com o objetivo de preparar um golpe militar. Recebem o apoio do imperialismo e da FAO, que possivelmente veem nisso, a alternativa que não conseguiram encontrar. Um novo tipo de somozismo, sem dúvidas, mais brando, mais estável, passível de fazer algumas concessões ao movimento de massas.

O Homem que é dono de um País

Mas governo Somoza mantém-se impassível. É o imperador da Nicarágua. Um clássico imperador Bonaparte, que dita as leis, que arbitra quando necessário, e que contraditoriamente consegue conviver com uma situação pré-revolucionária.

A revolução nicaraguense toma seu curso e se aprofunda, ainda que por vias nem sempre nítidas ou clássicas. Somoza personaliza o estado, personaliza o poder. Ele é dono material da Nicarágua. Se derrubado repentinamente, está decretada a falência do país. Está decretado o fim do estado capitalista explorador. A batalha hoje, centraliza-se essencialmente, no plano político, na busca de uma nova opção. Por um lado, o Plano Carter, e suas "pressões democráticas", por enquanto no abstrato, jogando sua cartada na burguesia. Do outro lado da barricada, o movimento de massas e seus organismos de direção.

Os Estados Unidos já ensaiaram várias saídas democráticas em todo o mundo. Possuem como modelo, a Espanha, a Venezuela, o processso brasileiro, o processo boliviano. Falta um que se encaixe no caso da Nicarágua. Jogam toda sua força na FAO, que tem uma composição multiclassista: a oposição burguesa tradicional, que rompeu com Somoza (Partido Conservador), uma fração do Partido Socialista e a burocracia sindical. Faltam as massas. E a FAO não tem um programa definitivo, uma alternativa de poder, que vá de encontro aos interesses das massas insurrectas nicaraguenses.

Por outro lado, surge a Frente Sandinista, com suas três tendências. Liderando os maiores levantes contra Somoza, suas reivindicações param aí. Será muito difícil, qualquer partido ou organização política, levar a cabo seu projeto de reformas sociais (como reforma agrária) ou mesmo seus planos de alianças com os setores dominantes, se não esclarece que tipo de governo reivindica. Mas, no final do ano, boas notícias parecem chegar. É formado o Movimento Povo Unido, onde estão representadas as três tendencias da FSLN, juntamente com o PC, e organizações classistas como a ATC (Associação dos Trabalhadores do Campo). Também a AMPRONAC, organização de mulheres nicaguarenses, junta-se a esses. E o MPU surge como uma possível forma de organização independente das massas nicaraguenses.

Porém, essa independência não foi defendida ferreamente, pelo menos a princípio. O MPU, em dezembro passado, lança um chamado aos partidos burgueses que compõem a FAO, para que estes se integrem à Frente Patriótica Nacional. Frente que se propõe a "derrotar Somoza e construir um governo de unidade democrática, onde todos os partidos membros, participem do poder".

A burguesia regojizou-se. Estava aí mais uma tábua de salvação. Também os social democratas e o Partido Liberal Independente atenderam prontamente este chamado.

Particularmente para a FAO, a Frente Patriótica veio de encontro aos seus planos para se fortalecer frente as massas, porque o fracasso da sua mediação junto a Somoza, tinha lhe desgastado e fizera com que tivesse ficado desacreditada pela nação.

A imprensa burguesa, que nada havia publicado quando do lançamento do MPU, repentinamente, abre espaço em seus jornais para propagandizar o movimento.

A Frente Sandinista, mantém-se como a única organização que consegue ser ouvida pelas massas. Seu papel de direção, é irreversível. O MPU, coloca-se nesse momento como a melhor alternativa ao movimento, mas deve resguardar sua independência. Essa a tarefa principal que cabe aos Sandinistas.

Não podemos nos esquecer que o imperialismo e a burguesia movem-se em todas as águas, não escamotelam meios, nem recursos, não desprezam nenhum método criminoso. Apesar do massacre de setembro e dos tantos outros que diariamente mancham de sangue o solo da Nicarágua, apesar da insuficiência organizativa das massas, e da vacilação de suas direções, a revolução nicaraguense segue seu curso.

LOS MUCHACHOS DE SANDINO

A FSLN constitui-se, sem dúvida, no mais importante foco de resistência contra a ditadura de Somoza, apesar de não ter dado, por muito tempo, uma expressão organizativa para as massas nicaraguenses. No entanto, com o surgimento do Movimento Povo Unido (MPU), esse obstáculo começa a ser superado, e a Frente passa a cumprir com maior correção o papel de aglutinadora da insatisfação popular.

Na realidade, a FLSN não é um grupo único, nem um bloco composto. Ao contrário, possui três tendências que se reivindicam representantes do sandinismo e procuram sua independência política e organizativa. Os *Terceiristas*, também chamados de tendência Insurrecional, defendem, por exemplo, um governo nacional em que os únicos bens nacionalizados seriam os de Somoza. Estes, são aliados ao *Grupo dos Doze,* e são dirigidos por Daniel Ortega, Victor Tirado, e Humberto Ortega.

Outra tendência é a da *Guerra Popular Prolongada* (GPP), que apóia o projeto dos Doze e dos Terceiristas, ainda que de forma crítica. São dirigidos por Henry Ruiz e Tomas Borge.

A terceira tendência é a Proletária, que chegou a expressar um movimento de ruptura com a burguesia, e chegou a esboçar a intenção de organizar,num partido, a classe trabalhadora da Nicarágua.

Foram os *proletários* que encontramos primeiro na Nicarágua. É com eles que vamos conversar agora...

NO ESCONDERIJO DOS PROLETÁRIOS

Meus contados na Costa Rica não haviam funcionado. Eu tinha a impressão que não conseguiria me entrevistar com nenhuma das três tendências da Frente Sandinista de Libertação Nacional. Mas não foi o que ocorreu. Por meio de amigos consegui manter meu primeiro contato com a tendência Proletária. Marcamos um **ponto** em algum lugar da Nicarágua, e eu lhes disse que já havia feito uma entrevista com os proletários para o Versus, há um ano, no México.

Estava sozinho. Era seis e meia da tarde, e eu levava comigo a entrevista que fizera anteriormente com o ditador. Eles chegaram no local e me cumprimentavam como se fossemos velhos amigos. Em seguida nos dirigimos a um carro que aguardava estacionado próximo dali. Quando já estávamos no interior do carro, eles disseram: — Fecha os olhos, pois vamos vendá-los. O rádio do carro tocava uma música de grande sucesso na Nincarágua: — Esta flor de pino que corté para ti, fue que Sandino con suas manos cortó...
Não sei quanto tempo estive no interior do carro.
Não pude deixar de pensar o que aconteceria caso a Guarda Nacional, que sempre revista ao carros que trafegam pelas estradas da Nicarágua, parasse o nosso automóvel. Sabia que **los compañeros** estavam armados até os dentes. E eu ali de olhos vendados, sem saber para onde estava sendo levado...

— Você irá conhecer um dos nossos Quartéis Generais.
Ali os novos combatentes são treinados no conhecimento de armas, e no seu manuseio. Eles recebem aulas de balística e de tática de guerrilha urbana.

O rádio continuava ligado. Agora transmitia o noticiário da Cooperativa de Radialistas da Nicarágua, jornalistas combativos que, quase sem recursos fazem os melhores noticiários do país. Conseguem transmitir até os comunicados da Frente Sandinista, e informar a população do que realmente está acontecendo. Muitos deles já morreram assassinados por membros da **Mão Branca**, uma organização pára-militar que recebe ordens diretamente de Somoza. Muitas rádios já explodiram na Nicarágua.

Quando chegamos, retiraram a venda de meus olhos e saímos do carro. Estávamos em frente a um casarão. Lá dentro, os móveis não se diferenciavam de qualquer outra casa burguesa. Mas havia uma diferença: estávamos no Quartel General da Tendência Proletária, organização formada de uma dissidência dos setores Guerra Popular Prolongada e Terceirista.

No fundo deste esconderijo, combatentes treinavam tiro ao alvo e técnicas de luta.

Um dos instrutores apanhou sua arma e me perguntou:

— Você reconhece este emblema? Era o emblema triangular da Guarda Nacional de Somoza. Esta arma nós não "recuperamos", nós a compramos da própria Guarda.

O quartel general estava cheio de todo o tipo de armamentos, desde uma simples pistola até armas pesadas, como bazookas, Fuzis Fal, e os fuzis Galil, de origem israelense, e que abastecem a Guarda Nacional.

O comandante Roque começou a falar sobre a situação da burguesia no país.

— É bom ressaltar que a burguesia hoje retira seu apoio a Somoza não porque está aterrada com os massacres cometidos em setembro e outubro, mas porque sabe que sua sobrevivência depende da derrubada da ditadura. Nesse momento, ela reclama o poder para si, embora não seja capaz, por sua inexperiência política e sua própria debilidade, de atingir este objetivo. O imperialismo neste país é quem está manobrando por cima da ditadura e da burguesia, e é quem está sustentando a ditadura.

Eu estava espantado com o lugar. Um militante de direção serviu bolachas e suco de laranjas. Como viveria um combatente aqui? O que é ser clandestino na Nicarágua de Somoza?
Perguntei ao comandante Roque como ele explicava o fracasso da Comissão Mediadora, nomeada pela OEA, que depois de indicar que o melhor caminho para a resolução da crise na Nicarágua, seria um plebiscito controlado internacionalmente, recebe um não de Somoza e se retira do país.

— O fracasso da mediação é a bancarrota da burguesia. O seu erro foi andar mendigando ante o Departamento de Estado americano. Nossa organização, a FSLN, tendência Proletária, conjuntamente com as outras tendências, propõem uma política de unidade, visando aglutinar a maior parte de todos os setores da nação, precisamente para isolar ao máximo a ditadura. Hoje estamos na Frente Patriótica Nacional, convencidos que devemos ser o motor dessa Frente. Quem representará politicamente nossa força será o Movimento Povo Unido (MPU), formado como um agrupamento que vem apresentar uma resposta da classe trabalhadora à luta que se trava hoje no país.

Contra-argumentei que a Frente Patriótica era uma organização formada por partidos burgueses, e perguntei sobre as razões que levaram o MPU, uma organização classista dos trabalhadores e camponeses, a participar dessa Frente com a burguesia. O comandante respondeu:

— É verdade que a Frente Patriótica está conformada também por partidos burgueses. Mas nós temos afirmado que o caráter da revolução nesta etapa é profundamente democrático. A aspiração do proletariado e de todo o nosso povo é democrática.

Segundo minha concepção, a verdadeira democracia para o proletariado só é possível com o socialismo.

— Como vocês encaram a questão do poder, e que tipo de regime deveria substituir o de Somoza?

Ele disse que os proletários desejam um regime democrático que seja uma transição ao socialismo:

— Não estamos lutando nesse momento para implantar o socialismo no país. Inclusive acreditamos que ainda que derrotemos violentamente o somozismo a luta que passaremos a levar posteriormente, será a luta do proletariado contra a burguesia, visando implantar o socialismo em nossa pátria.

— Mas por que uma vez derrotado Somoza não se poderia implantar o socialismo? Os operários e camponeses que hoje estão nas montanhas ou nas cidades combatendo Somoza, estão lutando também contra a burguesia. Ao menos eles assim pensam.

A resposta demorou a aparecer. Roque ficou pensativo, e disse firmemente:

— Não, não acredito que isto seria possível. Entre as várias possibilidades que poderemos nos defrontar num futuro próximo, não vejo este caminho. Para o imperialismo norte-americano, a Nicarágua é uma área estratégica, inclusive não descartamos a possibilidade de uma intervenção direta do Conselho de Defesa Centro-americano (Condeca) — uma espécie de OTAN, onde vários exércitos da América Central, trabalham conjuntamente em operações de defesa.

Ele não havia respondido à minha pergunta. Então voltei a lhe perguntar porque a Tendência Proletária não considerava a possibilidade de uma vitória contra Somoza e a burguesia nacional da Nicarágua.

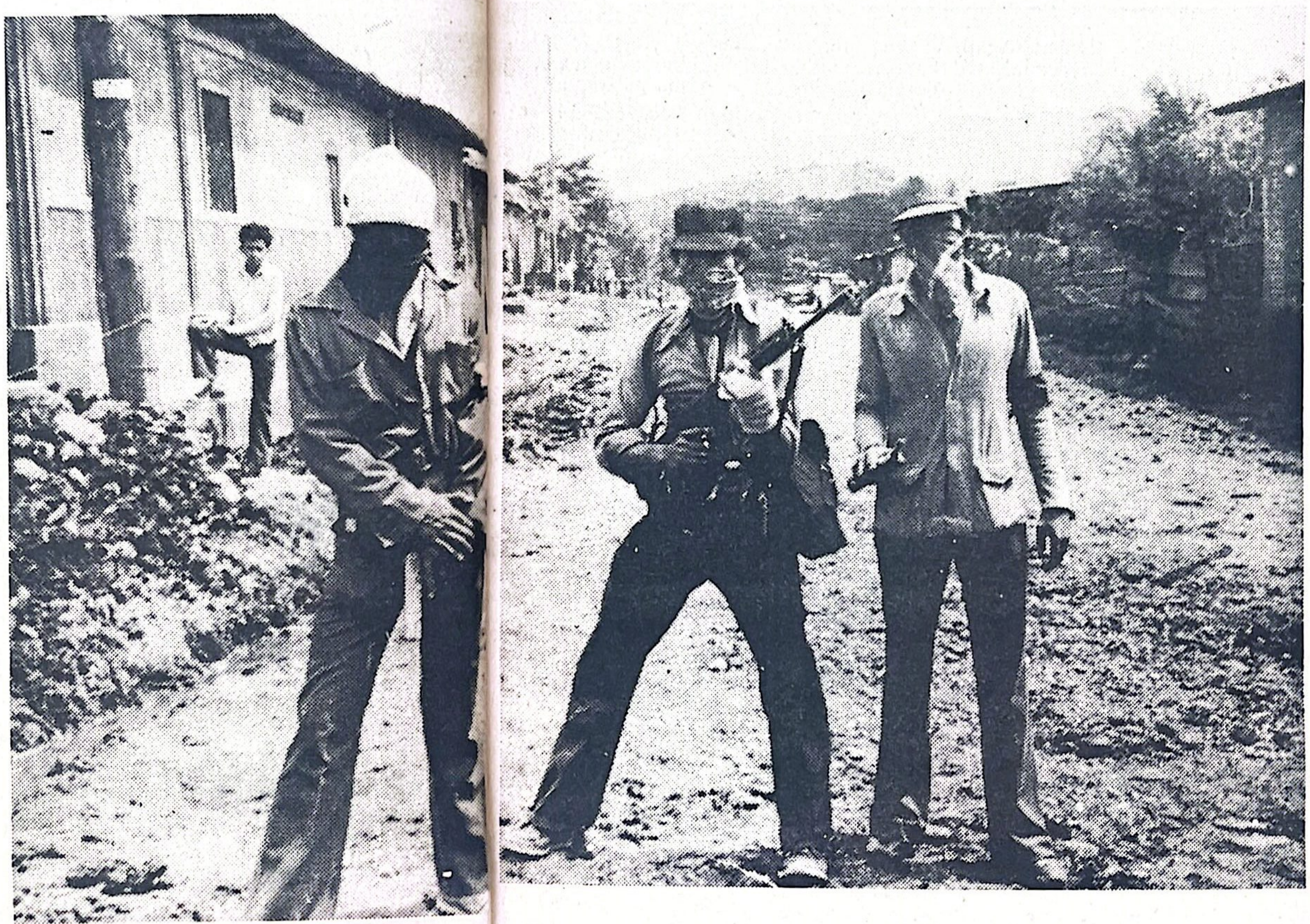
Repete, minhas palavras, quase que mecanicamente, e falou:

— Reivindicar o socialismo agora significaria passar a lutar não somente contra a ditadura, mas sim passar a lutar diretamente contra a burguesia. Nunca conhecemos, nem tivemos vestígios de democracia neste país. É claro que a qualquer organização revolucionária lhe interessaria passar para o socialismo imediatamente. Porém, as distintas forças que participam desta luta, estão sendo educadas a reivindicar um regime que em primeiro lugar possa ensinar o que é a democracia...

Já era tarde, e eu teria que dormir ali mesmo. Dormir? Na realidade, nesta noite não consegui adormecer. Pensava em tudo. Que país teve seu chefe da nação escondido em um bunker? Eu só me lembrava de Hitler. Os dois pensavam em durar mil anos.

Lembrei de uma velha camponesa que encontrei em Masaya. Ela gritava desesperadamente por Justiça, e dizia que o povo estava vencido por tanto sofrimento. Os soldados tinham assassinado seu neto, um menino de 20 anos. Eu, no quartel-general da Frente Sandinista, o povo dormindo nas suas casas miseráveis e semi-destruídas, e Somoza no bunker com a amante. Que saudades ele não deverá ter dos tempos em que podia ir ao palácio presidencial dentro de uma de suas numerosas limousines, a maioria "presenteada" pelos infelizes funcionários públicos de todo o país. Quando o senhor presidente faz aniversário, desconta-se automaticamente 10 por cento do salário destes funcionários, e se compra um lindo *regalo* para o ditador. Agora, ele só anda de helicóptero.

Jatos, limousines, helicópteros, casas, tudo já lhe foi presenteado. Em 78, a corte que o rodeia não tinha nada a lhe oferecer. Mas então o que dar? O dinheiro, é claro. E o senhor presidente aceitou tranquilamente os parcos salários de seus funcionários. Passei a noite com *los muchachos*, que é como toda a gente chama os combatentes da Frente Sandinista...



FALA A TENDÊNCIA GUERRA POPULAR PROLONGADA

Os acontecimentos de setembro provocaram um refluxo do movimento das massas, mas também mostraram para a ditadura e para o mundo, o avanço da consciência revolucionária dos trabalhadores da Nicarágua. No entanto, muitos erros foram cometidos na últimas ofensiva da Frente, e o maior deles foi a falta de integração, na luta, de importantes setores das massas. Não houve coordenação na sua participação ativa nos levantes, através de organismos próprios, como seria de se esperar. Faltou uma organização mais eficiente dos trabalhadores, faltou unidade nas forças revolucionárias.

A precipitação da direção da tendência Terceirista, a «direita» da Frente, um setor mais ligado à burguesia, foi um dos fatores que levaram aqueles resultado. São os Terceiristas que têm o apoio da Venezuela, Panamá, Costa Rica, e de social-democratas europeus. E foram eles que transformaram um possivel sucesso da ofensiva, quase que numa catástrofe, devido à sua impulsividade, agindo sem consultar previamente os outros setores que compõem o movimento na Nicarágua.

Seria bom lembrar de uma declaração de Eden Pastora, o comandante Zero, para um filme de propaganda da Frente Sandinista. Na fita, Pastora afirma que Somoza é um louco porque bombardeia cidades, com aviões militares.

É ingenuidade de Zero, o que lhe parece fazer justiça ao «número» que, orgulhosamente, ostenta. Por acaso, não sabia Pastora que Somoza reprimiria com a máxima violência a ofensiva, que poderia se fazer irresistível? Os Terceiristas não estavam preparados para esta resposta do Governo? Se estavam, por que não levaram uma ação conjunta com as outras tendências da oposição dos trabalhadores no pais?

Pobre comandante Zero.

Mas para corrigir os erros do passado algumas medidas já foram tomadas. Hoje, as três tendências que lutam na Frente Sandinista formaram um comando militar único. Este comando não dilui as diferenças ideológicas entre os três grupos, mas é uma tentativa de integração, de unidade na ação, dos vários comandos armados.

Para melhor entendernos as posições políticas dos companheiros, reproduzimos aqui, uma entrevista do comandante, Henry Ruiz, Modesto, da tendência Guerra Popular Prolongada. Aqui, ele expõe suas opiniões a respeito da semi-insurrerição de setembro, sobre o Movimento Povo Unido (MPU), o trabalho da organização dos trabalhadores. Além disso, Ruiz explica que vê uma próxima ofensiva da Frente contra Somoza.

Com a palavra, o comandante:

P - Comandante, como você vê o desenlace da atual situação político-militar que vive hoje seu país? —

R — A atual crise da Nicarágua não é resultado somente da ação militar. É a expressão de um povo esgotado pelas formas mais terríveis de opressão, de miséria. É um período de luta em que se conjugam os fatores sociais com os políticos.

Hoje, estão sintetizadas as contradições mais importantes, o povo contra seus opressores, e a alternativa dele se tornar independente, e tornar-se o genuíno condutor de seu próprio destino.

Nosso povo está maduro para buscar verdadeiras mudanças, que lhe retirem da crise social e econômica em que vem se debatendo há muitos anos, apesar da falta de uma contundente e efetiva força militar das fileiras da FSLN. A falta de coordenação nos objetivos militares, as diferenças táticas com as outras tendências, conduziram a ofensiva para uma ansiada expectativa de triunfo rápido.

Devemos afirmar que, apesar de não terem se cumprido os objetivos insurrecionais, os resultados foram uma grande vitória do povo e das organizações revolucionárias antisomozistas.

O genocídio que a guarda somozista cometeu contra nosso povo é uma vitória passageira de Somoza e das forças mais obscurantistas que o sustentam. Com a atual correlação de forças militares buscará uma saída negociada, apesar de saber que fracassará.

Todos falam em saída democrática, mas não falamos a mesma linguagem, quando nos referimos a saída democrática para o país. Tal confusão é sumamente perigosa para o destino das forças organizadas do povo. Esta contradição é aproveitada pelos setores mais reacionários do país que, identificados com Somoza, obedecem à política da embaixada norteamericana.

Como seria uma nova ofensiva, quais as condições para isto?

R — Em termos militares, visualizamos reorganizar a resistência armada do nosso povo, para garantir que o genocídio não continuará, e que um programa mínimo seja cumprido. Não pode haver mudanças sem se tocar nos Somoza.

Para nós, ser independente é empreender uma vida republicana mais real com os tempos. Não nos opomos à uma solução negociada, sempre e quando se cumpra durante este período de transição, e programa do movimento Povo Unido (MPU) e não se comprometa durante este período, o sandinismo organizado.

P — Fala-se muito que Somoza poderá sair do poder e continuar a estrutura fundamental do regime. Que pensa você sobre isto?

R — A saída de um somozismo sem Somoza é o que temos denunciado, e o que não estamos dispostos a aceitar. O confisco dos bens de Somoza é uma postura de princípios e de grande conteúdo prático. O volume econômico da família Somoza, representa uma alta porcentagem da economia nacional. A fortuna do tirano constitui-se em si mesma, base para radicais mudanças sociais. É uma reavaliação da economia do país, e de alguma maneira é a nivelação do capital nacional.

A burguesia, fora da esfera do somozismo gravitará, sem saída, diante da imensa fortuna da dinastia. Eu reitero: O somozismo sem Somoza é uma resposta inaceitável para nós.

P — As massas populares tiveram um nível de participação na luta de setembro nunca visto antes, mas seu nível de organização parece ser baixo. Que esforços são feitos para mudar esta situação?

R — As condições nos obrigam a ser clandestinos. Este problema é real, e tem a ver com o desnível organizativo da FSLN. A democratização do país facilitará esta indispensável tarefa do triunfo revolucionário.

A existência de organizações intermediárias com as quais a vanguarda mobiliza as massas, sempre jogou um papel vital para nós. Nossas metas não terminam com a resposta que pretendem dar os setores moderados no país. O velho não se resignará a morrer. Somoza não se resignará a perder. Os fuzis guerrilheiros serão a garantia de hoje e de amanhã.

P — Como você vê o Movimento Povo Unido?

R — No Movimento Povo Unido, encontram-se posições de esquerda, as posições sandinistas mais legítimas, junto com os movimentos populares e juvenis. Todos fazem de sua bandeira a FSLN.

A Frente ampla de Oposição e o MPU ainda que sejam dois blocos anti-somozistas, estão diferenciados nos seus fins pelo conteúdo classista que ele tem.

SONY

O DITADOR

(entre sorrisos e metralhadoras...)

Agora inicia-se a luta final entre uma claque de dez mil contra uma população de mais de 2 milhões.

Anastácio Somoza Debayle, ditador de plantão da dinastia Somoza, uma das mais velhas do mundo, não concede entrevistas facilmente. O caminho mais fácil seria obter uma carta do embaixador brasileiro, em serviço naquele país, apresentando-me oficialmente ao presidente.

Com esta carta consegui entrar no bunker onde Somoza vive escondido, à espera que o Conselho de Defesa Centro Americano (CONDECA), forças conjuntas dos exércitos centro-americanos, venham em seu auxílio para derrotar a oposição que hoje lhe é total na Nicarágua.

A entrevista começou em um tom agradável. Ele sorria muito, no início. Ao final de nossa conversa, se transfigurara. Nem ao menos me encarava. Respondia as perguntas depois de uma longa pausa. Eu ficava olhando o poster de Mafalda que estava bem atrás do ditador. Será que Quino, o criador de Mafalda, poderia imaginar o triste fim de seu personagem?

No bunker, com Somoza

P — Senhor presidente, em sua opinião, que semelhanças políticas existem entre o regime político brasileiro e o nicaraguense?
R — Bem, entendo que o regime brasileiro é um regime orientado para o desenvolvimento pragmático do país, e nessa política também estamos identificados com o Brasil. Quanto ao sistema político, não acredito que sejamos semelhantes, porque o Brasil optou por um estatuto que não se parece com nossa Constituição. Portanto, fundamentalmente, existe uma diferença.

P — Em relação a este estatuto...

R — Sim.
P — *A que o senhor atribui a sua baixa popularidade no exterior, relacionado com o regime nicaraguense?*
R — Primeiro, acho que o regime nicaraguense está há muito tempo no poder, com um mesmo partido; um partido que não tem negociado com os comunistas, não namora com a esquerda e, portanto, não tem bom ambiente. Há também o fato de que algumas pessoas acreditam que a permanência dos Somoza no poder não aconteceu através de um processo eleitoral democrático, e se confundem, achando que estamos muito tempo no poder.
P — *E em sua opinião, como esta situação poderá ser modificada?*
R — Bem, em minha opinião, acredito que se se realizar um escrutínio da situação nicaraguense, vamos nos dar conta que tanto o Partido Liberal, como o atual presidente, que sou eu, chegaram ao poder através de eleições livres, e que o povo votou.
P — *O que o senhor entende por subversão?*
R — A subversão são filosofias políticas que querem chegar ao poder por meio da violência.
P — *Atualmente, qual a situação dos Direitos Humanos na Nicarágua? Qual sua opinião sobre o documento sobre Direitos Humanos, enviado pela OEA?*
R — Bom, acreditamos que, em um país onde exista violência, por parte de grupos, é muito difícil que os direitos humanos estejam certos cem por cento, porque são violados tanto pelo cidadão, quanto pela autoridade. Com relação ao informe da OEA, posso lhe dizer, que sinto muito que o tenham feito em tempos de guerra, um tempo de violência generalizada, para fazer um relatório sobre Direitos Humanos, quando todos tinham que se defender dos outros. Creio que a Comissão devia... *(nesse momento, a entrevista se interrompe porque Somoza recebe uma chamada de um assessor. Este lhe diz algo, e Somoza responde em inglês: "Está vivo? Temos que ser duros! O outro não. Calma, calma, porque temos vantagens sobre eles)* ...
Depois retoma sua resposta

É muito difícil...
P — *Seu filho, o senhor Anastacio Somoza Portocarrero ascendeu, há pouco tempo, de major a tenente-coronel da Guarda Nacional. Hipotaticamente, se ele fosse candidato à presidência da República em 1981, o senhor o apoiaria?*
R — Primeiro, ele não será candidato à Presidência, porque, de acordo com a Constituição, isso não é possível. Mas, no dia em que os cidadãos nicaraguenses o escolherem, claro que eu o apoiarei.

P — *E se o senhor for indicado para essas mesmas eleições?*
R — Não, não será possível, porque a Constituição não permite.
P — *Como o senhor caracteriza a política externa americana, em relação à Nicarágua?*
R — Uma política ajustada à filosofia dos grupos que manejam o Partido Democrata nos EUA, quando este chegou ao poder.

P — *Que quer dizer com isso?*
R — Quero dizer que depende. Não é seguro pensar que os EUA sempre irão se comportar assim. Ocorrem mudanças.

P — *O senhor considera que hoje existem liberdades democráticas na Nicarágua, liberdade de imprensa, etc.?*
R — Claro que sim.
P — *Como o senhor caracteriza a oposição, que não tem representantes no Congresso, como FAO, Frente Patriótica, etc.?*
R - Bem. FAO é um fantasma feito de siglas. O único que tem mais subsistência aí é o Partido Conservador. A Frente Patriótica é outro fantasma com siglas de esquerda, que se quiser poderá chegar até o Congresso nas próximas eleições.

P — *O que é a Frente Sandinista de Libertação Nacional? Por que acha que a Venezuela, Costa Rica e Panamá apóiam a oposição em seu país?*
R — A Frente Sandinista é uma organização fundada por Carlos Fonseca Amadór, com uma filosofia marxista-leninista, apoiada por Fidel Castro.
P — *E por que a Venezuela, Costa Rica e Panamá apóiam a oposição?*
R — Por causa de diferenças que há muitos anos o Partido Liberal e seus homens tiveram com a Ação Democrática Venezuelana, e também por causa de diferenças que tivemos com os outros países centro-americanos.

P — *Quais diferenças?*
R — Bem, quando quiseram influir em nossa política, e nós quisemos influir na deles.
P — *Existe uma doutrina somozista, que seu pai defendeu, sob o lema: "Com Somoza uma nova doutrina, uma pátria nova"?*
R — Não, não existe.
P — *Como presidente, como encara o poder?*
R — Encaro como uma coisa muito delicada de se tratar, que deve ser tratada com muita ética, sobretudo com muita honra.
P — *Em sua opinião, o que é necessário para um homem ser livre?*
R — Ser livre? ...... Conhecer-se a si mesmo.
P — *O corte da ajuda militar e econômica dos EUA afetará a economia de seu país?*
R — Não.
P — *Como vai ser daqui para frente, sem essa ajuda econômica e militar? Existe, por exemplo, uma forte economia, que possa aguentar todo esse tempo?*
R — Não. A ajuda militar dos EUA foi o treinamento de soldados e oficiais em escolas especiais. Antes, não nos cobravam nada, mas, ultimamente, isso nos custa dinheiro. Mas estamos seguindo bem, com o treinamento que estão nos dando outros países.
P — *Que países?*
R — Toda a América do Sul, alguns europeus.
P — *Israel, por exemplo?*
R — Não.
P — *Ficamos sabendo que, a princípio, o senhor fo contra a ajuda do CONDECA para combater os guerrilheiros nicaraguenses...*
R — Não, isso não é verdade.
P — *Em que condições o senhor pediria a ajuda do CONDECA?*
R — Se o movimento comunista da Nicarágua, ajudado por outros países, tornar-se tão forte que o governo da Nicarágua não possa combatê-lo. Então chamaríamos o CONDECA, para que vissem a situação e decidissem.
P — *Por exemplo, em dezembro passado houve uma reunião entre a Nicarágua, Honduras, El Salvador e outros países. Que foi decidido em relação ao CONDECA e à situação nicaraguense?*
R — Que reunião é essa?
P — *Ficamos sabendo de uma reunião que aconteceu em 30 de dezembro.*
R — Não... *(Tosse)*
P — *Em sua opinião, qual é o regime ideal para a Nicarágua?*
R — O regime... Creio que o regime que ostenta a democracia representativa, e que vai refletir o sentimento do povo da Nicarágua.
P — *Como o Senhor definiria um regime democrático?*
R — Onde todos os homens são iguais, onde há igual oportunidade, e onde se trata de minimizar as injustiças.
P — *Há dois dias, explodiram, por aqui, uma antena de rádio. Que lhe parece isso?*
R — Não estou de acordo.
P — *Quem poderia ter feito isso?*
R — Qualquer um dos grupos militantes, que agora estão começando uma guerra.

A OEA informa

Esta Comissão denuncia: há uma repressão generalizada contra todos os jovens entre os 14 e 21 anos.

a) O governo da Nicarágua é responsável por graves atentados ao direito à vida, em transgressão, além disso, às normas de direito internacional humanitário, ao reprimir, excessiva e desproporcionadamente as insurreições que tiveram lugar em setembro passado, nas principais cidades do país. Com efeito, os bombardeios, pela Guarda Nacional, das populações, foram indiscriminados, e sem prévia evacuação da população civil, o que trouxe como conseqüência inumeráveis mortes de pessoas alheias ao conflito.

b) Igualmente, o Governo da Nicarágua é responsável por muitíssimas mortes ocorridas depois dos combates, em razão dos abusos cometidos pela Guarda Nacional, na chamada «operação limpeza». Em outras ações, que tiveram lugar vários dias depois de terminadas as hostilidades, a Guarda Nacional executou, sumária e coletivamente, numerosas pessoas pelo único fato de habitarem em bairros, ou casas, onde haviam atuado membros da FSLN. Ali jovens e crianças indefesas foram assassinados.

c) O Governo da Nicarágua obstruiu o trabalho da Cruz Vermelha, ao impedir que atuasse livremente, durante os combates, a fim de atender aos feridos, recolher cadáveres, e levar a cabo seu trabalho humanitário. Além disso, o Governo é responsável pela morte de atendentes da Cruz Vermelha, e da utilização indevida de ambulâncias e do emblema desta instituição.

d) O Governo da Nicarágua é também responsável por mortes, graves abusos, detenções arbitrárias, e outras violações de direitos humanos de grupos de camponeses.

e) Durante os acontecimentos de setembro passado, e ainda antes deles,

A OEA condena Somoza, o ditador que proibiu a vida!

o Governo da Nicarágua violou, gravemente, o direito à integridade pessoal, ao aplicar torturas, e outros castigos físicos a numerosos presos.

f) Uma situação especial, que preocupou, profundamente, esta COMISSÃO, é a que se refere a dos menores. Além de numerosos adolescentes e jovens, que se encontram detidos em cárceres comuns, em promiscuidade, com delinqüentes comuns, a COMISSÃO pode comprovar uma repressão generalizada, por parte da Guarda Nacional, contra todos os meninos entre os 14 e 21 anos.

g) A liberdade física das pessoas encontra-se seriamente afetada, como nos demonstram as muitas detenções arbitrárias, que se produziram no começo do mês de setembro, e aumentaram, posteriormente, ao suspender-se as garantias constitucionais. Esta situação vê-se agravada pelo sistema de administração da justiça, existente na Nicarágua, e pelos poderes de POLÍCIA que gozam os juízes, alguns dos quais são comandantes da Guarda Nacional. As faculdades que os tribunais militares possuem para julgar civis, em períodos de emergência, transmitem a esta instituição amplos poderes.

h) A liberdade de expressão do pensamento encontra-se severamente restringida, e limita-se aos fatos. A informação do que ocorre na Nicarágua, principalmente o que expressam os diários, emissoras, e estação de televisão, controladas direta, ou indiretamente, pelo governo, lhe possibilita um controle quase total na Nicarágua. No caso da imprensa escrita e falada, independente, e opositora ao Governo, a situação é a mesma. Os jornais que não foram censurados, seus proprietários, diretores, ou jornalistas, sofreram graves atentados e ameaças a sua vida, liberdade e segurança.

i) As liberdades de consciência, culto e religião são, embora formalmente respeitadas, na prática, difíceis de serem exercitadas plenamente, devido às restrições à palavra, e ao trabalho religioso de diferentes congregações católicas.

j) Na atualidade, não existe o direito de reunião. Ainda antes da vigência do regime de emergência, que vive a Nicarágua, o direito da associação em geral, e de associação política e sindical, em particular, encontram sérias limitações para seu exercício.

k) O direito de sufrágio está submetido a diversos obstáculos de ordem prática e legal, que impedem seu pleno exercício.

Nota: As violências contra os direitos humanos, que fizemos referência no presente informe, afetaram a todos os setores da população nicaraguense. Suas vítimas foram, e continuam sendo, pessoas de limitados recursos econômicos, e jovens cujas idades oscilam entre 14 e 21 anos.

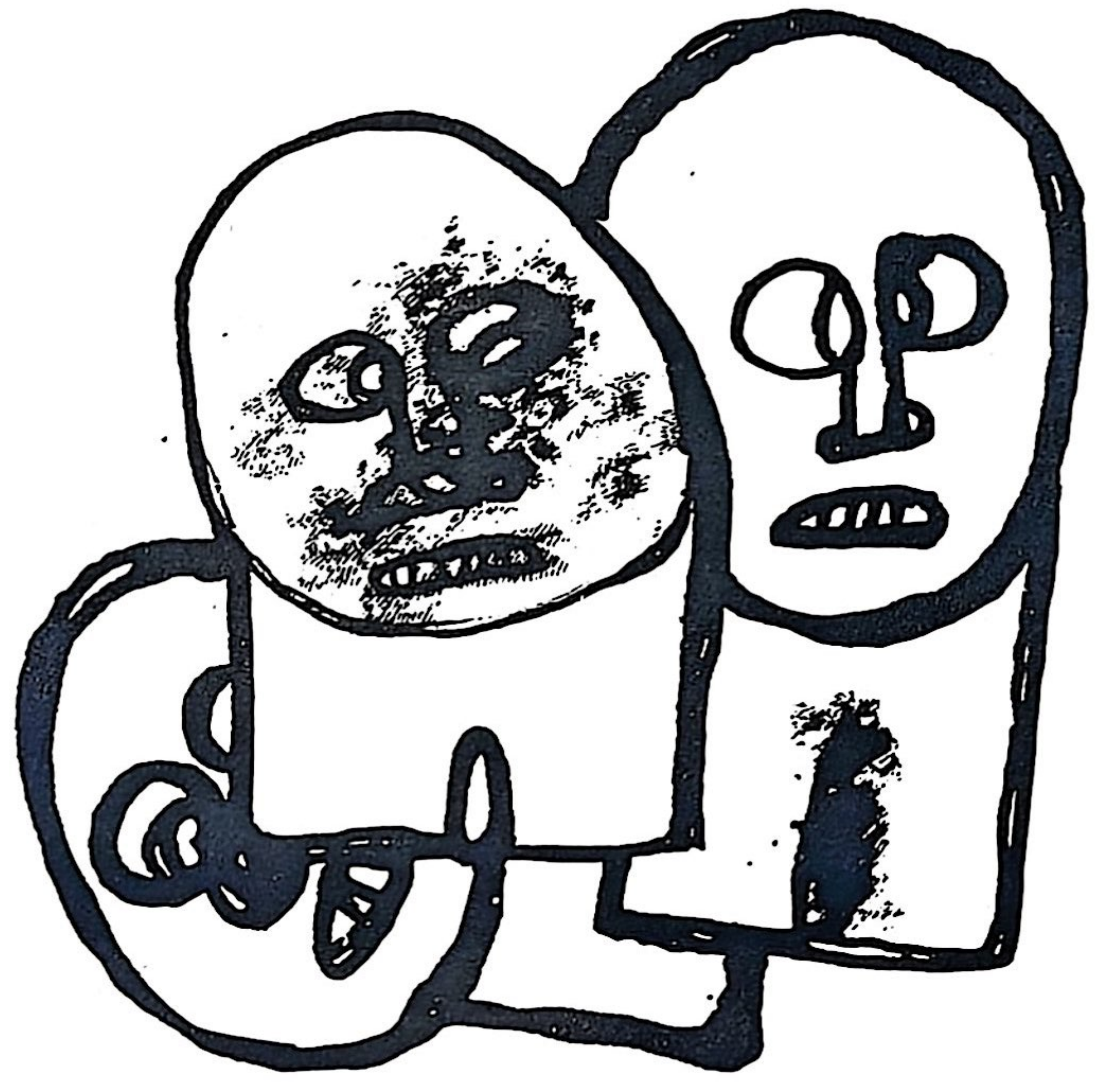
Os danos e sofrimentos provocados por essas violações, fizeram surgir entre a população nicaraguense, da maneira mais patente, o intento e sentimento geral favorável ao estabelecimento de um sistema que garanta os direitos humanos.

O TORTURADO

Declaração ante a Comissão Permanente de Direitos Humanos, protocolo do dia 23 de dezembro de 1978, feita pelo jovem M.O.M., 16 anos, capturado em sua casa, bairro de Masaya, às 18 horas do dia 18 de setembro de 1978.

Eles me torturaram em minha própria casa. Eu dormia, quando eles chegaram. Depois fui conduzido ao comando de Masaya. Às nove horas me conduziram para uma viatura do Becat. Algumas esquinas depois, eles capturaram mais três jovens. Entre eles havia uma mulher. Inicialmente ficamos todos na mesma cela, com excessão da jovem.

Junto com outros três prisioneiros, fui levado à noite para Monimbó como nos disseram. Ficamos presos em um quarto vazio. Comecei a ser torturado, embora sofresse menos do que os outros. Na minha frente eles espetavam as baionetas nos outros prisioneiros.



Ivan Maurício

— Vai acontecer a mesma coisa contigo, se não contares onde estão as armas.

Os outros já estavam sangrando muito, na verdade estavam morrendo. Um dos guardas me disse:

— Eles já estão quase mortos. O que você acha disto? — e cravou a baioneta atrás da orelha do jovem. A baioneta saiu pela boca, e ele morreu na hora. Enquanto isso, os outros guardas continuavam chutando o rapaz e a moça, que ainda resistiam.

O assassino se aproximou de mim, e disse que o mesmo ia acontecer comigo. A mulher, nesse momento, morreu aos seus pés, mas os homens continuaram enfiando suas baionetas no corpo dela até que ela ficasse completamente irreconhecível. O rapaz que ainda estava vivo, acabou morrendo de madrugada.

Quando o dia amanheceu, levaram-me para o quartel, onde estavam os corpos dos torturados. Eles me deram uns sacos de estopa para que eu colocasse os corpos. Como os sacos eram pequenos demais, eles ordenaram que eu quebrasse os corpos para que coubessem neles. Depois, me entregaram um carrinho de mão, para que eu os levasse dali.

Um tenente, que eles chamavam de Dragão, me levou para um local especial, destinado a torturas. Deixaram que eu ficasse suspenso apenas pelos pulsos. Eu sentia que o meu corpo estava se separando dos meus braços. Fiquei assim durante dois dias na mais completa escuridão.

Um guarda raso, chamado Bonga, apareceu pela madrugada. Com ele estavam vários outros. Iniciaram seu trabalho quebrando minhas costelas. Os meus pulsos também foram quebrados.

Dali fui levado até o vulcão Santiago, onde ameaçaram me jogar no abismo. Queriam que eu dissesse onde estavam as armas.

Retornamos ao comando de Masaya. Lá, na mesma sala onde eu já estivera antes, colocaram uma córdoba (moeda nacional) nos meus testículos, enquanto o Dragão conectava, e passava um fio elétrico em torno de meu corpo. Em seguida, Bonga, colocou moedas entre meu pênis e meus testículos, e apertava com toda sua força. Quando recebi os primeiros choques elétricos, desmaiei.

Quando recuperei os sentidos, estava diante do general Fermin Menezes, comandante de Masaya. Ele me interrogou pessoalmente, e disse que eu seria transferido para os cárceres de Manágua. Mas me colocaram num calabouço, onde eu ficava agachado, sempre na mesma posição. Abriram uma chave de água que caía gota a gota, e ali permaneci durante três dias e duas noites, até que fui transferido para a capital.

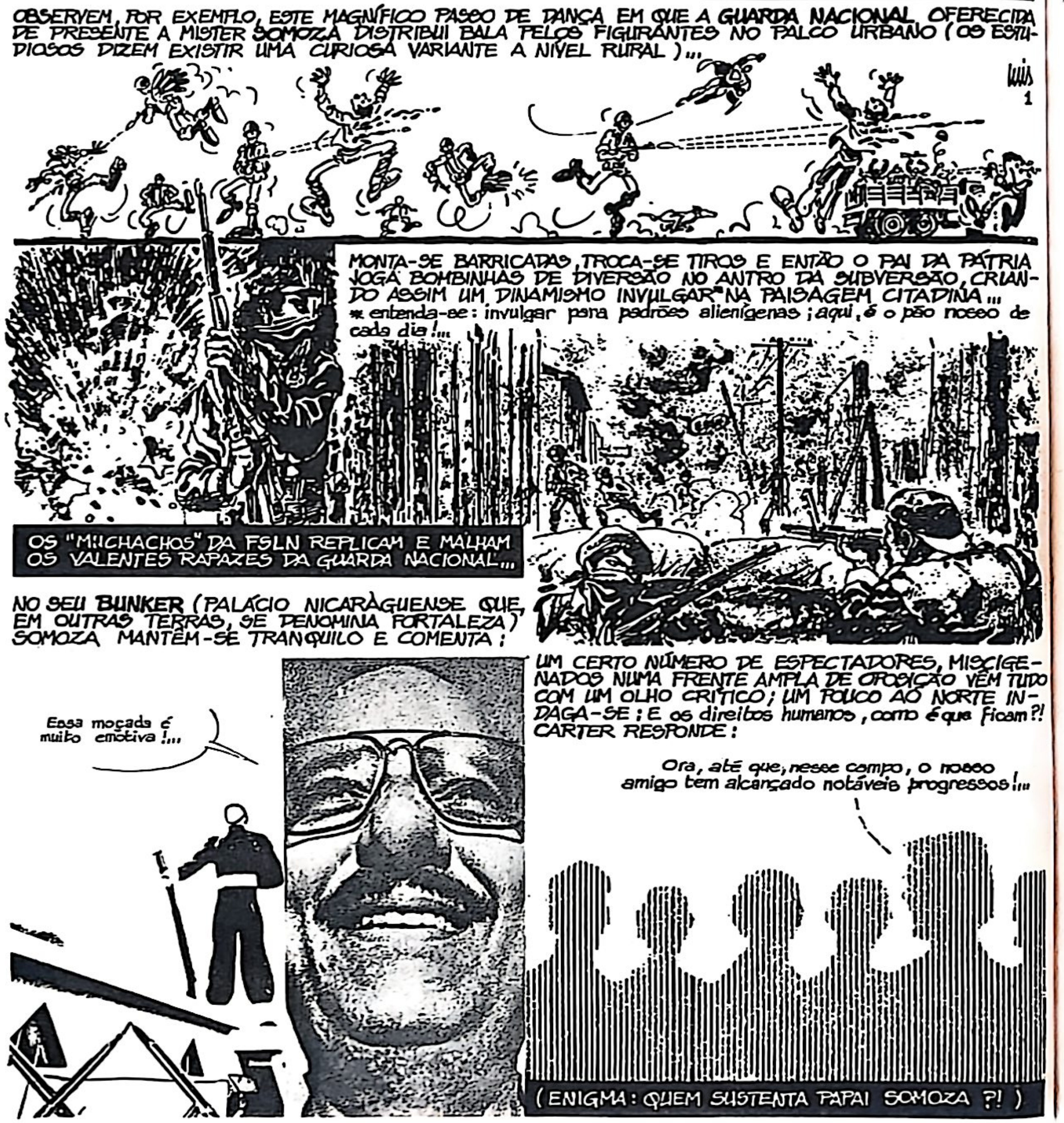
Uma noite chegou um cabo conhecido como Negro Macho, que me conduziu ao monte Rolter, para torturar com choques e arames. Fiquei preso lá num cárcere por três dias. Tempo que fiquei sem comer e beber.

Nota: Omitir o nome deste jovem porque ele corre risco de vida. Foi libertado dia 19 de dezembro de 1978 do Cárcere Modelo de Tipitapa.

uma visão do
FOLCLORE NICARAGUENSE

POR LUIS FILIPE D. F.

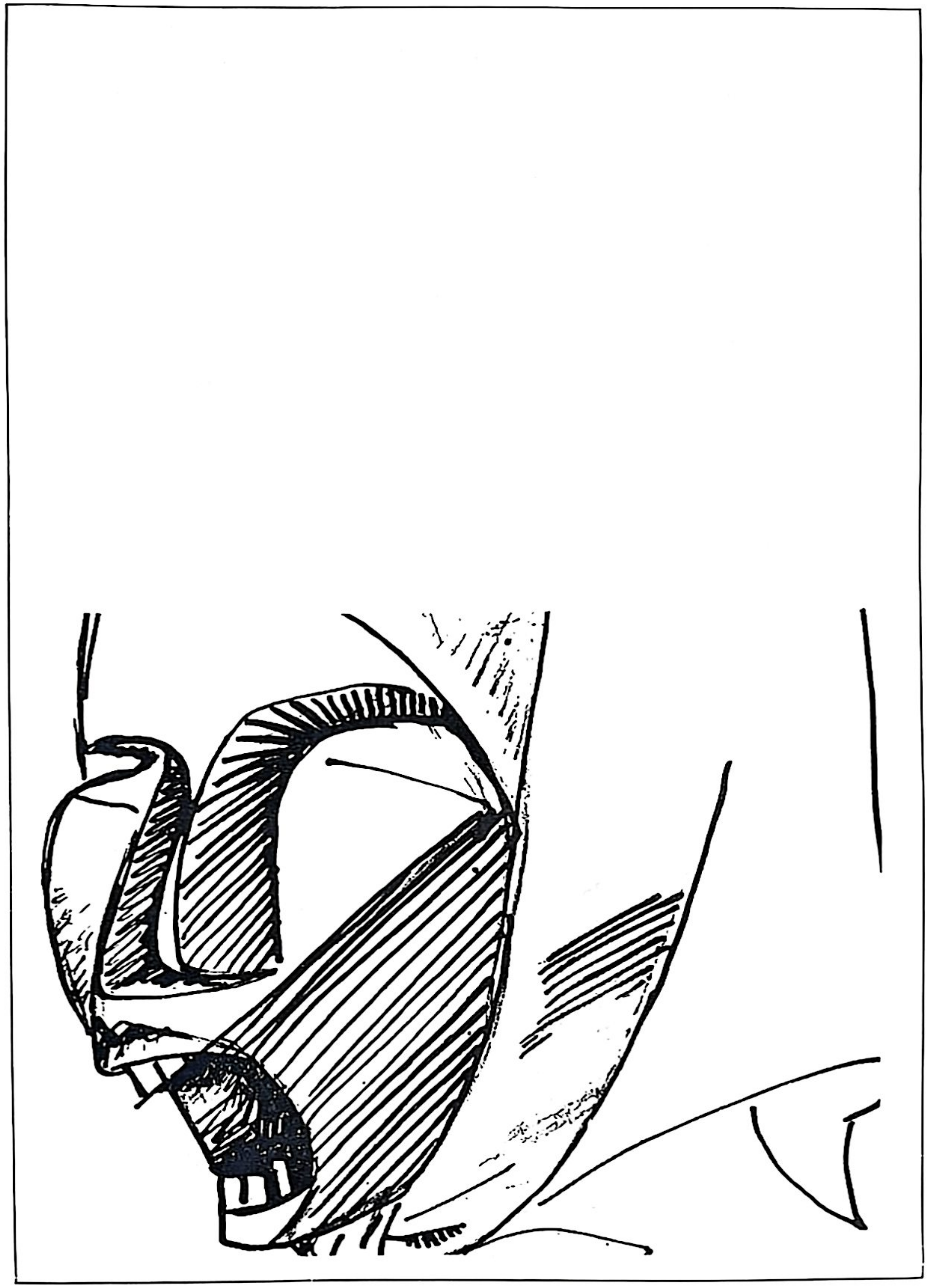
O folclore nicaraguense apresenta singular colorido; um colorido cinza, sem dúvida, mas isso porque ele tem raízes profundas na sua história. Deste modo, nota-se com facilidade a invariável influência (ingerência?) de outros folclores, nomeadamente um de estranhas tendências e que alguns apelidam de "yankee".



A CURRA

Quando encontrei esta jovem militante sandinista, e quando ouvi a descrição da violência da Guarda Nacional contra seu corpo, pensei se seria possível julgar estes homens, comandantes e comandados, apenas pelas suas intenções e pelo seu gênio. Quer dizer, confesso que as palavras desta jovem me deixaram completamente confuso. Até que ponto pode um ser humano resistir à tortura, a dor, a indignidade?

Ainda no avião de volta ao Brasil, eu levava estas questões comigo. Seja como for, é preciso ir adiante, a qualquer preço. A Nicarágua, seus homens, e suas mulheres, buscam obstinadamente o sorriso da liberdade.



Meu nome é Ibis. Fui violada pelos soldados de Somoza.

Estávamos conversando na rua, quando um Jeep da *Becat* (Brigada Especial contra Atividades Terroristas) se aproximou de nós. Eram três guardas, nos jogaram no chão, e nos revistaram. Encontraram uma arma conosco. Um deles me segurava, os outros discutiam. Minha companheira aproveitou e começou a correr em ziguezague pela rua. Eles dispararam suas armas, mas ela conseguiu escapar.

Subimos no Jeep, e eles mandaram que eu fechasse os olhos. Encostaram uma pistola no meu estômago. Notei que me levavam para um local desconhecido. Não se chamavam pelos nomes. Depois e algum tempo pararam a viatura. Fui obrigada a deitar. Resisti.

'Tire a roupa!

Eu disse não, e um deles falou que eu era uma parasita. O outro respondeu que todas as guerrilheiras eram filhas da puta. Não respondi. Apontaram uma arma para minha cabeça, enquanto arrancavam minhas roupas.

— Reviste bem porque ela pode ter alguma arma escondida.

Tocavam no meu corpo. Apertavam minhas partes genitais. Pedi que me deixassem.

— Por favor...

— E ainda por cima pede carinho!

— Nem os cachorros lamentariam a morte dela.

Depois mandaram que eu vestisse as calças outra vez, e me embarcaram no Jeep. Fechei os olhos de novo. Rodamos algum tempo até as ruínas do terremoto, perto do Palácio Nacional (Congresso).

— É aqui que vamos trabalhar — disse um deles.

Entramos em uns montes de lixo. Não havia ninguém por perto.

— Aqui a tua vida é nossa!

Respondi que sabia disso. Falei:

— Eu sei que a minha vida está na mão de vocês, mas não dou a vocês nem merda da minha vida.

Um deles avançou em minha direção, berrando:

— Filha da puta, metida a corajosa.

Começaram a me apertar, e a tocar meu busto.

— Quem era a cadela que escapou?

Ele pegou a minha arma e falou que me mataria com ela. Com dois tiros...

Estávamos perto de um lago, e eles me convidaram para tomar banho. Disse que não, e eles me arrastaram mais para o interior do monte de lixo. Ali perto havia uma ossada, não sei se de gente ou animal, mas aqueles ossos ali, me encheram de um sentimento de morte. Eu precisava escapar.

Outra vez vez ordenaram que eu deitasse.

— Deita que não vai acontecer nada.

— Só vamos enfiar esses papéis subversivos na buceta. E para que não caiam vamos dar dois tiros em você.

Um dos guardas, que me lembrava um camponês, meteu os pés no meu estômago. Com a mão direita ele apontava a arma. Outro tirou minha camisa e abaixou minhas calças. Como eu tinha as mãos livres, pensei em arrancar o *"Garand" da* mão dele, mas desisti da idéia. Tiraram minhas botas.

— Estamos tirando sua roupa para ver se você tem algum valor.

Ataram minhas mãos, atrás de meu corpo.

— Abra as pernas!. Abra as pernas!

Fechei-as com toda a força que tinha. O motorista me chutou.

Fizeram o que quiseram de mim... Cada um que terminava dizia:

— Agora é a tua vez...

Olhei-os de frente, mas me convenci de que não tinham amor próprio. Perguntei a eles se não tinham mãe ou filhas, e disse que eles eram honestos, que não fizessem aquilo comigo, tentando acalmá-los. Mas me calei quando responderam que merda de honestidade era essa, que isso era uma coisa que não conheciam.

Pedi ao motorista que não fosse tão brutal.

— Aqui não existe luta. Aqui você é nossa...

Na realidade, eles tinham razão, ali eu era deles, como diziam. Ele me chutou de novo para que abrisse mais minhas pernas, para que ele pudesse se acomodar melhor sobre meu corpo.

— Era isto que você deveria ter feito antes, *chiqüita*.

Gritei. Pedi que me matassem de uma vez.

— Você não vale um revólver 38...

Um tocava meus seios, outro deitava sobre mim, o terceiro falou que estava ficando com desejo mais uma vez. Mas, finalmente, acabaram. Ordenaram que eu me vestisse, e subisse no Jeep. Instalaram um interrogatório. Perguntaram se eu era guerrilheira, e disseram que a ordem era matar a todos.

Eu levava um lenço no bolso da calça, e o usei para me limpar. Jogaram meu lenço fora. O Jeep corria, agora, a toda velocidade. Um ônibus da rota 4 apareceu, um pouco longe ainda. Pensei em me jogar da viatura. Um dos guardas colocou a perna em mim, para dificultar meus movimentos. O ônibus acabou passando. Quando diminuíram a marcha numa curva, saltei.

Corri sem parar e em ziguezague, a espera de que atirassem. Temi encontrar outra viatura do *Becat* por ali. Pedi carona aos automóveis, mas ninguém parou. Entrei num ônibus. As pessoas me olharam espantadas. Sentei ao lado de um rapaz e falei:

— Fique calado, eu sou da Frente Sandinista.

— Sandinista?

— Sim, eu colaboro. Meu nome é Ibis, fui violada, mas consegui escapar. Se algo me acontecer, denuncie.

Eles respondeu nervosamente, ok, ok, ok.

Desci do ônibus e entrei numa lojinha. Contei o que tinha acontecido, pedi um pouco de dinheiro, e um lenço de cabeça. Entrei num táxi, e desapareci.

Perguntei:

P— Você vive clandestinamente?

R — Antes não. Agora faço meu trabalho revolucionário na clandestinidade.

P — De onde é você?

R — De Jinotepe, no interior do país.

P — Você pensa exilar-se?

R — Não, de modo algum. Penso em continuar a luta aqui.

P — Quantos anos você tem?

R — Dezenove.

P — E seus pais, o que dizem sobre sua vida?

R — Eu creio que até este momento eles não sabem se estou viva ou morta, pois só sabem de minha captura.

P — Quando você se integrou na Frente Sandinista?

R — Há algum tempo. Há algum tempo.

P —Você era estudante?

R — Sim. Depois deixei de estudar por razões econômicas.

P — Por que você se integrou na Frente Sandinista?

R -- Porque, realmente, me convenci de que somente pela luta que enfrenta a Frente Sandinista poderemos derrotar finalmente a ditadura. Eu sei que a marcha até a vitória não se detém. A vitória final vai chegar custe o que custar.

O CORONEL

Acusado de tentar envenenar seus companheiros de armas, e de conspirar para derrubar o governo de Anastácio Somoza Debayle, o coronel Bernardino Lário, foi preso em agosto pela polícia política da Nicarágua.

Esteve preso por dois meses em Manágua. Julgado por um tribunal militar especial, Lário voltou a liberdade, por falta de provas, em outubro. Dias depois, a presidência da República, em comunicado oficial, afastou-o da Guarda Nacional "por interesse do presidente".

Lário vive hoje em Manágua na casa de amigos. É um homem elegante e inteligente. Sua vida militar terminou, mas sua vida política, apesar das ameaças das organizações pára-militares, continua bem ativa. Sabe que o momento é de decisão, e que aqueles que ficarem em cima do muro, pagarão bem caro. Ele espera o dia D, e diz que os comunistas não comem crianças, pelo menos, todos os dias.

Pena: prisão. Acusação: tentativa de envenenamento da comida dos oficiais da Guarda Nacional. Identificação: coronel do exército da Nicarágua, Bernardino Lário.

P — Coronel Bernardino Lário, como você vê a situação política na Nicarágua?

R — Bastante crítica. Estamos às portas de uma catástrofe. Creio que toda a população de meu país vê a situação assim.

P — Você como militar, como vê esta situação?

R — É uma situação péssima para todos nós, militares e civis.

P — E qual é a solução para a grave crise que vocês estão passando? Como isto poderia se modificar?

R — Somente com a queda de Anastácio Somoza do poder.

P — Por qual meio, coronel?

R — Creio que as soluções pacíficas já não servem para nada. Todos nós sabemos que o presidente não sairá do poder por qualquer solução negociada. Por palavras ele não sai. A pressão econômica que o regime sofre, o boicote à ajuda militar e econômica por parte dos Estados Unidos, se bem que prejudicaram sensivelmente o regime, não será suficiente para derrotar a ditadura. O povo não está vendo nada disto.

P — Mas quais são as forças internas que estão em jogo?

R — Ok, a Frente Sandinista de Libertação Nacional é a principal força, mas o povo está simpatizando com qualquer força que se oponha ao governo. Como os mais visíveis são os combatentes da Frente, o povo diz que é sandinista, ou que está com a Frente Sandinista.

P — Mas, você como oficial da Guarda Nacional, crê que a Frente Sandinista, realmente, tem poder para derrubar o governo?

R — Não, não creio que a Frente supere o exército. Por um motivo, principalmente, de ordem militar. Não me refiro ao treinamento deles, que é muito bom, mas ao fato de que são um exército irregular.

P — Em sua opinião, quando vai chegar o momento que a violência determinará a queda de Somoza?

R — Logo. Não estamos longe disso. A Frente Sandinista, depois de sua frustrada ofensiva, em setembro do ano passado, está seguindo a tática de enfrentar o exército de forma esporádica e de maneira desigual. Estes enfrentamentos de surpresa vão provocando o cansaço das tropas da Guarda Nacional.

Quando uma pessoa defende algo que não se ajusta às suas próprias necessidades, tem uma força mais débil, ainda que mais organizada que o opositor. Além disso, o exército terá que definir o que pensa. Já está chegando este momento. Já existem oficiais que não querem manter mais este tipo de situação e vão ter que se definir um dia.

P — No caso de uma rebelião, você acredita que estes oficiais que hoje se encontram insatisfeitos, poderiam participar dela?

R — Sim, estou quase certo disso, porque grande parte do exército não está de acordo com o que acontece no país. Se até agora nada ocorreu é porque eles têm medo, e o hábito de obedecer ao presidente. Ainda vivem uma situação cômoda, de desfrute, deixando os problemas nas mãos dos outros. Mas isso tende a mudar.

P — Você pensa que esta rebelião se daria em quanto tempo?

R — A situação está insuportável. Já não se pode sobreviver com o salário que um militar recebe. Vêem a fome, e o ódio que a população tem pelos militares crescer. Um militar já não pode andar tranquilamente pelas ruas. Muitos já enviaram seus filhos ou seus familiares para fora do país. Isso vai desgastando as pessoas de tal forma, que o dia da definição acaba chegando, como disse antes.

P — Se o exército nicaraguense se dividir, quem seria seu aliado? A Frente Sandinista, o MPU, o Movimento Operário, FAO, quem?

R — O exército não acredita em partidos políticos. Com isto não quero dizer que não existam políticos de valor. Mas, em geral, são politiqueiros. O exército é desconfiado em relação aos partidos.

O mesmo raciocínio serve para Frente Sandinista. Eles são soldados como nós, e não estão satisfeitos com a política do país, e querem levar sua própria política. O exército também teria sua própria política, a castrense, eu creio que isso nos levaria para uma política popular.

P — Se os militares dessem um golpe, eles manteriam o poder em suas mãos?

R — Normalmente, quando um exército dá um golpe, existe o perigo que também ele se transforme em politiqueiro. O militar na política pode querer imitar os políticos. Deixará de ser um bom militar para se transformar num mau político. Assim, explicamos o fracasso dos governos dirigidos por militares.

P — Você acredita que todos os partidos políticos são dominados por politiqueiros?

R — Não, de forma alguma. Isto seria um abuso de minha parte. Mas eu sempre pensei que a maioria de todos os partidos políticos contraem compromissos que não vão de encontro aos interesses do povo. Seria interessante que eles se comprometessem com os inte-

resses do povo, acima dos partidos.

P — E o exército está imune a compromissos?

R — Não, evidentemente que não. Estamos todos neste processo, e o militar que não se sinta firme em suas convicções poderá cair neste meio. O homem tende a imitar as pessoas que o rodeiam.

P — Entendo então que logo chegará o momento dos militares darem um golpe. O que farão com a Frente Sandinista?

R — É um processo que tem que ser evolutivo. Temos que usar muito bem a cabeça para conseguir a paz para todos. Já tivemos uma experiência muito ruim com o general Sandino. Ele acreditou e foi morto. Não acredito que nenhum sandinista vá crer em algum militar, ainda que tenhamos as melhores intenções. Eles não entregarão suas armas sem obter uma real garantia de que a história não vai repetir-se.

P — E que garantias seriam estas?

R — Seria a garantia do progresso do país. Quando eles notarem que o ambiente tem um ar respirável, onde um cidadão que fala contra o governo é respeitado, onde todos tenham um salário de acordo com sua capacidade...

P — Os sandinistas, a propósito, trabalham pela reforma agrária...Como você vê esta diretriz?

R — Não vejo nada que impeça isto — desde que assumamos o poder. Se isto beneficiar o povo, vamos pedir a todos que colaborem conosco. O trabalho é de todos, a Nicarágua é nossa!

P — Mas isto significaria atacar interesses fortes dentro da própria burguesia.

R — Temos que atacá-los. Se isto trouxer benefícios para a população, temos que atacá-los.

P — Mas isto é um pouco difícil...

R — É difícil, mas não impossível. Precisamente estes são os desafios que temos que enfrentar na vida. Também não é tão difícil lutar para que a Guarda Nacional e o povo vivam como irmãos.

P — Mas a estrutura da Guarda Nacional, projetada e instruida para ser parte do esquema de manutenção de uma família, não possibilita maiores discussões...

R — É claro que os militares que, atualmente, estão recebendo os privilégios oferecidos pela família Somoza, não participariam de qualquer tentativa de mudança no status quo. O espantalho do comunismo sempre foi utilizado para impedir que qualquer pessoa discordasse do governo. Hoje, isto não é mais possível.

Eu creio que cada vez que se pratica uma injustiça, cada vez que cai um homem morto, ou que um homem é feito prisioneiro, é um golpe na estrutura da Guarda Nacional, e um dia mais favorável para o comunismo. Se você tem um salário justo, com direito à instrução, aí você terá condições de saber se o comunismo interessa ou não. Na Suiça, não existe o temor pelo comunismo, e na França também. Nesses países não adianta agitar o espantalho do comunismo, cada um vive como quer...

P — Como você analisa a repressão por parte do exército?

R — Não gostaria de comentar o fato. Os guardas andam com medo, rebelados.

P — Mas como você vê os casos de violação sexual que têm ocorrido com muita frequência, praticados pelos soldados da Guarda?

R — Isto é uma anormalidade. É uma péssima propaganda para o exército, e nos afeta de maneira geral.

P — Quantos soldados compõem a Guarda Nacional?

R — Agora é muito difícil dizer, pois tantos foram mortos, e tantos entraram em suas fileiras que...

P — Muitos foram mortos?

R — Claro que sim. Mas eles não comunicam suas baixas. Não acredito, no entanto, que tenham um efetivo superior a dez mil homens.

P — Quantos militares pertencem a Escola de Treinamento Básico (EEIBI), dirigida pelo filho de Somoza?

R — Não sei.

P — Coronel, você foi muito torturado durante sua prisão. Que tipo de tortura você sofreu?

R — Exercícios, eles mandam você fazer exercícios durante dias seguidos, até a completa exaustão, até a morte.

P — Como funciona o sistema de tortura dentro do exército da Nicarágua?

R — Varia. Para alguns, eles só obrigam a fazer os exercícios. Isto é terrível porque é mais lento e não deixa marcas. Mas outros métodos como os de quebrar as costelas. E torturas psicológicas, principalmente com as pessoas de mais instrução. Quando eu era cadete, já via as torturas elétricas, ao mesmo tempo em que aprendíamos os lemas da academia pátria, disciplina e honra.

P — Como é treinado um torturador? Qualquer soldado pode torturar?

R — Para isso não é necessário treinamento. Normalmente se escolhe o tipo que tem tendência para essa função, que sente prazer em fazê-lo, são os sádicos.

P — Você teve que participar em algum ato de tortura durante sua carreira?

R — Não, nunca vi um caso sequer de soldados que tivessem sido obrigados a torturar alguém.

P — Que tipo de ajuda os EUA dão nesta matéria?

R — Eu penso que Chany, o mercenário, foi um exemplo vivo...Mas o que você vê na televisão é o total respeito ao prisioneiro de guerra.

P — Quando um combatente sandinista cai prisioneiro, como é tratado pelo exército?

R — Varia de acordo com sua colaboração.

P — Mas eles são bem tratados?

R — Não creio que sejam bem tratados, evidentemente que não.

P — Coronel, qual a sua opinião sobre aquela frase do mercenário Chany, quando ele afirmava que se fosse nicaraguense estaria lutando ao lado da Frente Sandinista?

R — É bastante rara esta afirmação, vinda de um mercenário especialmente contratado para combater a Frente. É possível que ele, no fundo, tenha ficado chocado com a injustiça diariamente cometida contra o povo, e tenha se colocado ou se identificado com as idéias dos sandinistas. Eu acredito que todos os homens têm, no fundo, algum sentimento, ainda que estejam combatendo ao lado de uma causa injusta.

P — Você conhece a causa verdadeira da queda do avião onde viajava este mercenário?

R — Não, eu desconheço. Eu nunca o vi. Ele vivia normalmente na EEIBI, e para ingressar na EEIBI, o oficial era obrigado a ser submetido a uma revista. Na minha condição de tenente-coronel, e me dando o valor que eu sempre tive, não quis me submeter a esta desonra.

P — Como você caracteriza a EEIBI?

R — É um exército dentro de outro.

P — Quando você fala no exército, eu fico com a sensação que existe uma mística dentro de sua organização.

R — É interessante, eu sofri as conseqüencias desta mentalidade. Normalmente, quando se ataca o governo, o militar menos visado e mais influenciado pela propaganda governamental, interpreta que os ataques são contra a Guarda Nacional e não contra a pessoa do presidente, ou algum membro da família. Fomos educados a pensar assim.

Quando fui preso, juntamente com outros companheiros, o próprio presidente nos disse que desculpassem, porque um louco, no caso eu, os havia envolvido. Fomos acusados de tentar envenenar a comida dos oficiais da Guarda Nacional. Fomos julgados por um tribunal militar, mas nada se comprovou. Três dias depois do julgamento, eu recebi baixa do exército por "conveniência governamental."

P — Coronel, a organização Mão Branca, pára-militar, especializada em "desaparecimentos" de opositores e "acidentes" não foi formada a partir de elementos do exército?

R — Não creio. Agora, existe uma campanha oficiosa no exército para mostrar que eu sou um lixo... Talvez preparando o espírito das pessoas para um atentado contra minha pessoa. Se lixo é aquele que deseja o bem estar de seu povo, é lindo ser lixo. É uma questão de conceitos.

P — Voltando à pergunta que lhe formulei anteriormente, quanto tempo Somoza pode se manter ainda?

— Muitas fontes otimistas acreditam que nao chegaremos em abril. Eu não muitos dados, mas se os tivesse não lhe diria nada. É óbvio, não?

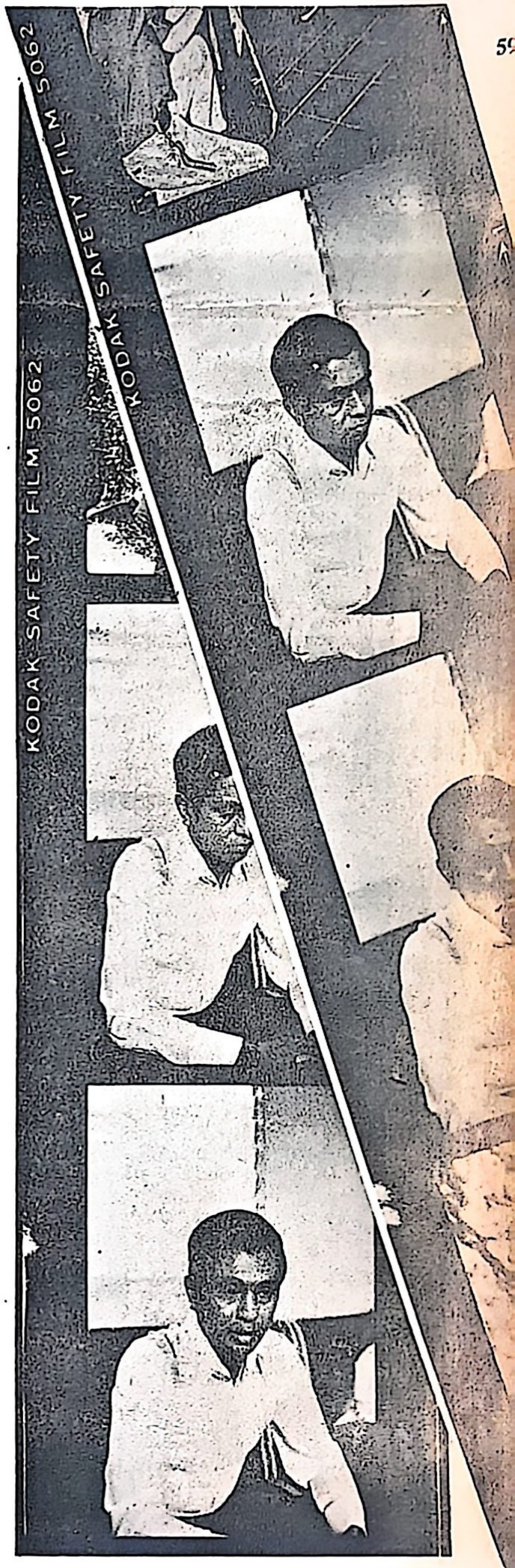
Mas as condições estão dadas. Um militar não pode suportar a vergonha de implorar ao Presidente seu próprio salário.

P — Qual seria o líder provável em caso de rebelia no exército?

R — Não saberia lhe dizer. No exército da Nicarágua, é proibido a amizade entre companheiros. Ou se é delator, ou se é cúmplice.

P — Também no caso de uma nova ofensiva da Frente Sandinista, estariam dadas as condições para um golpe militar contra a ditadura?

R — Quem sabe? Mas é uma boa pergunta...



O COMBATENTE

Há uma curiosa divisão no país. Quando o sol nasce, as cidades são de Somoza. Quando vem a noite, as ruas são patrulhadas pela Frente Sandinista. As fogatas, pequenas fogueiras de pneus, a bandeira vermelha e preta dos sandinistas pendurada nos fios de alta tensão, as explosões dos Becat, anunciam a chegada de mais um dia. De manhã, a Guarda Nacional retira a bandeira e as mulheres que andam nas ruas blasfemam.

À noite, virá a desforra.

Há muitas contas para ajustar. A trajetória sangrenta dos Somozas, no entanto, está por terminar. O relato deste combatente sandinista, que publicamos nas páginas seguintes retrata bem esta situação. Acompanhe-o nesta aventura, nesta luta de vida ou morte. Corria o mês de setembro, e em Masaya, no interior do país... Bem, veja você mesmo:

CENA UM

O guerrilheiro sandinista conta como Masaya resistiu.

O Quartel General da Guarda Nacional, em Masaya, estava protegido por pequenos tanques, —tanquetas —, mas o comando dos milicos que estava em Monimbó (bairro de Masaya) foi totalmente desbaratado. Os sete jeeps da **BECAT** que estavam alí, foram queimados pelas brigadas e Comandos Revolucionários do Povo.

As pessoas de Monimbó enterraram um tenente nas ruas do bairro.

As armas que estavam lá foram recuperadas e levadas ao nosso QG, localizado a quatro esquinas de Monimbó. Lá havia provisões de alimentos, remédios e munição.

Na manhã de domingo, o povo percebeu que a coisa era séria e partiu para a luta, sem que nós tivéssemos dado nenhuma instrução para isso. Rapazes, crianças, mulheres e velhos faziam questão de participar.

Na manhã de segunda feira, começamos a justiçar os espiões. Eles eram mortos e enterrados imediatamente. Os guardas que se haviam infiltrado foram justiçados. Na terça feira, a Guarda entrou na cidade pelo bairro de **Las Sabogales.** Fomos cercados, eram uns 500 guardas, mas nós tinhamos uma metralhadora M-50 e você pode imaginar o valor que tem uma arma destas para nós. Além disso estávamos equipados com metralhadoras de mão, rifles e pistolas. Matamos 300 soldados e começamos a retoceder.

Eles apareciam por todos os lados e cada vez em maior número, furando nossas defesas e entrando na cidade. Com ele chegaram os mercenários.

Muitos deles eram vietnamitas, vestiam uniformes da GN. Os mercenários passavam pelos bairros e se atiravam como animais, sobre as pessoas.

A aviação jogou um papel importante desde o domingo. Eles atiravam rajadas de metralhadoras, bombas incendiárias e gás lacrimogêneo, enquanto as **tanquetas** destruíam as lojas e iniciaram o massacre.

CENA DOIS

Agora, o guerrilheiro move-se lentamente pelas ruas de Manágua. A sentinela, fuzil ao ombro...

A madrugada em Manágua. Em frente à sede do comando da polícia, um agente monta guarda com sua carabina sobre o ombro. Está tranquilo.

Algumas sombras cruzam a rua. Trata-se dos que vão ao mercado, pensou o agente.

— A bazuca, coloquem-na alí, sussurou o homem mais velho do grupo.

Um tubo largo, **a granada proletária** — arma mortífera é colocada sob o jeep do BECAT, estacionado na esquina da sede da polícia. Minutos depois ouve-se po toda Manágua uma explosão. Os moradores das redondezas acordam assustados, mas logo em seguida se felicitam. Sabem que "voou" mais um BECAT e voltam a dormir. São as noites sandinistas.

ADIOS, GENERAL

Há uma festa, há um velho ditador e sua corte, e o ódio de classe, que também foi convidado. Há um atentado, um revólver, os guardas, uma morte, outra morte. Colares de pérolas e brilhantes no chão. Sapatos envernizados sujos de sangue, medo, pólvora. Alguém iria gritar que a justiça foi feita. Morreu um Somoza. Outro virá para o seu lugar.

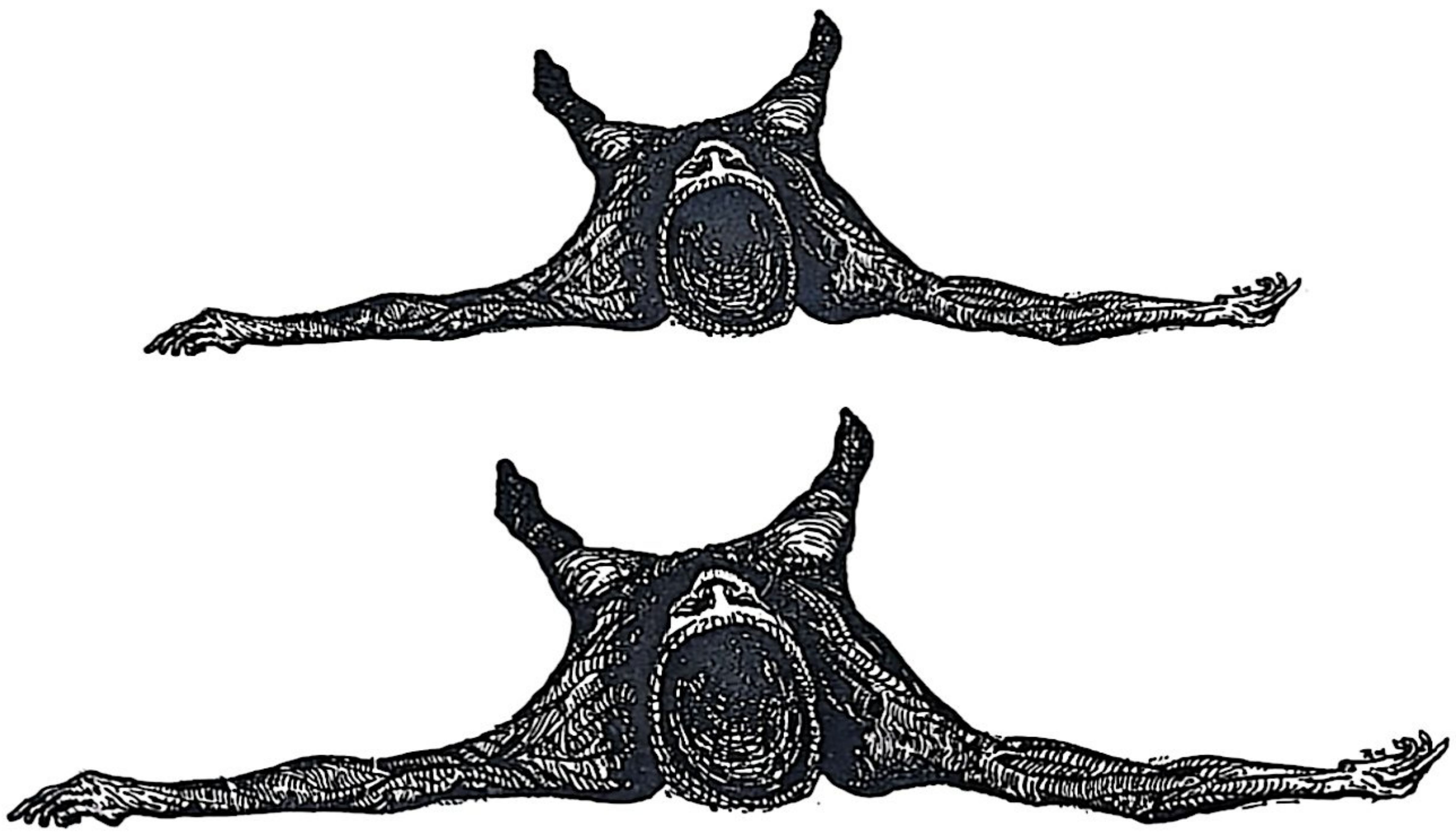
Quem duvida?

Alguém duvida?

A fera morta. Mas... em vez de Garcia, poderia se chamar Anastácio Debayle, talvez, Anastácio Portocarrero.

De qualquer modo, sempre Somoza.

(Em Leon, há muitos anos, certa vez houve um atentado contra o ditador Somoza. É a história que relatamos a seguir).



Mataram o general! Mataram o general!

Todos riam muito na festa do ditador. Somoza Garcia, pai de Anastácio, observava a multidão e gozava por uma noite a popularidade que não tinha. Em uma sala ao lado do Clube Operário, onde se realizava o baile, a Guarda Nacional vendia entradas "intransferíveis". Garantido o seu brilho, a festa podia prosseguir pois Somoza Garcia havia ido a León especialmente para isso.

"O general estava muito contente", disse uma testemunha para Pedro Joaquim Chamorro, jornalista e diretor do jornal "La Prensa" que descreve em seu livro o diálogo com a testemunha.

— Falávamos de política, de seu programa de governo e de várias coisas mais, de meu avô e de minha avó. Um operário se aproximou de onde estávamos e saudou o general dizendo-lhe: — Como vai general? dando-lhe a mão fortemente. Então minha irmã disse: — Que violência, General... — Assim são eles... lhe respondeu.

O velho ditador era diferente de seu filho, tinha um gênio especial que podia facilmente passar de uma pose paternalista e bonachona a uma fera calculista e assassina. Quando apertava as mãos de operários ou camponeses, procurava manter a postura de um bom avô. O velho Somoza tinha o apelido de Zancudo (mosquitão).

Conta-se que estando no estádio, em um domingo, para assistir uma partida de beisebol, Somoza Garcia teria convidado a um operário que estava assistindo a partida, para sentar-se a seu lado. Enviou seu guarda costas para fazer o convite, mas ele respondeu que não iria sentar-se ao lado de um assassino. Quando o guarda costas voltou, não teve coragem de repetir as palavras do operário. Somoza percebendo a situação ameaçou de mandar matar o guarda costas caso ele não falasse exatamente o que o operário lhe havia dito.

O guarda costas tremendo de medo... E o **Zancudo** apareceu, dizendo para o guarda costas:

— Vá até lá e dê a este homem 24 horas para sair do país, do contrário ele conhecerá o assassino.

Somoza pai havia chegado tarde a festa pois vinha de outra, onde se havia festejado a sua "nova candidatura", no Clube Social... Seria importante estar com os operários, ainda que dos convidados oficiais do

Clube operário, quase nenhum fosse operário. Mas havia os convites "intransferíveis" sendo vendidos pela Guarda Nacional.

Os Somozas estavam contentes. O presidente "candidato" desta vez estava vestido de civil, trajava um terno azul e recebia felicitações.

Rigoberto Lopez Perez, também parecia contente. O disparo de seu revólver 38 ecoou pelo salão.

— Ay Dios mio! disse o presidente mortalmente ferido. Os guardas costas de **Zancudo** começaram a disparar contra todos. Os ladrilhos antes limpos, agora estavam manchados de sangue.

Mataram o General!

Rigoberto López Perez, nascido em León, sabia que iria morrer. Arquitetara tudo sozinho. Pensava que com a morte de Somoza as coisas iriam melhorar. Não haveria mais Somozas. Mas a máquina somozista estava lá. Os Somozas não morrem.

Hoje León é um cidade ameaçda de novo. Em vez de Garcia, hoje ele se chama Anastácio Debayle e, amanhã talvez... Anastácio Portocarrero. Mas sempre Somoza. Mas León não esquece do assassinato. É o orgulho desta cidade atormentada. É uma cidade de pequenos comerciantes de aparência calma. Só aparência.

Depois das seis horas da tarde ela muda de cara. Tudo pode ser uma emboscada para a Guarda Nacional. Pela noite, os filhos de Somoza quase não circulam pela cidade. Eles têm medo.

As esquinas, o mercado, as casas metralhadas, as paredes pintadas com as siglas da FSLN, as sombras podem atirar nos soldados.

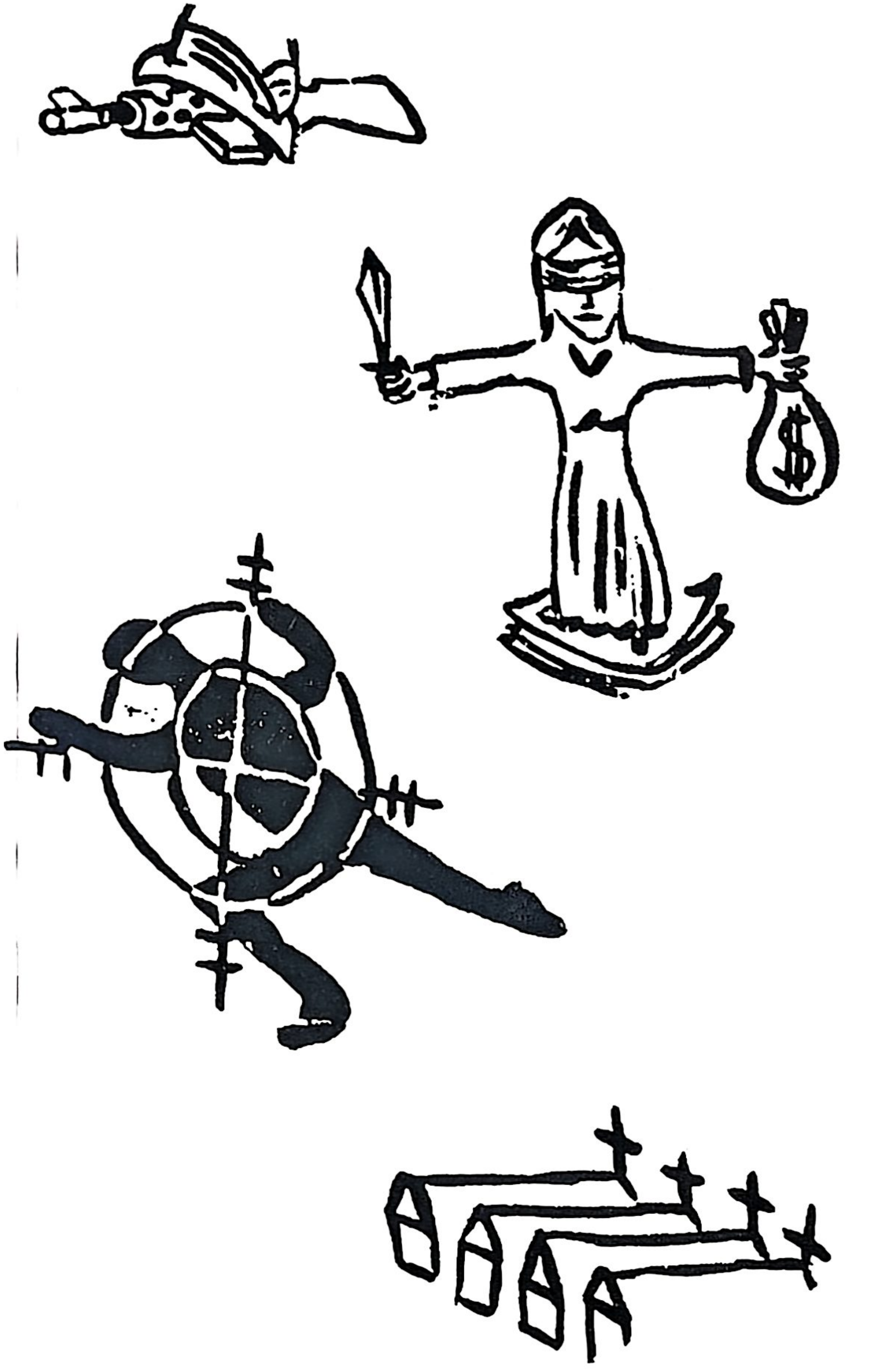
À noite, o bairro de San Felipe fica isolado. Nem os pára-militares entram no bairro de San Felipe.

— As pessoas são calmas, podem estar nas cadeiras em frente das casas, desde uma janela ou atrás de uma árvore, disse um dos moradores.

Os guerrilheiros atuam ali com bastante tranquilidade, pois aqueles olhos pobres sempre lhes ajudam. E não se enganam. Sabem que os guardas, às vezes, se disfarçam de civis, ou se vestem com uniformes da Frente, e gritam: (consignas da FSLN), pelas ruas estreitas.

— En la montaña enterraremos el corazón del inimigo! ou Pueblo Unido ou ainda El Lider es el Pueblo, esperando que aqueles olhos saiam de suas casas e recebam uma boa rajada de metralhadora.

Pela manhã, a cidade volta a ser patrulhada pela Guarda Nacional. Os guerrilheiros já voltaram para as montanhas. Já não existe perigo, e os valentes soldados fazem demonstrações de "poderio" de suas forças.



Ocotal, a guernica da nicarágua

Ocotal despertava.

Mas pouco depois das dez horas, o inferno começou. O esquadrão aéreo dos marines norte-americanos chegava, despejando centenas de bombas sobre a cidade, que ficou inteiramente destruída.

Ocotal despertava, transformada num laboratório vivo da guerra.

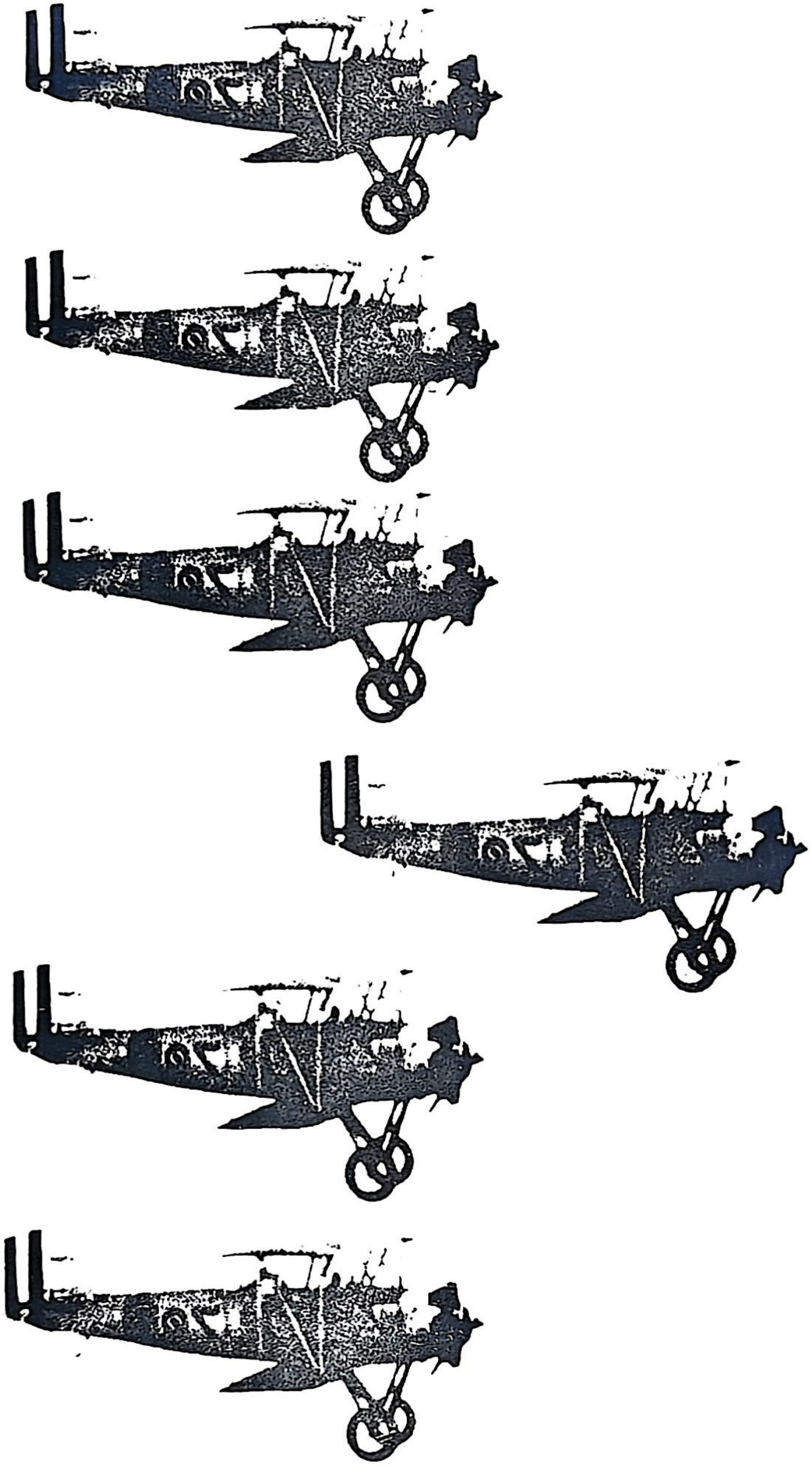
O general Megee, que comandou a operação, estava ensinando ao governo nicaraguense, como conseguir a rendição de Sandino.

(Mas, Sandino não desistiu).

Foi em julho de 1927, que ocorreu o bombardeio de Ocotal, um terrível prenúncio, do que dez anos mais tarde ocorreria com a cidade espanhola de Guernica, massacrada pela Legião Condor, da Alemanha.

(Depois, ainda seguindo os sábios conselhos militares dos EUA, Hitler aperfeiçoaria ainda mais a ação dos bombardeios aéreos sobre as populações das cidades).

A pequena Ocotal, quase na fronteira com Honduras, ainda geme seus 300 mortos.



Escrevemos o diário da destruição de Ocotal

Porto de Corinto, Nicarágua, 26 de fevereiro de 1927.

Barcos norteamericanos atracam no cais de Corinto, descarregando aviões de combate armados de metralhadoras e dispositivos para disparar bombas de fragmentação.

As máquinas desarmadas, embarcaram secretamente em um trem, com destino a Manágua.

Os aviadores marines comandados pelo major Rowell, iniciaram os vôos de reconhecimento para ataque sobre a região norte do país, território de Sandino. As máquinas já tinham sido usadas durante a ocupação do Haiti e da República Dominicana, e segundo o general Megee, que comandou as bases americanas na Nicarágua de 1929 a 1931, "não tinham até então, tido oportunidade de demonstrar sua efetiva capacidade de ataque terrestre".

Léon, Nicarágua, 28 de março de 1927

As forças sandinistas atacam um trem na via Corinto-Manágua, e atingem um dos aeroplanos que estavam sendo transportados. No dia seguinte, conseguiram abater um avião DH-4 que patrulhava a ferrovia, com uma rajada de metralhadora. Megee emite um comunicado: "estas duas ações marcaram o final da fase de observação neutra e o início da verdadeira participação dos Estados Unidos na guerra civil da Nicarágua".

Tropas americanas e nicaraguenses oficiais iniciam um combate aberto contra as forças sandinistas.

Ocotal, Nicarágua, 12 de julho de 1927

A caça ao **bandit** Sandino continuava sem muito sucesso. Populações inteiras foram massacradas, porque não diziam onde estava Sandino. Os soldados não perguntavam nada. Matavam, porque sabiam que ninguém iria falar.

O Corpo de Marines, torna pública uma intimidação, dirigida ao General Augusto Sandino:

"Parece imposible que usted permanezca aún sordo a propuestas razonables y aun a pesar de sus respuestas insolentes a mis pasadas insinuaciones, vengo de nuevo a darle una oportunidad más para rendirse con honor (...) nosotros estamos preparados para atacarlo en sus posiciones y terminar de una vez por todas con sus fuerzas y su persona, si usted insite en sostener-se (...) Usted tiene dos días para darme una contestación que salvará la vida de muchos de sus seguidores (...) Assinado: G. D. Hatfield, U.S.Marine Corps Commanding Officer, Ocotal, Las Segovias".

Sandino não se encontrava em Ocotal, e tudo parecia indicar que os norteamericanos estavam dispostos a colocar sua cabeça a prêmio. O comandante Hatfield exigia que Sandino viesse com seus homens até aquela cidade, e entregasse as armas pacificamente, para ter garantias que lhe eram oferecidas, pelos "representantes de uma gran nación poderosa que no gana batallas con traición".

Algumas horas depois, chega um telegrama à base americana:

"Recebí su comunicación y estoy entendido de ella. No me rendiré y aquí los espero. Yo quiero patria libre o morir. No les tengo miedo; cuento con el ardor y el patriotismo de los que me acompañan. Pátria y libertad. (assinado) A.C. Sandino".

Ocotal, Nicarágua, 16 de julho de 1927

Sandino deu a entender que ficaria em San Fernando, à espera dos marines. Seu plano era um ataque surpresa a Ocotal. Quase consegue realizar isso. Mas, quando estava se aproximando da cidade, as tropas oficiais deram o alarme. Sandino conseguiu retirar-se com seus homens, na mais completa ordem. Mas as metralhadoras e fuzis, junto com os aviões não pararam de cuspir fogo. Poucas horas antes, uma patrulha de rotina gastara toda sua munição sobre as zonas guerrilheiras, não importando se os atingidos eram ou não o que eles procuravam.

Então, repentinamente, Ocotal explodiu. A cidade foi totalmente destruída. Não sobrou uma só casa de pé em sua área central. Ficaram nas ruas, mais de 300 mortos, e cerca de 200 feridos, todos simples habitantes, que desconhecendo a guerra aérea, permaneceram em suas casas e nas ruas, como espectadores da batalha, sem suspeitar que estavam servindo de alvo para as bombas e metralhadoras.

O ataque a Ocotal foi uma espécie de punição pela teimosia de Sandino, e como para provar sua capacidade de ataque, que não puderam demonstrar, totalmente, no Haiti e República Dominicana.

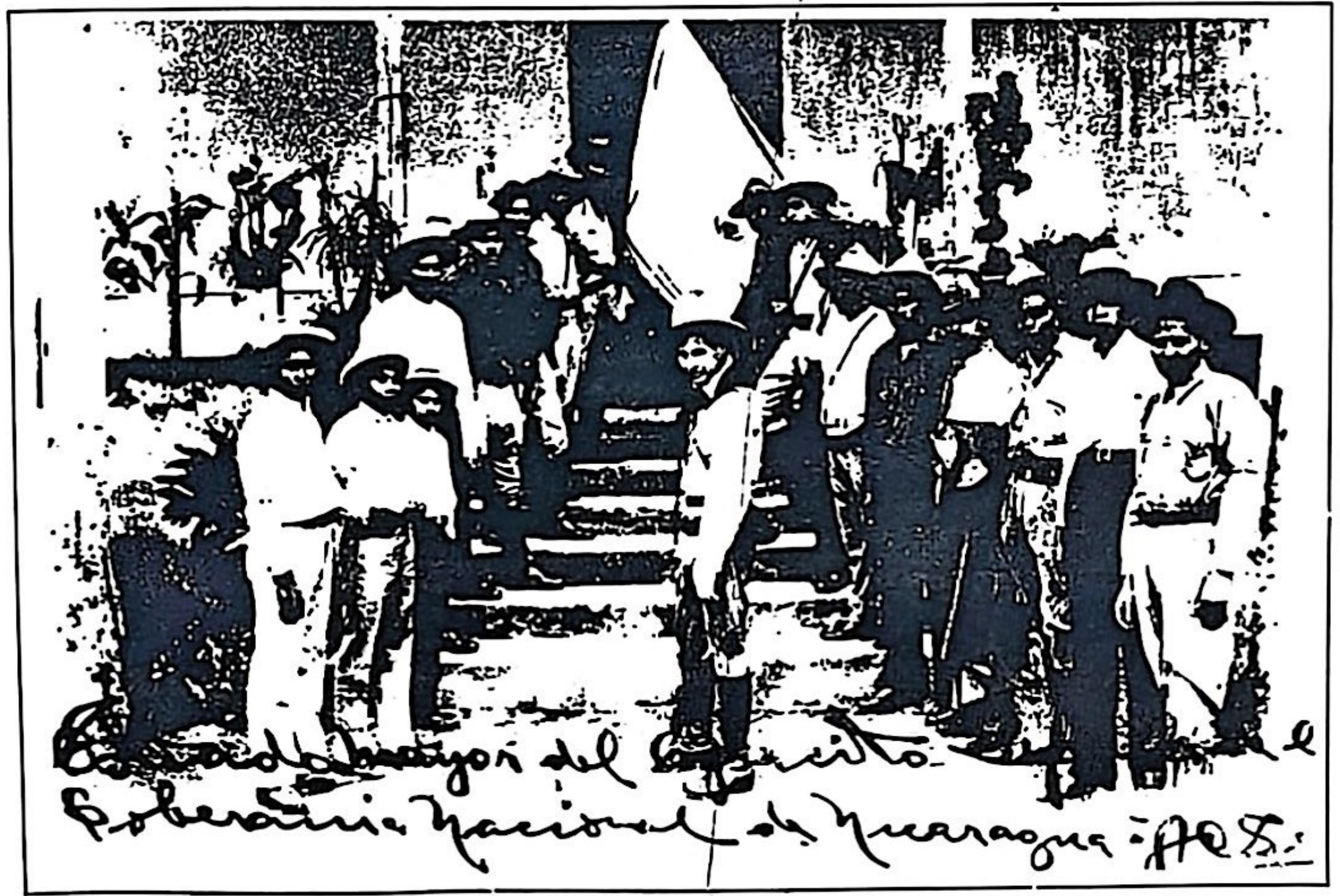
Tudo saiu tão perfeito, que o general Megee, anos mais tarde, ainda não conseguia ficar calado: "o sistema altamente eficaz de apoio aéreo imediato desenvolvido pela Marinha e Corpo de Marines durante a II Grande Guerra, e mais tarde, aperfeiçoado na Coréia, teve seu climax, nas operações de guerrilha dos marines contra o general Sandino. Daí que, as lições aprendidas durante a Segunda Campanha nicaraguense (a primeira foi a intervenção americana em 1912), provaram ser válidas para o caso do Vietnã".

Megee escreveu isso em 1970. Mas, suas "lições", não serviram para dobrar o Vietnã. Tampouco dobraram Sandino, a quem os marines nunca conseguiram capturar vivo. Sandino foi vitorioso, obrigando-os a deixarem a Nicarágua, um dos objetivos a que tinha se proposto, quando iniciou sua luta.

CUIDADO IANQUE!

Vês aquele homem vergado sob o peso de cargas eternas? Cuidado...Ele sempre passeia no pé da serra envolvendo-se e misturando-se neste profundo mormaço. Às vezes, perde-se na mata virgem, mistura-se às bananeiras, transforma-se em café, suporta os mosquitos, e une-se aos homens que sentam e deitam nas redes, após passear pelas ruas poeirentas com seus ternos brancos e chapéus panamá.

Cuidado, ianque! Às vezes,ele pronuncia algumas palavras. Sussurra...: Augusto César Sandino, general de hombres livres. E luta. Ele lembra velhas lições iniciadas em 1926, aqui na América Central e as pratica. Ele é igual a milhões de nicaraguenses. Eles perdem-se nas selvas, nas matas virgens reluzentes e surgem de repente...



Sandino foi o primeiro guerrilheiro da América Central

Em 1926, Sandino encontrava-se no México. Em seu país, Nicarágua, havia luta. O Partido Conservadór, representante da oligarquia rural, e protegido pelos Estados Unidos, travava uma batalha de vida ou morte com o Partido Liberal, representante da então nascente burguesia urbana local. Os «marines» americanos desembarcaram no país, para proteger os interesses dos banqueiros de Nova Iorque e para pomover a reconciliação entre as duas facções beligerantes. A Nicarágua estava se transformando, de fato, em um protetorado norte-americano.

Em 1927, os EUA propõem que os dois partidos assinem um Pacto, o chamado Pacto do Espinho Ngegro. Sandino volta para seu país, e liderando uma parte dos liberais, nega-se a assinar o acordo, resistindo com armas. Dizia então o general: «é melhor morrermos antes de nos vendermos ou de nos rendermos às propostas dos invasores e traidores. Os dirigentes políticos liberais e conservadores, são um saco de canalhas, covardes e traidores. Nosso país não tem culpa de não querer beijar o chicote que o açoita, nem o punho do ianque que o esbofeteia».

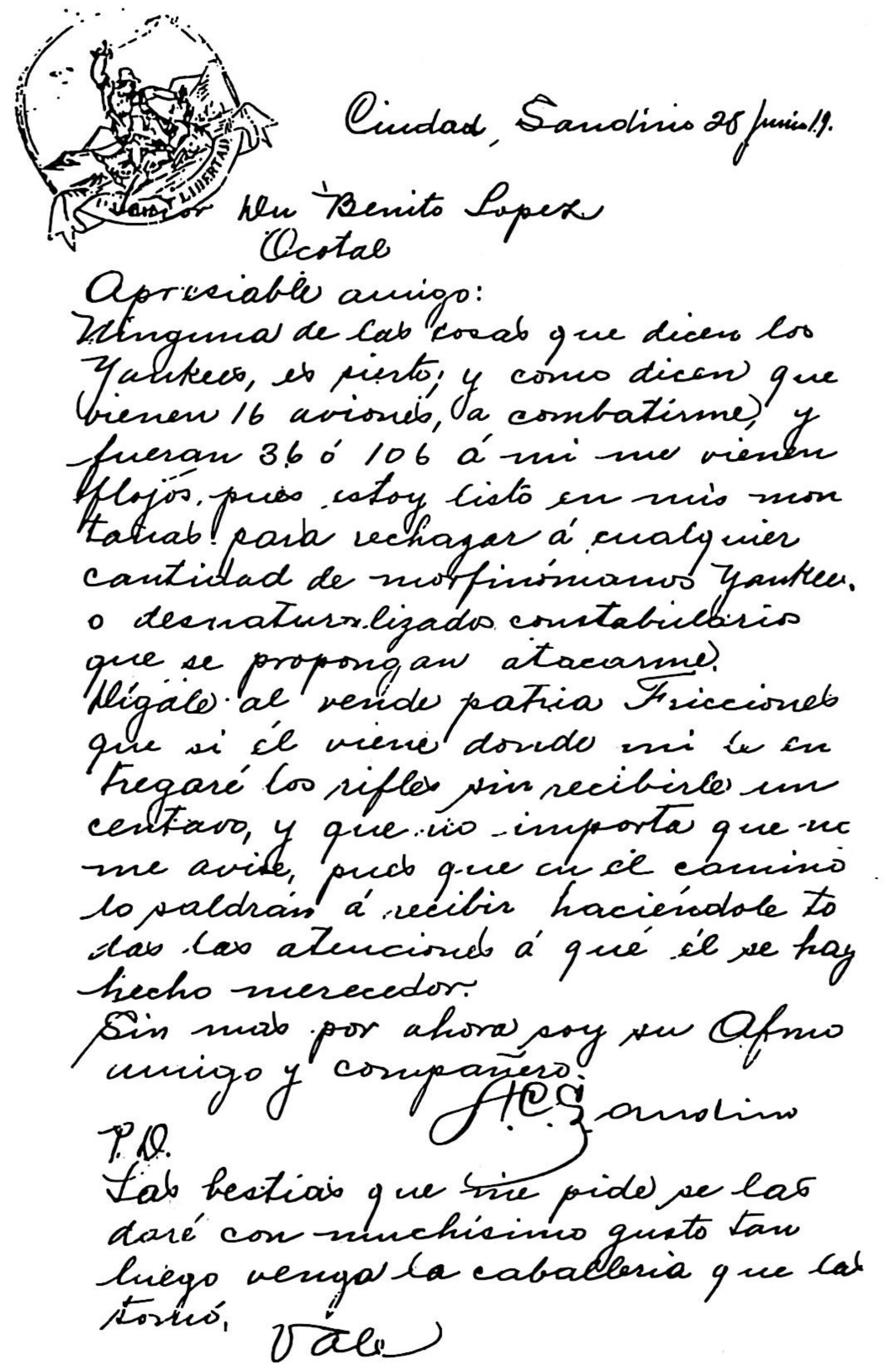
O sentimento anti-imperialista começou a se estender todo o país. E Sandino não descansou em sua campanha, chamando todos a engrossarem as fileiras da resistência armada.

«Oh, dólar maldito! Es a ferida que mina os cimentos do imperialismo ianque, e será você mesmo, a causa de sua derrocada. A Nicarágua não deve um só centavo aos Estados Unidos da América do Norte; mas eles nos devem a paz que nosso país perdeu desde 1909, quando os banqueiros de Wall Street introduziram os malefícios do dólar na Nicarágua. A civilização exige que se abra o canal da Nicarágua, mas que isto então seja feito com capital de todo o mundo, e não seja exclusividade dos norte americanos. Pois, pelo menos a metade do valor das construções deverá ser latino-americano, e a outra metade, dos demais países do mundo, que queiram participar de dita empresa...»

Nesse mesmo ano de 1927, Sandino começou a forma um exército de resistência. Chama todos os grupos de luta a se unificarem no Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua, onde traça os princípios gerais de estruturação e disciplina.

O cargo máximo de Chefe Supremo da Revolução, foi exercido por Sandino até a sua morte, em 1934. Outros cargos e quartéis foram criados, obedecendo a mais rígida estruturação e disciplina militares.

Sandino dizia sempre aos seus homens: «Minha pátria, aquela por quem luto, tem suas fronteiras na América Espanhola. Os verdadeiros bandidos, estão nas cavernas da Casa Branca, em Washington, de onde dirigem o saque e o assassinato de nossa América. Nosso exército espera a conflagração mundial que se aproxima, para começar a desenvolver seu plano humanitário, que pretende favorecer o proletariado mundial». Ao mesmo tempo, Sandino defendia a necessidade da formação de uma Frente Única Hispanoamericana, para conter o avanço do «conquistador imperialista». Todo programa estratégico do exército


Ciudad, Sandino 28 junio 19.

Señor Don Benito Lopez
Ocotal

Apresiable amigo:
Ninguna de las cosas que dicen los Yankees, es sierto; y como dicen que vienen 16 aviones, a combatirme, y fueran 36 ó 106 á mi me vienen flojos, pues estoy listo en mis montañas para rechazar á cualquier cantidad de morfinómanos Yankees, o desnaturalizados constabularios que se propongan atacarme.
Dígale al vende patria Friccione que si él viene donde mi le entregaré los rifles sin recibirle un centavo, y que no importa que no me avise, pues que en el camino lo saldrán á recibir haciéndole todas las atenciones á qué él se hay hecho merecedor.
Sin más por ahora soy su Afmo amigo y compañero
A.C. Sandino
P.D.
Las bestias que me pide se las daré con muchísimo gusto tan luego venga la caballería que las tomó.
Vale

Um manuscrito de Sandino,

sandinista, visava quase que, unicamente, a luta pela soberania nacional.

Quando começou sua organização, Sandino contava com 29 homens, que se multiplicaram rapidamente, inclusive tomando várias cidades, constituindo-se assim as chamadas «zonas guerrilheiras»

Em 1929, as forças sandinistas controlavam, no Norte do pais, Nueva Segovia, Jinotega, Esteli e Matagalpa. Dois anos depois, oito provincias rurais, encontram-se já bem próximas de alguns centros urbanos. E a zona guerrilheira cresceu: Costa Atlântica, Chontales e Matagalpa, Jinotega, Estili, Somoto, Ocotal, Quiloli, Jicaro, León e Chinandega. Apareceu também, nessa mesma época, um Boletim de Noticias do Exército Defensor, onde se detalhavam as distintas operações militares das forças sandinistas.

O exército sandinista recebia cada vez maior simpatia por parte da população, e existe um fato excepcional a ser mencionado: um dos pelotões revolucionários mais combativo e temido, era o chamado «Coro de los Angeles», constituídos por meninos e meninas, de 13 a 16 anos. Eles formavam uma patrulha especial, encarregada de ataques e missões nas zonas inimigas, e nas bases americanas. Era dirigido pelo General Miguel Angel Ortez, e era composto de três grupos de 50 muchachos cada um.

Sandino também sempre louvou a participação das mulheres. Algumas delas se destacaram, e converteram-se em símbolos nacionais: as irmãs Villatoro, Maria Altamirano, Blanca Arauz, e a lendária Concepción Alday, assassinada pelas tropas norte-americanas, em 1927, ao lado do general Francisco Sequeira.

A partir de 1931, os combates se intensificaram. As tropas de Sandino começam a se mover mais rapidamente, atacando em pequenos grupos. O General decide adotar então uma estratégia e uma tática irregular fundamentalmente guerrilheira, deixando de lado suas ações fielmente militares readicionais. Além da emboscada, atacava de surpresa as oposições inimigas, tomando cidades, amotinando às fileiras inimigas, combatendo nas montanhas e em campo aberto, fustigando as vias de comunicação, neutralizando aeroportos.

No final dos anos 20, Sandino escreveu uma carta ao então presidente Hoover, dos EUA, onde copiou os versos finais do poema anti-imperialista «Ode a Roosevelt», de Ruben Dario, aproveitando para deixar claro o que pretendia. E assinou, no final: **«Quartel General El Chipotón, Nicarágua, Ano Sétimo da Luta Antimperialista na Nicaragua. Pátria e Liberdade».**

A situação começou a ficar difícil para Sandino e seus homens, a partir de 1934. O governo e seus aliados, rompem o tratado de paz firmado no ano anterior, e voltam-se para isolar Sandino da população. Sandino esforça-se para não romper o pacto de paz, embora mantivesse mais de 600 homens guerrilheiros de Wiwili. Dizia então:»... Acontece que aqui não existem dois estados, e sim três: a força do presidente da República, da Guarda Nacional e a minha....»

A perseguição e violência assumem formas imagináveis, e nesse mesmo ano, Sandino é assassinado em uma emboscada pelas forças de Somoza, comandante da Guarda Nacional. Depois disso, as forças sandinistas são dispersadas, para ressurgirem depois de quase 30 anos.

Sandino é uma ave fênix. Renasce todos os dias na Nicarágua.

Sandino está no centro, ao lado de seu futuro assassino, Somoza, à esquerda.

SOLENTINAME uma ilha arrasada

Ernesto Cardenal

Solentiname é um conjunto de ilhas, no sul da Nicarágua. Ali viveu durante 12 anos o poeta e sacerdote Ernesto Cardenal e, nessa época, o arquipélago chegou a se converter no ponto de encontro da poesia, de todo o continente. Foi neste clima que Cardenal escreveu alguns de seus principais livros ("Salmos", "Poesia Nova da Nicarágua" e o relato do "Evangelho de Solentiname").

Mas a efervescência política, a luta contra a ditadura de Somoza, chegou a este paraíso terrestre, criado com tanto cuidado durante anos. E Cardenal nos relata aqui, em sua linguagem cristã e poética, a filosofia de vida daqueles sacerdotes e camponeses de Solentiname. Conta como a luta contra a exploração e o sofrimento aqueceu os corações daqueles jovens camponeses, e os levou a empunhar armas contra a dinastia Somoza. O relato, simples, preciso, nos dá o clima da luta na Nicarágua... e conta porque Solentiname se transformou numa ilha arrasada.

Agora tudo isso terminou.

De pronto suena en la noche una
sirena de alarma, larga, larga,
el aullido lúgrubre de la sirena de
incendio o de la ambulancia blanca de
la muerte, como el grito de la cegua
en la noche. Que se acerca y se acerca
sobre las calles y las casas y sube,
sube, y baja y cresce, cresce, baja y se
aleja y cresciendo y bajando. No es
incendio ni muerte:
Es Somoza que pasa.

(Ernesto Cardenal)

Cheguei com outros dois companheiros, há doze anos, a Solentiname, para fundar ali uma pequena comunidade contemplativa. Contemplação quer dizer união com Deus: Logo vimos que esta união com Deus nos levava em primeiro lugar à união com os camponeses, pobres e abandonados, que viviam dispersos nas margens do arquipélago. A contemplação nos levou à revolução, e assim tinha que ser, caso contrário, seria falsa. Meu antigo mestre de noviços, Thomas Mertons, inspirador e diretor espiritual dessa fundação, me havia explicado que, na América Latina, o contemplativo não podia estar longe das lutas políticas.

A princípio, nós havíamos preferido uma revolução com métodos de luta não violenta (embora sem desconhecer o princípio tradicional da Igreja, da guerra justa e do direito à legítima defesa dos povos e dos indivíduos). Mas, depois, nos demos conta de que, na Nicarágua, atualmente, a luta não violenta não é praticável, e que o próprio Gandhi estaria de acordo conosco. Na realidade, todo autêntico revolucionário prefere a não violência à violência, mas nem sempre se tem a liberdade de escolher.

O que mais nos radicalizou politicamente foi o Evangelho. Todos os domingos, na Missa, comentávamos com os camponeses, em forma de diálogo, o Evangelho, e eles, com admirável simplicidade e profundidade teológica, começaram a atender a essência da mensagem evangélica: o anúncio do reino de Deus. Isto é, o estabelecimento na Terra de uma sociedade justa, sem exploradores, nem explorados, com todos os bens em comum, como a sociedade em que viveram os primeiros cristãos. Estes comentários foram difundidos amplamente no mundo pelo livro "O Evangelho de Solentiname", traduzido em vários idiomas.

Mas, o Evangelho, sobretudo, nos ensina que a palavra de Deus não é para ouvir, mas também para ser posta em prática.

E os camponeses de Solentiname, que aprofundavam este Evangelho, não podiam deixar de sentir-se solidários com seus irmãos camponeses que, em outras partes do país, padeciam a perseguição e o terror: eles eram encarcerados, torturados, assassinados, suas mulheres eram violadas, suas terras eram queimadas, e eles próprios lançados de helicópteros. Também tinham que sentir-se solidários com todos aqueles que, por compaixão ao próximo, estavam oferecendo suas vidas. E esta solidariedade, para ser real, significava de fato comprometer também sua própria segurança e sua vida. Em Solentiname, se sabia que não haveríamos de gozar sempre de paz e tranquilidade se, de fato, queríamos pôr em prática a palavra de Deus. Sabia-se que a hora do sacrifício ia chegar, e essa hora já chegou.

Agora, em nossa comunidade tudo terminou.

Ali se desenvolveu uma escola de pintura primitiva que foi famosa em muitas partes do mundo. Os quadros, talhas em madeira e diversos artesanatos de Solentiname eram vendidos não somente em Manágua, mas também em Nova Iorque, Washington, Paris, Venezuela, Porto Rico, Suíça, Alemanha. Poucos dias antes da destruição de nossa comunidade havíamos despachado umas grandes talhas de maneira para uma igreja no Canadá. Ultimamente, os camponeses de Solentiname (os adultos e também as crianças) haviam começado a escrever belas poesias, e seus poemas foram publicados em Manágua, e no estrangeiro. Vários filmes foram feitos em Solentiname, assim como também foram publicados livros, revistas e folhetos, em diferentes idiomas, e se gravaram discos referentes a Solentiname, inclusive em alemão. Tínhamos ali, num distante rincão do lago, uma grande biblioteca, de livros recolhidos durante toda a vida. Tínhamos uma coleção de arte pré-colombiana encontrada em Solentiname, que através dos anos fomos formando. Tínhamos uma ampla casa para hóspedes, com muitas camas para os visitantes. Tínhamos fornos de cerâmica e esmaltes, e uma grande oficina para todo tipo de artesanato, onde realizávamos trabalhos em madeira, couro, bronze,

Solentiname era quase um paraíso. Mas pode existir um paraíso no inferno dos Somozas?

prata. Também estávamos desenvolvendo um trabalho comunal de jovens camponeses, através de uma cooperativa. Estávamos iniciando a construção de uma leiteria, e uma fábrica de queijo tipo europeu, ajudados por uma instituição alemã.

Na Alemanha se disse: "Solentiname está em todas as partes, é o princípio do mundo mais humano, é uma vida cristã, não só esperando um mundo melhor, mas preocupando-se com a paz do próximo, com a paz da natureza, com a paz da comunidade". E na Venezuela se disse: "Solentiname é alguma coisa tão de Deus e da Terra, que é um lugar onde a poesia, a semeadura e a colheita não dividem os homens em poetas, semeadores e aproveitadores, mas constituem atividade de uma mesma vida solidária".

Há doze anos, quando o núncio apostólico daquela época aprovou o meu projeto de fundação, em nome da Santa Sé, me disse que ele teria preferido que a comunidade se estabelecesse em um lugar menos remoto e incomunicável que Solentiname, porque ali não iríamos receber nenhum visitante. A verdade é que sempre estivemos cheios de visitantes, da Nicarágua e, principalmente, do estrangeiro, dos mais diversos países do mundo. Muitas vezes eram pessoas que chegavam à Nicarágua unicamente para visitar Solentiname; às vezes, chegavam através do Chile e de San Carlos, sem nem passar por Manágua. Abundante correspondência de todas as partes do mundo chegava a Solentiname, como também livros, folhetos e revistas — embora, ultimamente, já não nos chegasse nenhuma publicação, devido à intervenção de Felipe Rodríguez Serrano, o diretor da Alfândega. As numerosas cartas vindas do exterior ainda continuarão chegando ao correio da Nicarágua, dirigidas a nossa comunidade em cinzas.

Agora, crescerá de novo o mato no lugar onde esteve nossa comunidade, como quando chegamos ali pela primeira vez. Ali, tivemos uma Missa popular camponesa, tivemos quadros, esculturas, livros, discos, aulas, sorrisos de belas crianças, poesia, canto. Agora, só ficou a beleza selvagem.

Eu vivi ali uma vida feliz, naquele quase paraíso de Solentiname, mas sempre estive disposto a sacrificar tudo. E nós sacrificamos tudo.

Acontece que, um dia, um grupo de rapazes de Solentiname (alguns de minha comunidade) e também moças, por convicções profundas, e depois de haver pensado sobre o problema por longo tempo, resolveram empunhar armas. Por que o fizeram? Fizeram-no unicamente por uma razão: por seu amor ao Reino de Deus. Por seu ardente desejo de que se implante uma sociedade justa, um Reino de Deus real e concreto aqui na Terra.

Quando chegou a hora, os rapazes e moças combateram com muito valor, mas também o fizeram cristãmente. Nesse madrugada, em San Carlos, repetidas vezes, trataram de convencer os guardas através de um alto-falante para não terem que disparar um só tiro. Mas, os guardas responderam à bala de metralhadora a seus argumentos e, com muito pesar, tiveram que disparar contra eles também suas armas. Alejandro Guevara, um rapaz de minha comunidade, entrou no quartel, quando já não havia mais que mortos e feridos. Ia incendiar o quartel para que não houvesse dúvidas quanto ao êxito do assalto, mas não o fez por consideração aos guardas feridos. E por não terem incendiado, os setores oficiais disseram, posteriormente, que o quartel não havia sido tomado.

Eu me congratulo com estes jovens cristãos que combateram sem ódio, principalmente, sem ódio aos guardas, pobres camponeses como eles e também explorados. É horrível que haja mortos e feridos. Gostaríamos que não houvesse luta na Nicarágua, nem guardas camponeses matando outros camponeses e, que ao invés disso, houvesse abundância de escolas, círculos infantis, hospitais e clínicas para todos, alimentação e casa adequadas para todo o povo, arte e diversões para todos e, o mais importante, amor entre todos.

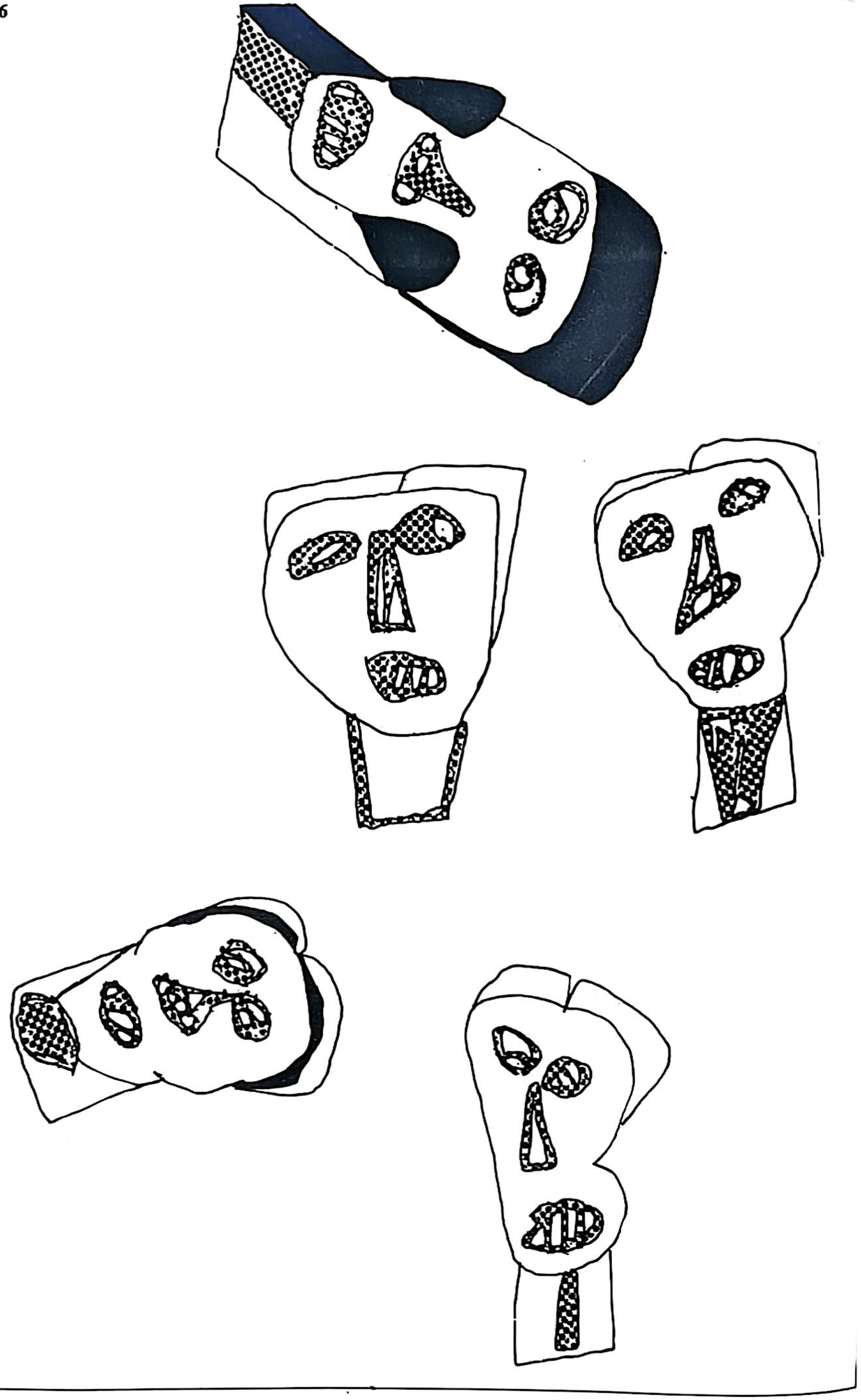
Agora a repressão que por tanto tempo esteve no Norte, chegou a Solentiname. Uma enorme quantidade de camponeses foram presos. Muitos tiveram que fugir. Outros estão no exílio, recordando suas belas ilhas e sua casas destruídas. Eles poderiam ainda estar ali, levando uma vida tranquila, dedicados a suas ocupações cotidianas. Mas pensaram no próximo e no país inteiro. Este é um exemplo para todos.

Solentiname tinha uma beleza paradisíaca, mas está claro que na Nicarágua não é possível nenhum paraíso, ainda.

Não penso na reconstrução de nossa pequena comunidade de Solentiname. Penso na tarefa mais importante que teremos todos, que é a reconstrução desse país inteiro.

CANTO NACIONAL

O poema Canto Nacional, de Ernesto Cardenal, foi dedicado a Frente Sandinista de Libertação Nacional. Cardenal, o maior poeta vivo da Nicarágua, é membro da tendência Terceirista da FSLN; hoje, ele é uma espécie de embaixador da guerrilha, e percorre o mundo inteiro fazendo campanha contra o regime de Somoza, e pela vitória do povo nicaraguense. Selecionamos um trecho de Canto Nacional, que é uma pequena história da dominação imperialista na Nicarágua, e um canto profético de amor.



En las mañanas de mayo, cuando enpiezan las lluvias
canta el zenzontle
en las tarde de julio, después del aguacero
canta su canto dulce el zenzontle
canta libre en el norte. Y el
zanate clarinero, **Cassidiz nicaragüensis**(es un pájaro
nicaragüense) negroazulvioláceo vuela
en octubre o noviembre sobre los pueblos nicaragüenses
es un pájaro proletario — sin ningún adorno — anda siempre
entre pobres.
Y el pájaro-degollado (con mancha roja en el cuello)
canta en los huertos
el toledo de terciopelo negro e boina escarlata
canta TO-LE-DO TO-LE-DO en los cafetales
el pijul de plumage de color de noche canta
PIJUL PIJUL PIJUL
(come las garrapatas del ganado)
el trespesospide canta
TRES PESOS TRES PESOS TRES PESOS
la chorchita canta en los plantíos levantando la colita
el tecolote llora en cementerios y ruinas en las noches de luna
el pájaro-gritón en el río Escondido, está siempre escondido
se oye su grito e nunca se le ve
en las montañas de Curinguás hay quetzales...
En verano desovan las iguanas.
Al principio del invierno nacen las lagartijas.
En mayo el croarrrrr de las ranas con las primeras lluvias.
En junio el zenzontle hace su nido.
En julio los guajipales ponen sus huevos (fosforescentes de
noche los ojos de los guajipales)
y ponen sus huevos en la costa las tortugas paslamas
en las noches sin luna. Y después vienen los vendavales. Es
la época de los temporales. Los grandes aguaceros alegres.
Septiembre: en las cercas de alambre canta el justo-juez
JUSTO JUEZ JUSTO JUEZ JUSTO JUEZ
está cantando así todo el mes.
El lago se llena de golondrinas en septiembre.
Octubre: llegan las tijeretas y se van las golondrinas
posando en los postes del telégrafo a lo largo de los caminos.
Los cuervos pasan por Matagalpa en noviembre
y vuelven en mayo cuando nace el maíz
y se comen los maíces, me contaba un campesino.
En deciembre hay un olor a insecticida en el campo
y en deciembre ponen huevos los zanates
(en marzo nacen las crías de los zanates, y hay
gran algarabía todos los días del verano en los nidos en las palmeras).
En enero empiezan a construir sus nidos las oropéndolas
— nidos de oro colgados en las palmeras de pijivay —
y ponen sus huevos en febrero
y en octubre sus nidos están disiertos, como
una aldea de chozas abandonadas
que van siendo poco a poco desbaratadas pelo viento.
En febrero los cedros están en flor
y canta en la Costa Atlántica el buenos-días haciendo su nido.

En marzo florecen en Solentiname los robles sobre el agua con
y el chichitote canta en el verano el canto más
bello de Nicaragua
y canta el cucurruchí en el verano haciendo su nido
y en la bahía de Bluefields es la pesca de las almejas
— marzo y abril — y
en Ocotal, en abril, la cría de los quetzales.
Pero sucedió que otro país tenía necesidad de estas riquezas.
Por los préstamos de 1911 Nicaragua cedió sus aduanas
a los prestamistas y la dirección del Banco Nacional
reservándose tambiém los banqueros el derecho
de adquirir el Banco Nacional. Por los de 1912
comprometió además los Ferrocarriles. El 2 de Feb. de 1911
el grupo de banqueros Brown and Brothers & Co.
se interesó en nosotros. Para pagar un empréstito
se recurriría a otro, y así
sucesivamente. (Una vez que se entra no se puede salir).
Los banqueros vinieron como barracudas.
Los marinos desembarcan a restablecer el orden
y se quedaran en Nicaragua por 13 años. No basta
el control de las aduanas, los bancos, los ferrocarriles.
Nicaragua también vendió su territorio.
Adolfo Díaz empleado de la mina Angeles Mining Co.,
con 35 dólares a la semana, fue el 'capitalista'
de la 'revolución', prestando al movimiento 600.000 dls.
El pago de empréstito a Brown Brothers
quedaba garantizado con las rentas de aduanas.
Corrupción, corrupción nacional fue el banquete de los banqueros
un banquete de zopilotes
caballeros de negro frac en rueda como zopilotes.
Y los politicos: como murciélagos ciegos que nos cagan
colgados en lo escuro cagándonos y orinándonos
cagadas y meadas de los murciélagos de color de tinieblas
negras alas revoloteando en el aire negro.
Otros 500.000 fls. prestados para la estabilización del
cambio pero — el banquete de los banqueros —
el dinero tampoco sale de manos de los banqueros de Nueva York.
La garantía era entregar el país a los prestamistas.
El dinero del préstamo de 1911 era para crear el Banco Nacional
pero se dejaba el Banco Nacional en manos de los banqueros.
Los banqueros Brown Brothers compraran todo el papel quiseran
o sea todo el papel moneda que quiseran, a 20 por un dólar

y lo vendieran a 12,50 por el dólar el papel que quiseran
o sea 20 pesos comprados costaban 1 dólar (y podían comprar
los que quisieran) y vendidos (cuando ellos quisieran) valían
un dólar sesenta. Es decir
conpraban dinero barato para venderlo caro
se lo compraban al país para venderlo al país
con lo qual encarecieron el maíz, las casas, la educación,
las danzas, el tiquete de tren.
Ese fue el saqueo de la mafia de los banqueros.
Asaltaran como pistoleros la moneda nacional.

A REBELIÃO DO TEMPO

O tempo sandinista começou há 52 anos, com a assinatura de um acordo ironicamente conhecido como o pacto do espinho negro, depois de uma invasão dos marines americanos. A Nicarágua despertava. Sandino nas montanhas, os Somozas, passo a passo construindo sua dinastia, seu império econômico. O nascimento de um exército proletário e camponês, independente, simbolizava, com sua bandeira colorada e negra, a liberdade ou a morte. A rebelião da história, na Nicarágua, começa neste momento, e de lá para cá, o tempo tem um significado diferente para aqueles que o ignoram, ao contrário daqueles que buscam a reconciliação de um povo com seu tempo e sua paz.

1926

O movimento Sandinista começa a se estruturar durante o período da chamada "Guerra Constitucionalista", marcadamente lutas interburguesas (burguesia urbana X oligarquia), onde uma fração burguesa solicitou a intervenção dos EUA, para resolver a questão do poder entre os liberais e os conservadores. As duas tendências diferenciavam-se, fundamentalmente, pela vinculação dos primeiros à terra e ao comércio, e dos conservadores ao capital internacional, na época menos representativos que agora. Daí, os *marines* americanos acabam desembarcando na Nicarágua, encontrando a resistência armada dos homens de Sandino. Esses homens, formavam um exército proletário e camponês independente, que levantava uma bandeira rubro-negra, que simbolizava a liberdade ou a morte.

Os EUA respondem a essa situação, com a criação de uma força nativa, "não-partidária", a Guarda Nacional, que substituiu os *marines* em seu papel de árbitro político, protetor dos interesses americanos, e exterminador da resistência popular.

1927

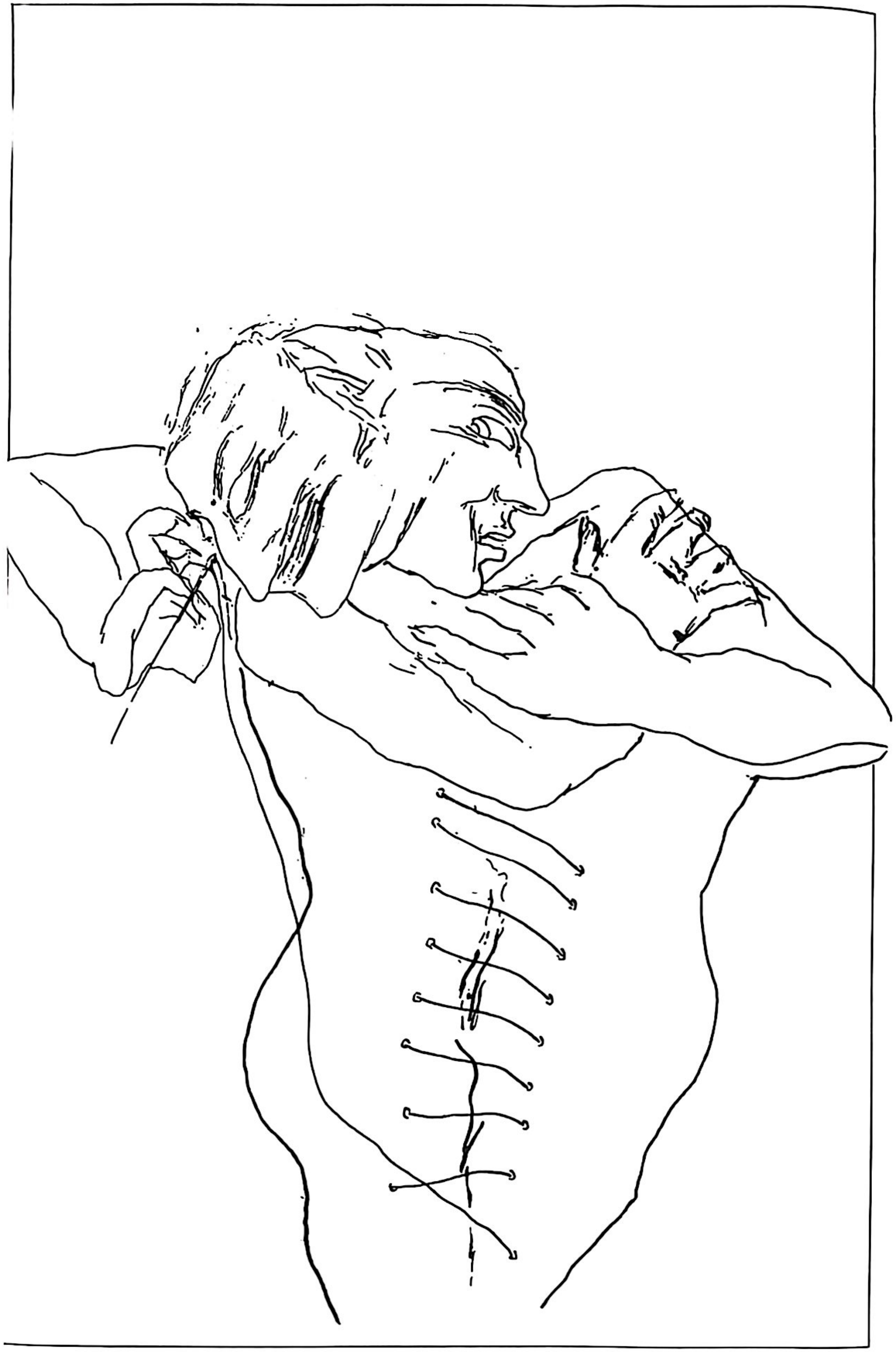
A guerra civil então deflagrada, tem seu final em 1927, quando os dois partidos burgueses assinam um pacto denominado Pacto do Espinho Negro, antepondo seus próprios interesses aos do imperialismo, onde os liberais entregam suas armas e assinam sua rendição.

Sandino não aceita o pacto, e continua a lutar. Nesse período, a resistência armada converte-se numa guerra de libertação nacional, fundamentalmente anti-imperialista e anti-burguesa, e todo o norte central do país transforma-se em um verdadeiro campo de batalha, com as forças sandinistas dominando várias cidades da região.

1933

Juan B. Sacasa é eleito presidente da Nicarágua, e os *marines* retiram-se do país. Anastacio *Tacho* Somoza Garcia é indicado pelo embaixador americano para o mais alto posto nicaraguense, o de diretor da Guarda nacional, e recebe da revista *Time*, o apelido de "El Yanqui".

Depois de assumir o poder, Sacasa tenta forçar o controle civil da Guarda Nacional, mas Somoza tinha outros planos. Negociar com os liberais, para



obter o apoio destes às suas ambições presidenciais, prometendo em troca algumas vantagens políticas. Em 1935, tornava pública sua disposição de vencer as próximas eleições presidenciais.

Sacasa e os Conservadores tentam objetar, exigindo inclusive a intervenção dos EUA para controlar Somoza, que nessa época cria uma base civil e política independente para reforçar seu controle sobre a Guarda Nacional e o país.

Em 1934, Sandino é assassinado por soldados de *Tacho* Somoza Garcia, com a ajuda da embaixada americana. Dois anos depois, *Tacho* Somoza é eleito presidente, após desempossar Sacasa, permanecendo no poder até 1947.

1936

O exército sandinista é praticamente dizimado, e o movimento vive um período de decadência e desorganização. Por outro lado, o somozismo institucionaliza-se, com seus métodos violentos e formas de repressão das mais brutais já vistas. Somoza usa seu poder político para eliminar seus competidores na área econômica, e utiliza os fundos governamentais e das instituições para seu enriquecimento pessoal.

Com a deflagração da II Guerra Mundial, Somoza expropria várias propriedades alemãs (de café), e explora, ao máximo, as restrições comerciais de emergência, monopolizando as licenças de venda de exportação e importação, estocando vários produtos até que seus preços subissem assustadoramente, colocando-os, então, no mercado negro.

Em 1947, Leonardo Argüelo, candidato indicado por Somoza é eleito presidente, permanecendo no poder 28 dias! É derrubado pelo mesmo Somoza que o indicou, que coloca em lugar Benjamin Lacayo Sacasa, que não obtém o reconhecimento dos EUA. O mesmo Somoza depõe Benjamin Sacasa, três meses depois!

1947

Victor Román Y Reyes (tio de Somoza) é eleito pela Assembléia Constituinte como novo presidente, sendo morto duas semanas após as eleições. Somoza então é escolhido pelo Congresso para sucedê-lo.

A repressão sobre a população nicaraguense continua violenta, e Somoza Garcia continua a ascender economicamente.

Por outro lado, o ano de 1948, marca um ascenso nas lutas guerrilheiras, a princípio, com os remanescentes do exército sandinista, então vivendo no exterior, e por isso mesmo sem grandes vínculos com as massas. Outros anos que marcaram um recrudescimento das lutas guerrilheiras foram 1953 e 1959.

1950

Tacho Somoza consegue se reeleger para a presidência, depois de firmar um pacto com o Partido Conservador, então dirigido por Emiliano Chamorro, que obtém um terço das cadeiras no Congresso, e alguns postos governamentais. Há uma maior garantia de liberdade de comércio, ou melhor, de competição comercial, e o estabelecimento de entidades bancárias independentes. Em troca, os Conservadores aceitam o status de "oposição oficial". Assim, o mais poderoso setor da burguesia nicaraguense dá certa legitimidade ao regime, e reconhece o poder de Somoza como peça central do sistema político econômico do país.

Em 21 de setembro de 1956, Rigoberto Lopes Perez, agindo por sua própria conta, assassina *Tacho* Somoza. A oposição permite, sem grandes obstáculos, que Luiz Somoza, filho mais velho de *Tacho*, assuma a presidência, e que a Guarda Nacional passe a ser dirigida por outro filho de *Tacho*, Anastácio *Tachito* Somoza Debayle. Em poucos meses, mais de doze mil pessoas são aprisionadas pela Guarda Nacional, e durante três anos, uma série de lutas armadas ocorrem no país. Em 1959, centenas de estudantes universitários são massacrados em León, por protestarem contra a violência policial.

1960

Em 1960, como resultado das pressões dos EUA, e da necessidade de obtenção de apoio da Oposição, Luis Somoza é forçado a ressuscitar o programa de "liberação" de seu pai, prometendo "honestidade nas eleições", e prometendo governar somente durante um período constitucional.

No início desse mesmo ano, vários estudantes radicais, influenciados pela revolução cubana, começam a se organizar entre setores da classe operária, do campesinato e da pequena burguesia. Entre 1961 e 1963, consolida-se a então chamada Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) que se define como uma organização revolucionária anti-imperialista, que busca a derrubada de Somoza, e a destruição das estruturas burocrática, militar, e econômica que o sustentam. Assumem todos os pontos levantados por Sandino: o compromisso férreo e duro de oposição ao imperialismo americano, a denúncia dos colaboradores locais, e a necessidade da luta armada. Imediatamente, a FSLN começa a formar um exército guerrilheiro popular, atacando várias guarnições da Guarda Nacional, e realizando vários combates em campo aberto.

O período de 1962 a 1967, marcou a consolidação da FSLN, seu período de maior experiência e combatividade. Feito um balanço dessa atuação, surge uma nova estratégia, conhecida como Guerra Popular Prolongada — GPP — que dava prioridade ao proletariado rural, como base social mais importante do movimento revolucionário, sendo que sua principal tarefa seria a construção de um exército popular na zona rural do país.

Anos mais tarde, a FSLN iria se dividir, devido a contradições internas, sobre as táticas e estratégias votadas. Surgirão então três tendências: a que se manteve fiel à estratégia da GPP, e que acaba adotando esse mesmo nome; uma denominada Tendência Proletária, que via a necessidade de se voltar mais para as massas urbanas; e uma terceira, conhecida pelo nome de Terceiristas, defendendo o trabalho com militares e setores burgueses, achando necessário um longo período de acumulação de forças.

1963

René Schick, candidato escolhido pela família Somoza, é eleito presidente. As disputas na família Somoza se acirram. Luis Somoza era considerado o mais astuto dos membros da família, em matéria de política. Seu irmão *Tachito*, insistia de que o poder deveria permanecer totalmente nas mãos do clã, ou seja, em suas próprias mãos, com a Guarda Nacional jogando um papel central. Já em 1965, *Tachito* começa a preparar a máquina do partido para que pudesse ser eleito em 1967. Essa campanha foi marcada pela violência, e culminou com a morte de centenas de estudantes, em Manágua, que protestavam contra a eleição de Tachito. As disputas familiares, chegam ao fim, quando uma doença cardíaca leva Luis Somoza à morte.

Em 1965, tropas nicaraguenses participam da invasão da República Dominicana, auxiliando os *marines* americanos. E não colocando limites a esse tipo de solidariedade, o governo Somoza oferece tropas de apoio aos EUA, na guerra da Coréia e do Vietnã. Institucionalizando o papel de cão-de-guarda do Caribe, desempenhado por seu pai, *Tachito* teve uma atuação importantíssima na criação do Condeca (Conselho de Defesa Centro Americano), em 1964. Este órgão, tutelado pelo Pentágono, tem como função, coordenar as ações contra-revolucionárias de todos os exércitos da América Central.

Ainda na década de 60, Somoza beneficia-se muito da Aliança para o Progresso, vai enriquecendo cada vez mais. Gradativamente a Guarda Nacional passa a ser uma espécie de instituição privada do Clã Somoza.

1967

Em 1967, *Tachito* Somoza é eleito presidente e, em 1972, um triunvirato sob suas ordens assume o poder, depois de negociações realizadas com a oposição. Nesse mesmo ano, no dia 23 de dezembro, um violento terremoto destrói 90 por cento do setor comercial de Manágua. Somoza e seus discípulos enriquecem rapidamente com os fundos de "reconstrução" de Manágua, vindos do exterior, e que totalizavam US$ 250 milhões. É a partir de então que Somoza passa a assumir o poder absoluto do país.

As lutas guerrilheiras se intensificam, centralizando-se fundamentalmente nas montanhas mas, somente depois de 1973, a FSLN começa a ocupar temporariamente algumas cidades, julgando em tribunais populares alguns oficiais e emboscando patrulhas da Guarda Nacional. O caráter das lutas sandinistas deixam de ser exclusivamente rurais, e suas atividades encontram adeptos e simpatizantes nas cidades, principalmente nas organizações sindicais e no Partido Socialista da Nicarágua — que descreve a si próprio como um partido comunista tradicional. Alguns setores do clero também se solidarizam com a

FSLN, fazendo com que as ações da organização adquiram maior extensão. No mesmo grau, cresce a repressão somozista. A população civil é duramente perseguida, morta e torturada. Somoza promete ao país que eliminará todo foco guerrilheiro existente.

1974

Em 1974, *Tachito* Somoza é eleito para governar o país até 1981. Essa eleição foi boicotada pela maior parte dos partidos de oposição.

A partir de 1974, o aparato montado pela dinastia Somoza começa a se deteriorar. Porém, a profunda crise econômica da Nicarágua indica que setores burgueses não tiveram capacidade de desenvolver uma alternativa coerente ao governo de *Tachito*. Ao mesmo tempo, o desafio revolucionário ao somozismo começa a assumir novas dimensões.

Com o aprofundamento da crise, acirram-se as contradições no país, e cresce a oposição aos métodos de governo de *Tachito* Somoza, que procura em primeiro lugar, consolidar seu poder político e aumentar a sua fortuna pessoal. Junto com isso, a crise internacional obriga os EUA a modificarem sua política exterior, sendo mais cuidadosos no apoio que sempre prestaram à ditadura nicaraguense, procurando, também, uma outra alternativa política para o país. E, por último, o setor oposicionista cresce vertiginosamente, fortalecendo cada vez mais a FSLN.

Em 27 de dezembro de 1974, a FSLN invade o local onde se realizava uma festa natalina, aprisiona vários políticos e alguns membros da família Somoza. Esses reféns são trocados por vários prisioneiros políticos e por um milhão de dólares de resgate.

Nessa mesma época, uma alternativa parece surgir no país. Pedro Chamorro, editor do jornal La Prensa, crítico e opositor liberal do regime somozista forma a União pela Liberação Democrática (UDEL), colocando em seu programa reformas progressivas, incluindo eleições livres, reforma agrária, e "auto-determinação nacional".

Em outubro de 1977, surge o chamado grupo dos Doze (Los Doce), composto por influentes homens de negócios, pelo clero e intelectuais, muitos deles com laços familiares com a FSLN, e que representam a corrente burguesa mais radical.

As lutas entre os soldados de Somoza e a FSLN não cessaram um só instante, ao contrário, crescem cada vez mais.

1978

Em Janeiro de 1978, Chamorro é assassinado pelo bando de *Tachito*, sob as ordens de seu filho, Anastácio Somoza Portocarrero. A morte do líder oposicionista, foi uma espécie de gota d'água para fazer transbordar os ânimos da população nicaraguense. Iniciam-se violentos enfrentamentos armados, e a Nicarágua assiste a um dos maiores protestos de massa de sua história.

No dia 23, a UDEL chama a unidade para a realização de um lock-out e de uma greve geral.

Em fevereiro, a FSLN ataca as quatro maiores cidades do país, mas não consegue grandes resultados, porque os EUA ainda estavam sustentando as forças somozistas, e a UDEL dava um apoio débil, movendo-se com lentidão.

Em março, surge o Movimento Democrático Nicaraguense (MDN), liderado por Alfonso Robelo Callejas, um empresário muito ligado aos bancos privados nicaraguenses e ao capital americano.

Dois meses depois, outro grupo burguês é formado, a Frente Ampla de Oposição (FAO), buscando aparecer como uma possível alternativa, e recebendo a aprovação dos EUA e de uma tendência da FSLN.

O ano de 1978 foi marcado pelos combates mais violentos entre os sandinistas e as tropas somozistas. Os guerrilheiros tomaram várias cidades, como Masaya, Estelí, Leon. E a única forma encontrada por Somoza para tentar derrotar os guerrilheiros foi ordenar o bombardeio dessas cidades. Um dos episódios mais dramáticos foi o ocorrido na comunidade indígena de Monimbó, onde os habitantes lutaram de todas as formas possíveis contra a Guarda Nacional. Esta veio armada até os dentes com tanques, artilharia pesada e aviões, matando centenas de pessoas. Algumas semanas depois, Monimbó pareceu acordar, nova insurreição ocorreu, desta vez com muito mais violência. Outras comunidades indígenas, como Jinotepe e Diriamba, viveram a mesma situação.

Em 22 de agosto, os *Terceiristas* atacaram o Palácio Nacional de Manágua, prendendo vários oficiais e parentes de Somoza, que não teve outra coisa a fazer, senão aceitar as reivindicações dos invasores.

NICARÁGUA, UMA NOVA CUBA?

O que fazer com Somoza e seu regime putrefato?

Aí está o problema chave para os planos de Carter, e dos setores capitalistas norte americanos, que sustentaram o clã Somoza, durante décadas.

E, também, uma questão crucial para todos os trabalhadores e socialistas latino-americanos, pois uma vitória sobre esta nefasta ditadura causará um impacto e um estímulo à luta, em todo o continente.

Assim, falar do processo que se desenrola na Nicarágua, significa analisar, e refletir, sobre as duas questões apontadas acima. E prever algumas hipóteses possíveis da atual dinâmica do conflito. Vejamos.

É evidente a diferença entre a política exterior de Carter e de Nixon. Em geral, a atual administração governamental do imperialismo norte-americano mostra-se simpática à formação de governos, que contam com a participação, e a aliança de setores nacionais, ligados ao capital financeiro e monopolista. Entre outros sintomas, a atual situação econômica e política, a nível mundial, mostra a tendência à crise dos governos militares, e a incapacidade de se conter novos ascensos de massas, utilizando os métodos tradicionais de terror.

A atual situação de dois dos antigos melhores aliados dos governos norte-americanos, Somoza e o destronado Xá do Irã, prova que as ditaduras sustentadas pelos militares podem ter um final explosivo, fora de seu controle, com a eclosão de violentas insurreições populares.

Assim, há uma reformulação tática da política e, conseqüentemente, da diplomacia dos Estados Unidos: pressiona-se esses regimes ditatoriais para que realizem "aberturas democráticas", ou na nossa versão cabocla, a chamada "democracia relativa". O modelo preferencial a ser seguido seria o da Espanha, onde Franco deixou, lentamente, o papel de protagonista principal para o rei Juan Carlos, o forte partido governista de Suarez, e um certo poder para o Parlamento.

No entanto, será possível esta mesma transição na Nicarágua?

O próprio imperialismo norteamericano não tem ainda uma resposta clara a essa questão. Oficialmente, cortou toda a "ajuda" militar e econômica com Somoza. Porém, por vias indiretas, através de Israel, ou de grupos econômicos monopolistas norteamericanos, mantém a colaboração com o regime ditatorial. Propôs a Somoza, via OEA e uma comissão negociadora, um plebiscito com mediação internacional, sobre a permanência ou não do tirano. A resposta deste foi uma sorridente e irônica negativa.

Em conseqüência, Somoza continua, e a crise do seu regime também. Atualmente, só a ponta das baionetas da Guarda Nacional ainda mantém a velha dinastia. Mas, as rupturas na Guarda já começam a transparecer, e ao mesmo tempo, a imensa maioria das classes e camadas sociais nicaraguenses se opõem, de uma forma ou de outra, ao **bunker**. Sinteticamente, podemos afirmar, sem receio, que o regime de Somoza tem os seus dias contados, à exceção, o que não cremos exeqüível na prática, que o velho tirano realize um massacre generalizado.

O mais provável, dentro de uma ótica da burguesia, da Nicarágua e do Plano Carter, é forçar, lentamente, através das armas da economia, que Somoza faça concessões democráticas e garanta uma maior participação das classes dominantes nas esferas de decisão, de poder, negociando a presença ou não de Somoza, ou de outro membro de seu clã.

A outra hipótese, uma mudança **a la española**, nos parece difícil, pois não há um personagem central, arbitral, como Juan Carlos, nem um partido sólido como a UCD de Suarez, nem uma economia tão equilibrada como a espanhola.

É interessante constatar, neste xadrez político, que o conjunto da burguesia nicaraguense, a exemplo de Carter, usa também táticas ambíguas. Ao mesmo tempo que se opõe a Somoza, busca, avidamente, um acordo político com o **bunker**. Faz a figura de um burro de carga, que se lamenta do fardo que tem nas costas, mas que insiste em carregá-lo. Por outro lado, estende a sua mão esquerda à Frente Sandinista, temendo que a luta de massas contra Somoza signifique seu próprio fim.

No entanto, a confusão reina também no outro lado da barricada. A Frente Sandinista aceita o convite, com a mão direita, enquanto continua se implantando entre a população trabalhadora urbana e rural.

Se é verdade que a violência sempre foi a parteira de uma nova história, ou como disse Clausewitz, a guerra é a continuação da política por outros meios, a luta que ora se trava contra Somoza por meios armados exige, para o seu êxito, uma condução política que vá de encontro e solucione as necessidades reais — econômicas, sociais e políticas — com que se defronta a maioria da população nicaraguense. Se nesse momento o objetivo central é de queda da ditadura Somoza, exigência sentida pela população, por outro lado, a luta significa, para o campesinato, e já começa a ser na prática, a Reforma Agrária, o fim do latifúndio, a redistribuição de terras, e uma maior participação na distribuição da riqueza nacional. Nessa dinâmica, e ao constituir a maioria da população do pais, o campesinato tenderá a se mover junto ao Partido, que levar suas exigêncxias até as últimas consequências, o que significa um enfrentamento não somente com o imperialismo, como também com a burguesia agro-exportadora. Ou seja, entrará em choque direto com setores das classes dominantes que hoje se opõem à Somoza.

O mesmo raciocínio, ainda que as reivindicações sejam diferentes, pode ser aplicado ao proletariado urbano e rural. Em seu movimento próprio, eles tenderão, inevitavelmente, a se confrontar com outros setores das classes dominantes que se opõem a Somoza.

Esta é a dialética da revolução na Nicarágua, o que implica uma possibilidade de unidade de ação entre classes e partidos distintos, na luta contra Somoza, contra o regime ditatorial, mas sem que isso signifique tentar construir um mínimo denominador comum, a nível político e organizativo. Essa nivelação redundaria no programa político das forças mais retrógradas da burguesia opositora: elas imporiam os limites de uma unidade política e organizativa permanente, no caso a Frente Patriótica.

Assim, mantendo uma unidade de ação frente a deteminadas questões concretas, e que sejam elementos de mobilização do conjunto da população, os sandinistas teriam de preservar a sua independência política e organizativa, implantando-se, e levando até o fim as reivindicações dos trabalhadores do pais. Um pequeno e interessante exemplo deu-se durante o mês de janeiro, num comicio massivo realizado em Manágua. A multidão, como sempre, gritava a plenos pulmões as tradicionais palavras de ordem «Patria libre o morir», «En la montaña enterraremos el corazón del enemigo». Rompendo o tradicional, repentinamente, um pequeno grupo de pessoas anônimas descobriu uma nova palavra de ordem: «Sandinistas al poder», e, imediatamente, ela tomou conta das vozes e dos corações dos manifestantes. Ironicamente, os dirigentes sandinistas presentes ao ato, emudeceram, constrangidos.

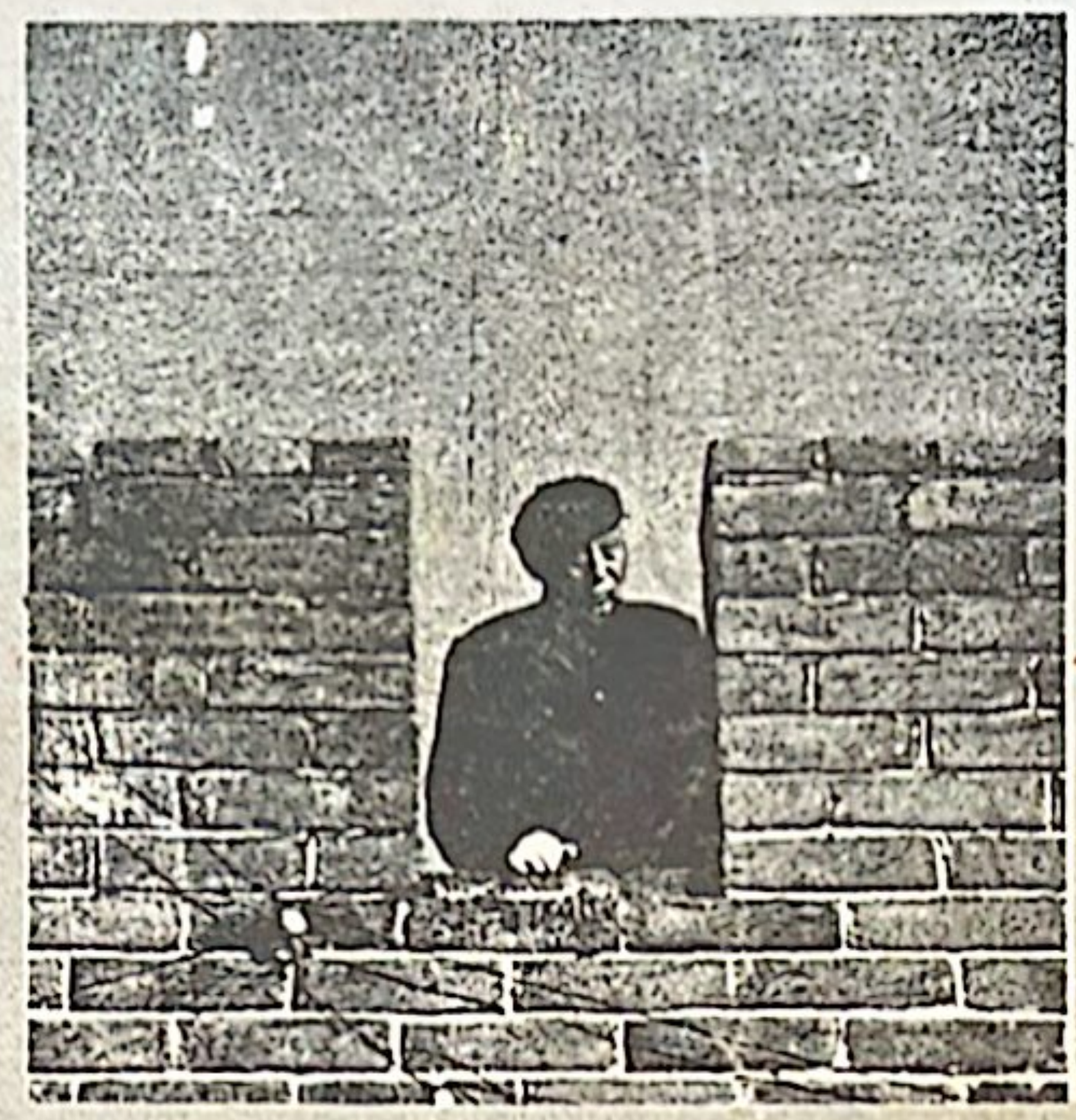
Nicarágua, será uma nova Cuba?

Teoricamente, é possível uma repetição. Há muitos traços similares entre o regime de Somoza e o de Batista, bem como a disposição de luta das massas trabalhadoras, o Movimento 26 de julho de Fidel Castro e a Frente Sandinista. Por outras palavras, é possível que a permanência aberrante de um regime putrefato, por um lado, e a disposição de luta dos trabalhadores, por outro, sejam fatores determinantes na ultrapassagem, seja de uma reciclagem burguesa ao regime de Somoza, seja das limitações da direção política da Frente Sandinista.

«... Somos noventa milhões de hispano-americanos e devemos pensar somente em nossa unificação (...) Os tiranos não representam as nações, e a liberdade não se conquista com flores...»

(A.C. Sandino)

CHINA X VIETNÃ



Nahuel Moreno, Ernest Mandel, Enio Bucchioni, Elizabeth Marie escrevem sobre o conflito da China e do Vietnã, a revolução chinesa e indochinesa, as raízes do maoísmo e a crise mundial do stalinismo.

AGUARDEM
Dia 15 de maio nas melhores bancas e livrarias

versus

Coleção Luta de Classes